

Giuliano Saneh

**A formação do pensamento intolerante: um ensaio
sobre a desvalorização do outro**

**Florianópolis
2002**

Giuliano Saneh

**A formação do pensamento intolerante: um ensaio
sobre a desvalorização do outro**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Sociologia Política da Universidade
Federal de Santa Catarina – UFSC para
obtenção do grau de mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Janice Tirelli
Ponte de Sousa.**

**Florianópolis
2002**

Giuliano Saneh

**A formação do pensamento intolerante: um ensaio sobre a
desvalorização do outro**

Florianópolis, julho de 2002

BANCA:

Orientadora: Profa. Dra. Janice Tirelli Ponte de Sousa
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Luzinete Simões Minella
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Iray Carone
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Lígia Helena H. Luchmann
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Aos amigos da APG Revolucionária: Gilmar, Evandro, Alexandre e Daniela, que me ajudaram a conhecer melhor o mundo acadêmico (e não acadêmico). Mesmo as partes que não gostaríamos de ver.

Aos companheiros de longos anos que me trouxeram ou me receberam na ilha de Santa Catarina Ney, Deka, Nerílton e Cláudia, aos amigos que ficaram espalhados pelo país Emerson, Elisa e André.

Aos companheiros de república, Cícero e Juca.

Aos colegas de minha turma de mestrado pela recepção e convívio. Ao amigo Itamar e a rapaziada do CFH pela ajuda na busca de informações e pelo bate-papo do cafezinho.

Aos professores do primeiro ano pela compreensão.

À Isabella e Silvana pela ajuda e amizade em todos os momentos.

À Janice, pela orientação, pela paciência (*tolerantia*) e pela inestimável ajuda em todos os momentos.

Aos meus pais Isaura e Ahed e ao meu irmão Fernando.

Giuliano

RESUMO

Intolerância é desvalorizar outra pessoa, qualquer que seja o motivo (social, sexual, religioso, estético, etc.). Os exemplos históricos de intolerância revelam características que aproximam “monstros cruéis”, seres capazes das maiores crueldades, com pessoas “normais”, aparentemente desvinculadas do que o senso comum entende por intolerância. A irreflexão, o individualismo egoísta, a mente hierarquizada, a competitividade degenerada são características presentes a qualquer sistema político, encontradas e até mesmo estimuladas em insuspeitas instituições democráticas. O triunfo da racionalidade técnica – uma das esperanças da emancipação humana – sobre a escuridão do misticismo bárbaro, resultou na opressão, na violência, no assassinato em massa. O desenvolvimento tecnológico, praticamente sinônimo do progresso do conhecimento, é parte fundamental da educação para adaptação – o ensino voltado para colocar, da melhor forma possível, as novas gerações no mundo “maduro” da sociedade estabelecida. No entanto, esse ensino abandona a reflexão, procurando suprir as necessidades mercadológicas imediatas. Ao optar exclusivamente para adaptação, a educação institucional deixa de ser uma esperança para a emancipação do indivíduo, tornando as novas gerações perfeitamente aptas ao convívio social, qualquer que seja a natureza dessa sociedade e de seus sistemas de governos. Nesse contexto, jovens que têm instrução formal e “pesquisadores históricos” se utilizam dos novos meios eletrônicos para propagar e discutir velhas idéias racistas e intolerantes sob novas roupagens nacionalistas. O reflexo dessa propagação é perceptível no crescimento expressivo da extrema-direita nas urnas mundiais e nas ações violentas praticadas contra imigrantes em países europeus, ou em ataques contra homossexuais e imigrantes nordestinos no Brasil. Aparentemente distantes, as discussões ideológicas encontram materialização nos cenários violentos tão próximos do nosso cotidiano.

SUMÁRIO

I Introdução.....	1
1. A intolerância e sua visibilidade.....	8
1.1 A desvalorização do outro.....	11
1.2 A banalidade do mal.....	20
1.3 O domínio total de tudo e de todos.....	24
2. O pensamento intolerante.....	35
2.1 O autoritarismo e a degeneração da autoridade.....	37
2.2 A “massa atomizada”.....	43
2.3 Minha única língua é o “oficialês”.....	50
2.4 O outro como inimigo	54
3. Da adaptação à emancipação: o pêndulo da educação.....	58
3.1 A ambigüidade.....	59
3.2 O poder educativo do pensamento reflexivo.....	64
3.3 “Soldado de uma idéia”.....	70
3.4 A complexidade.....	77
4 Nas pegadas da intolerância	81
4.1 Tão longe, tão perto.....	83
4.2 O fundamentalismo cultural.....	94
4.3 A “implosão da mentira do século”	114
5 Reflexões finais.....	134
Bibliografia.....	143

Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós, sem negar sua existência nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela, qualquer que seja.

Hannah Arendt

I INTRODUÇÃO

Em dezembro de 1999 – data do anúncio dos candidatos aprovados no curso de Mestrado em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, portanto, o início efetivo desta pesquisa, o quadro político dos países europeus mostrava o domínio da social-democracia como forma de governo nas maiores democracias do continente. Sintomaticamente, em outubro de 1999, na Áustria, o Partido Liberal Austríaco (FPÖ) de Jörg Haider obtivera 27% dos votos nas eleições, e para mais tarde em fevereiro de 2000 formar coalizão com os conservadores no novo governo austríaco, o que gerou protestos por toda a Europa, inclusive com ameaça de exclusão da Áustria da União Européia, uma vez que o Partido Liberal defende políticas de exclusão para os imigrantes, e faz constantes elogios a certas práticas nazistas.

Em 2002, ano que se conclui esta dissertação, o cenário político na Europa confirma o declínio dramático do socialismo, que é atropelado pelo avanço da direita e acompanhado pelo progresso dos extremistas e seu discurso xenófobo nacionalista. Na Holanda, o líder da extrema-direita, Pim Fortuyn, obteve 34% dos votos para a prefeitura de Roterdã, de onde estava saindo para disputar como favorito as eleições nacionais, quando foi assassinado. Na Itália a Liga Norte, também de caráter assumidamente xenófobo, integra o governo do direitista Silvio Berlusconi. Na Dinamarca, o Partido do Povo Dinamarquês é o terceiro partido do país – depois de 72 anos há maioria da direita no Parlamento Dinamarquês. Na Bélgica o *Vlaams Blok* (bloco flamengo), partido ultranacionalista que aplaudiu a chegada ao poder de Haider na Áustria, é o quinto partido político do país. Na França Jean-Marie Le Pen, da Frente Nacional, conseguiu levar pela primeira vez a extrema-direita para o segundo turno das eleições presidenciais, ao obter 16,9% dos votos no primeiro turno – Le Pen bateu o candidato socialista Jospin, deixando no segundo turno, como opção aos franceses, a direita tradicional (Chirac) e a direita extrema.

Fora da Europa, os americanos, após 8 anos de governo democrata – quando foi registrado o maior período de crescimento econômico da história dos Estados Unidos –

optaram por eleger um presidente do conservador Partido Republicano. Em Israel o líder da extrema-direita, Ariel Sharon, foi eleito para solucionar a “questão palestina” que os liberais governos anteriores não conseguiram.

Realidades tão diferentes, e aparentemente tão distantes da nossa vida cotidiana, acabam por revelar certos elementos que se aproximam de um passado recente da história humana. Após um século de guerras – quentes e frias – e massacres, a tão esperada retomada de um rumo civilizatório (de desenvolvimento social e econômico, acompanhado de paz) esbarra novamente na intolerância.

Na falta de uma meta-ideologia polarizadora dos conflitos globais, o “outro”, o estrangeiro (o estranho) torna-se o grande inimigo, contra qual parecem unir-se diferentes partidos e políticos de várias tendências e diversas intenções, pois é ele, o imigrante, que invade e arrasa séculos de tradição cultural, o indivíduo de comportamento, religião e cor da pele diferente da “nossa” que toma nosso emprego e ainda recebe benefícios pelos quais “nós” pagamos.

Facilmente identificável, como no caso da extrema-direita européia, ou oculto sob uma patriótica e inocente defesa da nação, o xenofobismo é um elemento comum a nova política. Na essência do xenofobismo está a intolerância, a crença de que o “eu” é melhor – por qualquer motivo – do que o “outro”.

A facilidade com que grande parte da população recebe calorosamente propostas de exclusão e separação revela que, longe de uma linearidade evolutiva, a memória social parece circular, movendo-se para frente ou para trás de acordo com suas necessidades de momento. Não há uma análise histórico-coletiva que pressuponha um processo de reconhecimento e aprendizagem dos erros passados para sua superação no presente e futuro. Sob determinadas circunstâncias, os homens recorrem aos mesmos argumentos, mesmo que estes já tenham causado dor e destruição.

Toda mudança de rumo tem um ponto zero: o momento que se percebe a necessária alteração. Quando se entra para um curso de Administração de Empresas, com dezessete anos, não se sabe, assim como muitos jovens, o que esperar exatamente da vida acadêmica e do convívio com os novos colegas. Mas todos parecem saber o resultado final do processo –

um diploma e a posterior compensação financeira que premia os “anos de sacrifício” (o estudo).

Tudo que interfere na rapidez deste objetivo é tratado como obstáculo, como por exemplo a inclusão de disciplinas “supérfluas”, consideradas matérias não essenciais que tomam o tempo com assuntos que não resultam em nenhum “progresso no futuro profissional”. No caso específico do curso de Administração as disciplinas “supérfluas” seriam Filosofia, Sociologia, Antropologia e Política. Em todas as aulas destas matérias eram claros os comentários jocosos e pejorativos dos alunos em relação ao ensino de teorias “velhas” – como a filosofia de Platão e Aristóteles – e “inúteis” como a vida de índios no interior da Amazônia.

Muitos dos comentários irônicos e brincadeiras contaram, na época, com nossa participação. Porém, ter como a grande meta a garantia de um futuro profissional (entenda-se financeiro) sempre nos pareceu um equívoco, um objetivo que perseguido e alcançado seria sempre muito pequeno para a imensidão de situações e a complexidade que abrangem o convívio social. Afinal, não seria para este convívio que estávamos nos preparando? Resumindo, mesmo num dos grandes momentos de sociabilização de uma geração nova, prestes a assumir sua “responsabilidade social”, o grande objetivo de todos acaba sendo a satisfação dos desejos individuais, necessidades egoístas mesmo – um ótimo salário, uma família, um bom clube. Isso sempre nos pareceu uma contradição grave, com conseqüências maiores do que podíamos supor na época.

O ingresso no famoso “mercado de trabalho” revelou-nos um aprofundamento dos “valores” egoístas prometidos pela época universitária. A relação entre jovens recém-formados, profissionais experientes e funcionários com pouca instrução formal, que poderia ser um momento de troca e aproveitamento mútuo entre as partes, constituiu-se na prática, na famosa “lei do mais forte”, na qual o grau de instrução surge como uma arma usada em proveito próprio contra a fraqueza dos demais.

O dia-a-dia profissional se desenvolve através de uma onda de modismos e teorias importadas que trazem dezenas de gurus pregando novas fórmulas de administrar e conquistar o sucesso. Nomes como Reengenharia, Qualidade Total, 5’ S, Iso’s, etc. se

sucedem em intermináveis revoluções do mercado (este sempre sob ameaça de um processo de “globalização inevitável”). Uma quantidade absurda de pensamentos prontos e acabados começa a fazer parte do cotidiano de empresas e funcionários. Quem não se mostrasse disposto a colaborar, ou seja, não assumisse inquestionavelmente as novas leis ou, como dizíamos, não “vestisse a camisa”, estava prejudicando a todos.

Curiosamente, entre os novos *gurus* – os super executivos que conduziam palestras e gravavam vídeos para empresários divulgando suas técnicas revolucionárias – era muito valorizada a interdisciplinaridade. Por exemplo, um antropólogo que ensinava Motivação aos funcionários e gerentes era respeitado, pois conhecia mais do que eles. É claro que o antropólogo falava exclusivamente sobre a empresa e os funcionários, ensinando o caminho do sucesso. Jamais falava sobre antropologia, a não ser para exemplificar casos curiosos (os momentos cômicos necessários para cativar a atenção da platéia) como os de suas vivências entre tribos indígenas.

A vontade de entender os princípios que determinam a predominância do desejo individual sobre o coletivo ajudaram a definir uma espécie de mudança pessoal. A expectativa era perceber como esse egoísmo poderia ser a essência do nosso desenvolvimento cultural – pois a vontade individual aqui não significa a liberdade pessoal, a liberdade do indivíduo em oposição ao coletivismo de regimes opressores, mas o individualismo egocêntrico que determina que o “eu” tem absoluta prioridade sobre os demais, estabelecendo assim uma relação de hierarquia na qual tudo é elitizado ou desprezado, admirado ou ignorado. O egoísmo intolerante e a sociedade que o incentiva, transmitindo e naturalizando, através das gerações, os valores relacionados à intolerância, tornaram-se os objetos que desenharam o rumo dessa dissertação.

A forma que escolhemos para essa reflexão sobre a intolerância é o ensaio. Optamos por esta forma de dissertar, por sua adequação ao pensamento ainda em formação, que, pela informalidade, pode explorar as nuances sem comprometer as exigências de um trabalho acadêmico com seu rigor e suas responsabilidades.

A formalidade acadêmica das dissertações e teses – a linguagem tradicional, digamos assim – caracterizada pelo rigor do método, tem sua importância reconhecida como a

maneira adequada de apresentação de um trabalho científico. Há momentos, no entanto, em que a formalidade pode, de certa forma, prejudicar o desenvolvimento de um pensamento ainda em estágio inicial, uma idéia que procura “terra firme” para pisar. Por isso a informalidade do ensaio nos parece mais adequada ao momento em que se desenvolve uma reflexão, através da qual idéias se formam e se solidificam – ou não – durante o transcorrer de uma pesquisa teórica com apoio da pesquisa empírica.

Esta predileção pelo ensaio como forma, aliás, constitui uma marca de Adorno, um dos autores de referência na nossa reflexão. Por esta via ele procurava

[...]escapar aos ditames de um pensamento enrijecido, coisificado, cuja aparente precisão de lógica discursiva nos envolve com um encantamento que acaba tolhendo nossa liberdade intelectual, restringindo o alcance da reflexão, em vez de ampliá-la. Assim a forma relaciona-se ao conteúdo do pensamento para Adorno. Um congelamento formal da argumentação não corresponderia a um ditame do rigor na exposição lógica do conteúdo do pensamento. Ao contrário, seria apenas imposição do estabelecido que resulta em diluição por meio de um processo de abstração progressiva, apropriado tão-somente a ser uma “ciência para o povo”, uma forma vigente de interpretação do mundo. E Adorno se vangloriava de pensamentos ainda não estabelecidos, de pensamentos arrojados...(MAAR apud ADORNO, 1995, p. 14)

A linha proposta desse ensaio não é, contraditoriamente, linear. Ela passa do coletivo ao individual, do passado ao presente, da ideologia ao pensamento particular, tudo isso sem maiores avisos. Evitamos assim o “mal” do pensamento dicotomizado – claramente dividido e identificado (passado/presente; coletivo/individual, etc.) e também mostramos, ao longo dos quatro capítulos, que a intolerância jamais pode ser vista somente como um acidente, fatos isolados não relacionados com o que “eu” penso ou faço. Nesse caminho, o texto está proposto a dar passos não seqüenciais, tratando hora da intolerância individual – tão próxima a nós, hora da intolerância coletiva, relacionada a regimes políticos, as guerras e mortes em massa – tão distantes de nós, aparentemente.

No primeiro capítulo tratamos dos aspectos mais visíveis da intolerância, como a barbárie totalitária, para através desse retrato, traçar um caminho teórico capaz de esclarecer a sua relação com a vontade individual que elegeu e suportou políticas de Estado num passado recente.

No segundo capítulo discutimos as características do pensamento intolerante. Elas são pontos unificadores que mostram a ligação e a permanência de elementos intolerantes no passado e presente político, ideológico e pessoal, ao longo da história humana e formam a personalidade propensa ao pensamento intolerante que está presente, por exemplo, na educação de crianças e jovens. Ao tratarmos destas características, ficou evidenciado que elas associam a intolerância particular e à coletiva, elementos que unem os diversos regimes políticos identificados como intolerantes mas que aparecem também nos regime liberais tidos como democráticos.

Como eixo teórico, utilizamos o pensamento de autores como Hannah Arendt e Adorno. Com Arendt, tratamos da intolerância totalitária, buscando na essência deste regime político os motivos de sua proximidade tão grande com os desejos e anseios de uma população insegura. A relação entre a coletivização totalitária, que inibe a individualidade priorizando o Estado e seus objetivos gerais, e os indivíduos que aceitam e dão suporte a tal regime, buscando nisso – numa aparente contradição – justamente sua satisfação egoísta, seu desejo de obter algum destaque numa sociedade hierarquizada, é emblemática da difícil situação conflituosa que une e, ao mesmo tempo, segrega o indivíduo e sua subjetividade da obrigatoriedade da convivência.

A opção pela ordem e segurança autoritária começa pela irreflexão, que não corresponde à estupidez, mas à incapacidade de aprofundar um pensamento, de enfrentar a diversidade e a complexidade. O pensamento irreflexivo procura soluções simples e idéias prontas, teme o que não compreende e por isso tende a ver com bons olhos uma ideologia baseada no discurso único, na liderança forte. Essa irreflexão não nasce da ignorância, mas ao contrário, conta com o conhecimento. Um conhecimento que instrumentaliza e capacita ao exercício de qualquer atividade profissional, e só.

A maior arma contra a intolerância é a educação. Pelo menos esta é a citação mais comum entre diversos pensadores e leigos que comentam o tema, cuja principal hipótese era que a explosão do número de pessoas com acesso a educação, no século passado, redundaria no decréscimo proporcional da barbárie e da violência. Mas não foi e não é bem assim.

Neste sentido é que se conduz o terceiro capítulo, partindo do pressuposto que a formação do pensamento político encontra na juventude seu momento fundamental, e é nela que encontra campo fértil para estabelecer a formação do pensamento autoritário. Este pensamento se desenvolve no aprendizado cotidiano que naturaliza as idéias intolerantes e que são a base para o exercício de domínio e poder. Com base nas idéias adornianas, identificamos os objetivos da educação em suas duas etapas – adaptação e emancipação – mostrando que a primeira tornou-se sinônimo e finalidade principal do que conhecemos como educação institucional. A segunda é uma ausência e um desafio.

A razão instrumental tornou-se a base do sistema educacional para a adaptação das novas gerações ao “mundo real” – o das necessidades do mercado. A indústria cultural, com sua mercantilização da cultura e do conhecimento transforma-as no que Adorno denominou semicultura ou pseudoconhecimento, deixando de cumprir sua promessa de democratizar o saber. A semicultura acaba criando uma nova elite, pois a formação educacional tradicional já não é suficiente, é preciso cada vez mais.

No quarto capítulo fazemos uma incursão empírica a um campo onde a intolerância é elaborada como um pensamento e possível ação. A comparação entre o fundamento teórico da intolerância e a sua prática constatada nos depoimentos de jovens identificados com movimentos racistas revela o quadro ilustrativo dos elementos que compõem o pensamento intolerante: a mentalidade que não consegue ver no outro uma possibilidade de parceria, mas sempre um alvo. A aproximação com os dados da realidade trouxe o distante cenário político global para fatos e depoimentos de pessoas próximas de nosso convívio.

A constante alternância entre o distante e o próximo caracterizam nossa tentativa de entender os caminhos da intolerância, que integram ideologias mortas e vivas mas influem principalmente em nossas atitudes. Os exemplos de barbárie conduzem nossa reflexão não somente para a análise dos atos em si, mas também para o pensamento individual de pessoas simples, comuns – desvinculadas de maiores envolvimento políticos, ideológicos ou pessoais com regimes intolerantes e que, no entanto, no íntimo, aceitam e colaboram com a barbárie.

1 A INTOLERÂNCIA E SUA VISIBILIDADE

Após cerca de 150 anos de declínio secular, a barbárie esteve em crescimento durante a maior parte do século XX, e não há indício de que este crescimento esteja no fim. Neste contexto, entendo que “barbárie” signifique duas coisas. Primeiro, a ruptura e colapso dos sistemas de regras e comportamento moral pelos quais todas as sociedades controlam as relações entre seus membros e, em menor extensão, entre seus membros e os de outras sociedades. Em segundo lugar, ou seja, mais especificamente, a reversão do que poderíamos chamar de projeto do Iluminismo do século XVIII, a saber, o estabelecimento de um sistema universal de tais regras e normas de comportamento moral, corporificação das instituições dos Estados e dedicado ao progresso racional da humanidade: à Vida, Liberdade e Busca da Felicidade, à Igualdade, Liberdade e Fraternidade ou seja lá o que for. As duas coisas estão agora acontecendo e reforçam seus efeitos negativos em nossas vidas.

HOBBSAWM

“Não julgue com seus olhos”. Esta frase, dita na forma de um pedido por um jovem guia afegão a um repórter brasileiro¹, que observava negativamente uma mulher afegã usando sua burka², expõe, de maneira simples, um dos mais formidáveis obstáculos da humanidade: a intolerância. Sempre que nos colocamos diante do diferente, do “outro”, nossa reação mais comum é exatamente julgar com nossos olhos, com nossos valores, com nossas crenças e com nossas leis.

Tratar de um assunto como a intolerância é impossível sem fazer um juízo de valor. Relacionadas diretamente com conceitos ligados ao bem e ao mal, a intolerância e a tolerância fazem parte do pensamento humano, que projeta seus conceitos (verdadeiros, falsos, completos, incompletos) em todas as áreas de atuação do homem.

O guia afegão pede que o repórter ocidental aceite o costume local, que obriga as mulheres a usar pesadas vestes cobrindo todo o corpo, o rosto inclusive. Mas como não pensar no desconforto, na opressão sofrida por aquela mulher afegã? Elie Wiesel, prêmio Nobel da Paz, pergunta: “*Deve-se demonstrar tolerância frente à intolerância? Deve-se empregar força*

¹ O repórter é Kennedy Alencar que cobria o ataque ao Afeganistão pelos governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, pelo jornal FSP, Mundo, 09/10/2001.

² Pano que cobre todo o rosto e boa parte do corpo da mulher muçulmana, deixando apenas os olhos, cobertos por uma tela de renda, parcialmente à mostra.

bruta contra a dos fascistas? É preciso odiar o ódio para destruí-lo?”. (WIESEL, apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 7)

Tendemos a pensar na intolerância somente como algo terrível, ligada a eventos distantes do nosso cotidiano, como guerras, assassinatos ou crimes bárbaros. Em contrapartida, pensamos a tolerância como uma virtude, quando tolerar tudo também pode ser um grave defeito. A intolerância contra a fome, contra a violência e contra o discurso único totalitário não é um defeito, pelo contrário. Hoje sabemos o que a tolerância da diplomacia européia com a política de Hitler e seu racismo “científico”³ resultou num dos maiores exemplos de intolerância da história.

Por mais complicado que seja reduzir a complexidade dos significados de intolerância/tolerância a conceitos, essa é uma tarefa necessária. O conceito de intolerância, como qualquer conceito, é reducionista e estabelece uma hierarquia de importância, abraçando aquilo que seria mais “significativo” em detrimento de pormenores não tão relevantes. Entendemos que qualquer conceituação fere a complexidade dos fenômenos e, portanto, é, de certa forma, intolerante. Mas o pensamento, bem como o trabalho científico, necessita basear-se em conceitos, precisa estipular uma hierarquia de importância nas idéias que necessariamente simplifique o que não deve ser entendido como simples – no caso a intolerância.

O caminho pelo qual percorre essa reflexão sobre a intolerância deve, no início, passar por alguns pontos obrigatórios, mesmo não sendo esses pontos necessariamente sinônimos de intolerância, como muitas vezes são confundidos, tais como fundamentalismo, integralismo, nacionalismo, autoritarismo, fascismo e, finalmente, o totalitarismo, mas que ajudam a definir melhor os aspectos relacionais da intolerância. Se no primeiro momento tratamos da intolerância como um problema de cada indivíduo, iremos, no segundo, detalhar

³ A preocupação racial nunca foi exclusividade nazista. Muitas das medidas mais severas, na Alemanha, foram inspiradas por pesquisas de cientistas britânicos, franceses e norte-americanos. A expressão “higiene social” traduz a preocupação da política européia entre-guerras com a debilidade crescente das condições de vida dos habitantes, o contraste provocado pela morte de milhares de jovens na Grande Guerra e a baixa natalidade registrada nos anos imediatamente posteriores ao conflito, que incitavam o pânico do crescimento dos “bárbaros” e o fim de culturas européias tradicionais. Este pânico refletia-se no grande interesse da ciência da época pela eugenia. MAZOWER, 2001, p. 100.

os caminhos da intolerância coletiva, já vestida de uma ideologia e conquistando as mentes da população.

Umberto Eco (2000) diz “*eu me preocupo com os jovens, os velhos já não mudam mais*”. O reconhecimento da importância política da faixa da população identificada como juventude coincide com a massificação da política no totalitarismo. O fascismo e, em seguida o nazismo, utilizaram nos jovens exatamente o ponto reconhecido como sua principal força, seu potencial de transformar – ou impedir uma transformação.

Quando eu era jovem, a crença corrente era de que a juventude é progressista por índole. Desde então isso revelou-se falso, pois aprendemos que movimentos reacionários ou conservadores também podem formar organizações juvenis [...] A juventude não é conservadora nem progressista por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade. (MANNHEIM, 1961, p. 41)

O ponto de chegada desse caminho inicial é o totalitarismo. Por que o totalitarismo? Porque é através desse sistema de governo, que na verdade é muito mais que um sistema de governo, talvez, como lembra Hannah Arendt, seja uma forma de destruição da própria essência humana, que podemos estabelecer o contexto histórico da intolerância política.

A tentativa totalitária da conquista global e do domínio total constitui a resposta destrutiva encontrada para todos os impasses. Mas a vitória totalitária pode coincidir com a destruição da humanidade, pois, onde quer que tenha imperado, minou a essência do homem. Assim, de nada serve ignorar as forças destrutivas de nosso século. (ARENDT, 2000, p. 12)

Utilizando um dos mais notáveis exemplos da “capacidade humana de promover o mal”, a barbárie nazista, podemos encontrar as categorias do pensamento e da personalidade humana que, para autores como Theodor Adorno e Hannah Arendt ainda fazem parte de nossa realidade e encontram-se presentes, por exemplo, na educação de nossos jovens.

Primeiro vamos definir o que entendemos por intolerância, procurando a ajuda de pensadores, como Locke, que verificou, na separação do Estado e da Igreja, a esperança de uma tolerância religiosa, Umberto Eco, Françoise Barret-Ducrocq, Jacques Le Goff, Paul Ricoeur, e outros. A idéia de intolerância remete imediatamente a uma oposição a tolerância, relação que veremos não ser assim tão simples.

1.1 A DESVALORIZAÇÃO DO OUTRO

A tolerância, que é uma admirável virtude privada, soa odiosamente nas relações públicas

FRANCESCO RUFFINI

É sempre possível unir um número considerável de pessoas no amor, desde que restem outras pessoas para receberem manifestações de sua agressividade.

FREUD

A intolerância, descrita da maneira mais geral possível, é a *desvalorização do outro*. Desvalorizamos o outro quando desprezamos – não importa o grau do desprezo – seus costumes, seu modo de vestir, a cor de sua pele, o desenho tatuado em sua pele, o carro que dirige e o que não dirige, a língua que fala, as línguas que não fala, o sotaque que teima em aparecer em cada frase, o deus para quem dirige sua fé ou quando não dirige a fé pra deus algum (ou ainda para vários), o time de preferência, o esporte que pratica ou se não pratica esporte nenhum, o jeito que usa o relógio no pulso, o *piercing* posto na língua ou no nariz. Enfim, de uma maneira ou de outra, em algum momento, todos somos intolerantes.

Se a distinção entre tolerância e intolerância como opostos não é exata, a complexidade adquirida ao longo do tempo eterniza a relação tolerância/liberdade e intolerância/ódio. Mas diversos pensadores comentam o cuidado a ser tido nessa relação.

A palavra tolerância me parece de certo modo tirânica, uma vez que a autoridade que tolera poderia também não tolerar”(Mirabeau em discurso à Assembléia Nacional francesa). (BOBBIO, 2000, p. 1246)

Houve tempo em que os dissidentes invocavam a tolerância como uma graça; hoje, os mesmos a invocam como um direito, mas virá um dia em que a desdenharão como um insulto (Lorde Stanhope em discurso à Câmara Alta britânica). (BOBBIO, 2000, p. 1246)

Lutero foi quem primeiro traduziu para o alemão o termo *tolerantia*, tirado de Santo Agostinho, no sentido de “paciência” caridosa, de sofrimento ditado pelo amor divino (*caritas*). O termo paciência envolve a noção de tempo. Temos paciência por determinado período. A paciência não se assemelha a virtudes atemporais como o amor e a bondade, ela acaba. Portanto, quando tratamos de intolerância, tolerar não corresponde exatamente ao seu oposto.

Acho oportuno lembrar que a tolerância não deveria ser colocada sobre um pedestal. A ação de tolerar vem de aceitar com reticências. De fato, quando se tolera, não se ama. Quando se trata de nosso próximo, em vez de tolerância, prefiro uma noção bíblica: a de fraternidade, por exemplo.(DERAI apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 248)

Santo Agostinho escreveu que anjos e demônios habitam a alma de um homem solitário (individual), então como saber quem é bom ou mal? O bem e o mal inseparáveis, a famosa frase “as duas faces da mesma medalha”. Para alguns pensadores, a intolerância é natural no ser humano. Os valores que normalmente relacionamos com tolerância, como bondade e respeito, são adquiridos conforme vivemos em sociedade.

A intolerância tem sua origem em uma predisposição comum a todos os humanos, a de impor suas próprias crenças, suas próprias convicções, desde que disponham, ao mesmo tempo, do poder de impor e da crença na legitimidade desse poder. (RICOUER apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p.20)

O ser humano é um “animal político”. Frase convencional que implica na necessidade do homem viver em sociedade, dialogar, argumentar, enfim, relacionar-se com outros seres humanos. Para a Psicologia Social, apesar da reconhecida necessidade de convivência, o homem também deve ser analisado por seus aspectos individuais, sua individualidade – seu grau de independência em relação à sociedade. Nestes pontos em que independência, por um lado, e necessidade de conviver com outros, por outro lado, tocam-se, floresce a angústia entre querer o convívio com outro e ter, obrigatoriamente, que conviver, ter que *tolerar* (paciência).

A intolerância em relação ao outro é natural na criança, como o instinto de se apropriar de tudo que lhe agrada. Aprendemos a tolerância, pouco a pouco, como aprendemos a controlar o esfíncter. Infelizmente, se conseguimos controlar bastante bem nosso próprio corpo, a tolerância exige a permanente educação dos adultos. (ECO apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 17)

A desvalorização do “outro” – a intolerância, faz parte da história humana. De toda a História humana. A história mostra que a intolerância está longe de poder ser enquadrada como uma exceção, uma patologia. Como Santo Agostinho diz da alma individual, habitada por anjos e demônios, a idéia de uma sociedade onde o bem e o mal são claramente

separados faz parte da mesma ilusão que prevê caminho histórico do barbarismo (o mal) à civilização (o bem).

Será preciso refletir melhor sobre a palavra intolerância, pois as palavras são importantes na medida em que são portadoras de um passado que surge diante de nós toda vez que as utilizamos, e porque decidem uma existência desde o início. Descartes dizia: A hera não ultrapassa o muro que a sustenta. Assim também, toda uma política social, apoiada em uma palavra imprópria, corre o risco de resultar em um terrível fracasso. (VELTRONI apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 242)

Ressaltar a “normalidade” da intolerância no comportamento histórico humano não significa, de modo algum, justificar os seus exemplos. Ao contrário, queremos tirar destes exemplos o caráter patológico e mostrar que são praticados, testemunhados ou têm como vítimas não anjos e demônios – características tão distantes de nós – mas pessoas comuns. A idéia confortável de analisar o Holocausto nazista como obra de doentes num período insano da História não resiste a uma análise mais apurada. Como lembra o sociólogo Zygmunt Bauman:

O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. (BAUMAN, 1998, p.12)

Pier Paolo Pasolini, que “*tantas vezes foi assassinado pela ignorância, antes que o fosse pelo golpe brutal*” (VELTRONI apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p.243) em sua *Lettera a Gennariello*, publicada na primavera de 1975, no seminário *Il Mondo*, escreve:

A tolerância é sempre e apenas nominal. Eu nunca soube de um exemplo de tolerância real. E isso porque uma real tolerância seria uma contradição em seus próprios termos. O fato de tolerar alguém vem a ser o mesmo que condena-lo. Diz-se a alguém que se tolera que ele faça o que quiser, que lhe é concedido o direito de seguir sua natureza, afirma-se que o fato de pertencer a uma minoria não significa, de modo algum, que ele seja inferior etc. Mas, sua diversidade, ou melhor, sua culpa – que é ser diferente –, continua a mesma aos olhos daquele que decidiu tolerá-lo ou condená-lo. Nunca, maioria alguma conseguirá eliminar de sua própria consciência o sentimento da diversidade das minorias. (PASOLINI apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 243)

A intolerância religiosa não é o objeto deste trabalho, mas seus princípios e conceitos formam a essência do que entendemos por intolerância, baseados em pensadores, como Locke, que iniciaram o debate político sobre a tolerância. Quando a humanidade começou, de forma majoritária, a optar por um Deus único, em detrimento do politeísmo, automaticamente estabeleceu-se uma hierarquia: meu Deus é o único verdadeiro, os demais não merecem o reconhecimento.

O irenismo da tradição humanista do século XVI abriu caminho para a Teoria da Tolerância Civil para os diversos tipos de fé defendidos, entre outros, por Erasmo e Thomas Morus. Na Alemanha, nos últimos anos do século XVI e nos primeiros do século XVII apareceram escritos sistemáticos sobre a tolerância dos luteranos Camerarius e Gerhard e do católico Becanus. Mas os principais tratados sobre a Teoria da Tolerância se acham no século XVII nas obras de Grócio, Bayle, Milton e Locke. Fundamental para a teoria moderna da tolerância religiosa é a *Epistola de Tolerantia* (Carta Acerca da Tolerância), escrita em 1685 por John Locke durante seu exílio na Holanda e publicada como anônima em 1689.

Na *Carta*, Locke estabelece os respectivos deveres da Igreja, dos particulares, da magistratura eclesiástica e civil para com o princípio de Tolerância:

- a) *Nenhuma Igreja é obrigada, em nome da Tolerância, a manter em seu seio quem se obstina a pecar contra a doutrina estabelecida; mas a excomunhão não deve ser acompanhada de violência ou danos contra o corpo e contra os bens daquele que é expulso.*
- b) *Nenhum particular pode danificar ou diminuir os bens civis de quem se declara estranho à sua religião, porque os direitos do homem e do cidadão não pertencem à esfera religiosa.*
- c) ***Igreja e Estado são ordens diferentes pela sua origem e pelos fins que se propõem.***
- d) *Quanto à magistratura civil, o direito de governar e a perícia política não contém em si um conhecimento certo das coisas e muito menos da religião verdadeira. O magistrado civil deverá, por isso mesmo, abster-se de toda ingerência nas opiniões religiosas dos súditos e na celebração dos cultos, seguindo o princípio de aquilo que é lícito no Estado não pode ser proibido na Igreja e de que, vice-versa, as coisas ilícitas no Estado não podem ser lícitas na Igreja, mesmo quando adotadas nos usos sagrados. (LOCKE apud BOBBIO, 2000, p.1247)*

Em sua *Carta sobre a Tolerância*, significativamente, Locke nega o direito de tolerância religiosa aos ateus, “negadores da religião”. Mas algumas tendências relativistas - “toda Igreja é ortodoxa para si mesma e errônea ou herética para os outros” e a clara afirmação da liberdade de consciência e da separação entre Estado e Igreja fazem da *Epistola* um documento fundamental do Laicismo.

O fundamentalismo, hoje praticamente sinônimo de terrorismo muçulmano, é um dos exemplos mais interessantes da relação do homem com a intolerância.

Historicamente, o fundamentalismo é um princípio hermenêutico, ligado à interpretação de um livro sagrado. O fundamentalismo ocidental moderno nasce nos meios protestantes dos Estados Unidos, no século XIX, e caracteriza-se pela vontade de interpretar literalmente as Escrituras, em particular no que concerne às observações sobre cosmologia, quando a ciência da época parecia negar a veracidade do conto bíblico. Onde, é claro, a recusa freqüentemente intolerante a qualquer interpretação alegórica e a qualquer forma de educação que ponha em dúvida as Escrituras – como se verificou por ocasião da polémica sobre a teoria de Darwin. (ECO apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 15)

Após a revolução islâmica no Irã, com a chegada ao poder do aiatolá Khomeini, o termo fundamentalismo passou a ser mais utilizado referindo-se aos muçulmanos radicais em sua interpretação do AlCorão. Com a ligação entre Estados árabes a atentados terroristas, o reducionismo simplificador acabou por relacionar fundamentalismo com árabes e estes com terroristas. Fundamentalismo passou a ser sinônimo de terrorismo muçulmano. O que fica mais irônico em tempos de ataques dos protestantes americanos (no papel da civilização⁴) aos muçulmanos (o terror).

De acordo com Eco

*O fundamentalismo e o integralismo são, de hábito, considerados conceitos intimamente relacionados e as duas formas mais evidentes de intolerância. No *petit robert*, como no *dictionnaire historique de la langue française*, na definição de fundamentalismo encontra-se uma remissão imediata ao integralismo. O que nos leva a pensar que todos os fundamentalistas são **integralistas**⁵ e vice-versa. Mesmo que em muitos casos isso seja verdade, não é verdade que todos os intolerantes sejam fundamentalistas ou integralistas. Embora, na época atual, estejamos diante de várias formas de fundamentalismo, e as instâncias integralistas sejam visíveis no mundo todo, **o problema da intolerância é mais profundo e perigoso.** Todo fundamentalismo será necessariamente intolerante? No plano da hermenêutica, sim, mas não necessariamente no plano da política. (ECO apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 16, grifo nosso)*

⁴ “E o que está em jogo não é apenas a liberdade da América. Essa luta é mundial. Essa luta é da civilização. Essa é a luta de todos os que acreditam em progresso e pluralismo, em tolerância e liberdade.” George Walker Bush, em discurso no senado americano após os atentados ao WTC e ao Pentágono, jornal FSP 22/09/2002.

⁵ “Entendemos por integralismo uma posição religiosa e política, em virtude da qual os princípios religiosos devem tornar-se modelo de vida política e a fonte das leis do Estado.” (ECO in BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 16)

A intolerância não é um fenômeno patológico associada diretamente a ideologias do “terror”, como normalmente se faz com o uso de expressões como “fanáticos”, “terroristas” e outras, simplesmente “*porque ela não é o próprio de um sistema, de uma religião, de uma ideologia, mas é o **próprio do homem**. Está em cada um de nós, está no cerne de cada sociedade.*” (BARRET-DUCROCQ, 2000, p.263, grifo nosso)

Eco compara outra forma de intolerância, o racismo.

E o racismo? o racismo nazista era totalitário. Considerava-se científico, mas não havia fundamentalismo algum nessa doutrina. A intolerância estaria reduzida a esse jogo de sutilezas entre fundamentalismo, tradicionalismo, integralismo, racismo? Não, a intolerância é algo bem mais profundo que se dá na própria origem de fenômenos muito diferentes. Fundamentalismo, integralismo, racismo pseudocientífico são posições teóricas que pressupõe uma doutrina. A intolerância esta situada acima de qualquer doutrina. Nesse sentido a intolerância tem raízes biológicas, manifesta-se entre os animais em foram de territorialidade e baseia-se em reações emocionais superficiais. Não gostamos dos que são diferentes de nós porque tem uma cor diferente de pele, porque falam uma língua que não entendemos, porque comem rã, cachorro, macaco, porco, alho, porque usam tatuagem.(...) O anti-semitismo pretensamente científico, surge durante o século XIX e só se torna antropologia totalitária no decorrer deste nosso século. No entanto, independente das razões de seu nascimento, ele não poderia ter sido inventado se já não existissem, entre os pais da igreja, uma polêmica antijudaica, que poderíamos qualificar de cristológica, e, entre o povo, um anti-semitismo prático, que atravessa os séculos, em todos os lugares onde existem guetos. as teorias do complô judaico, do início do século XIX, não criam o anti-semitismo popular, exploram um ódio à diferença já existente. (ECO apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p.18)

A desvinculação entre intolerância e doutrinas fascistas, integralistas ou totalitárias, é interessante porque mostra o aspecto mais profundo da intolerância enraizada em cada indivíduo e, encontra nestas formas de governo, todas as possibilidades políticas de deixarem sua prisão individual e se coletivizar.

A intolerância mais perigosa é sempre aquela que, na ausência de qualquer doutrina, nasce dos impulsos elementares; por isso é que ela é difícil de ser identificada e combatida coma ajuda de argumentos racionais. O racismo teórico de Mein Kampf poderia ter sido derrubado por uma rajada de argumentos elementares. Se ele sobreviveu, e sobrevive, a qualquer objeção, é porque se apóia em uma intolerância selvagem, uma intolerância imbecil que escapa a qualquer crítica. (...) Os intelectuais devem lutar, antes de tudo, contra a intolerância

selvagem. Mas ela é de tal maneira imbecil, que o pensamento fica desarmado diante dessa imbecilidade. (ECO apud BARRET-DUCROCQ , 2000, p.19)

Eco dá aos intelectuais a tarefa ingrata de combater a violência

No entanto, esse é nosso desafio. Saber regredir até o fundo obscuro da intolerância selvagem. Cavar, cavar até encontrá-la, bem lá onde ela se forma, antes que torne objeto de tratados eruditos. (ECO apud BARRET-DUCROCQ , 2000, p.19)

Para Leila Shahid, delegada geral da Palestina na França

A intolerância vem da ignorância, da ignorância quer vem do medo, o medo que vem da cegueira. A tolerância vem do conhecimento; o conhecimento leva à aceitação do outro. A intolerância vem de uma forma da apropriação total da verdade. A tolerância vem da aceitação do erro e da legitimação do erro. (SHAHID apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p.163)

Se a tolerância vem do conhecimento, da razão, como explicar a parceria contínua entre os intelectuais e a intolerância? O nazismo, que nasceu e se desenvolveu no centro de um dos maiores pólos culturais da humanidade, contou com o apoio de grandes expoentes do conhecimento da época. Não é só o exemplo alemão. O aumento significativo na alfabetização da população mundial no último século, o crescimento da formação universitária, da pós-graduação, enfim, do ensino, nada disso resultou num perceptível aumento da tolerância global, muito ao contrário.

No filme *O Advogado do Diabo* (1997), Al Pacino interpreta o próprio satanás, que pergunta, em determinado momento, a respeito do século XX: - “*Alguém tem dúvida de que este século foi meu?*”

Mesmo fictícia, a resposta dada ao Diabo dificilmente poderia ser negativa. Se os parâmetros que definem a diferença entre bem e mal podem ser dados por valores como a paz, a valorização da vida humana, o cuidado com a natureza do planeta em que vivemos, e se estes valores se sobrepõem à outros como os avanços tecnológicos, e o conforto pessoal, é impossível negar ao mal a supremacia no século passado.

*Esse é um dos preços que se paga por viver num século de guerras religiosas, **que tem na intolerância sua principal característica.** Mesmo os que propalavam o pluralismo de suas não-ideologias acreditaram que o mundo não era grande o bastante para uma coexistência permanente com religiões seculares rivais. Confrontos religiosos ou ideológicos como os que povoaram este século erguem*

barricadas no caminho do historiador (...). Compreender a era nazista na história alemã e enquadrá-la em seu contexto histórico não é perdoar o genocídio. De toda a forma, não é provável que uma pessoa que tenha vivido este século extraordinário se abstenha de julgar. O difícil é compreender. (HOBSBAWM, 2001, p.14, grifo nosso)

Refletindo sobre a intolerância e resumindo o que foi dito até aqui, podemos chegar a algumas conclusões: A intolerância está em todo ser humano e em toda sociedade, o homem pode aprender a lutar contra a intolerância, o contrário da intolerância é o **respeito ao outro**. WIESEL, apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 266, escreve “*a intolerância está situada no começo do ódio. Ela assume aparências tão sutis que fica difícil discerni-la e combatê-la. E, no entanto, se não a detivermos, será tarde demais. Uma vez instalada, leva ao ódio, e o ódio, por sua vez, só gera o ódio.*”

A história está repleta de exemplos. Intolerância individual e intolerância coletiva conjugam-se para dar origem à Inquisição, às guerras de religião, aos genocídios, expurgos totalitários, fascismos, integralismos, etc. “*No ocidente medieval, as grandes religiões, convencidas de que detêm a verdade absoluta, não admitem o direito ao erro: consideram inaceitável a neutralidade entre a verdade e o erro, que seria indiferença.*” (RÉMOND apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 82). Vê-se no final do século XV as fogueiras da Inquisição que começam a ser acesas, e o desenvolvimento de todo um sistema de perseguição e exclusão, cuja profunda e, mais ou menos, consciente motivação é “[...] a vontade de constituir uma sociedade cristã expurgada de elementos considerados inassimiláveis, em geral conotados por uma mancha de impureza infamante, passível de contaminar o conjunto da sociedade” (LE GOFF apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 40). Uma grande parte da história da Europa está marcada por um conceito de intolerância institucionalizada que explica “os patíbulos, os degolamentos, as guilhotinas, os fuzilamentos, as dizimações, os campos de concentração, os fornos crematórios, os suplícios dos garrotes, as carnificinas, as deportações, os gulags, as residências forçadas” (MEREU apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p.42).

O Holocausto e os outros grandes genocídios do século passado procedem de uma análoga demonização da diferença, levada ao paroxismo da eliminação do outro. Os males causados pela intolerância ecoam no presente: limpeza étnica nos Bálcãs ou em Ruanda, repressão e massacres em nome do integralismo islamita no Afeganistão ou na Argélia,

ditaduras militares na Argentina, no Brasil ou na Nigéria, atitudes xenófobas em relação ao vizinho imigrante na França, ou um partido de extrema direita que evoca a “preferência nacional”.

A proliferação da intolerância, quer remeta à infância do indivíduo, ou a tempos mais remotos das sociedades, é bastante reveladora de que ela não é produto de um sistema particular, como o fascismo, ou o integralismo, mas de que a intolerância selvagem preexiste em cada um de nós, pronta a ser explorada pelas ideologias populistas, os ditadores e os falsos profetas. (BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 267)

Se a intolerância é, ou parece ser, um caráter inato, a tolerância (ou o que se entende por tolerância) é um caráter adquirido. A intolerância vem da ignorância, que leva ao medo, que leva ao fanatismo. “*A tolerância vem do conhecimento*”. O *Edito de Nantes*⁶ não proclama a igualdade da fé católica e da fé reformada, mas reconhece aos protestantes o direito de praticar sua religião sem serem incomodados. O *Edito de Nantes* é um exemplo de tolerância, no sentido de paciência. O passo seguinte rumo à tolerância mais profunda consiste em se esforçar para compreender as convicções contrárias, ou seja, ir além de tolerar, buscando compreender. O limite crítico é atingido com o questionamento da própria idéia de “verdade”, com a “*suposição de que uma parte de verdade pode estar em outro lugar que não nas crenças e convicções que estão na base das tradições em que fomos educados*.” (RICOEUR apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 22). A educação da tolerância não consiste, porém em renunciar às particularidades. “*Ela é baseada na distinção entre as especificidades do homem privado e a universalidade do cidadão*.” (SCHNAPPÉR apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 144).

Goethe, em 1809, já observava: “*A tolerância, no fundo, não deveria passar de uma atitude transitória, ela deve levar ao reconhecimento. Tolerar é injuriar*.” (WISMANN apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p.100). Considerada durante muito tempo uma fraqueza, a tolerância guarda alguma coisa de complacência, tanto em relação a si mesmo como em relação aos outros. Inúmeros são os adversários – e as vítimas – da intolerância que preferem a palavra “respeito”: respeito pelo outro, respeito pelo que constitui a riqueza e a diversidade do humano.

Diante da intolerância religiosa,

⁶ Editto que estabelece a tolerância dos católicos para com os protestantes na França do século XVI.

Leibniz concebera o projeto de uma Igreja universal, verdadeira antecipação do projeto da Enciclopédia universal do saber, tida como a que permitiu que toda a humanidade se reconhecesse no espelho de seus conhecimentos”. Cem anos mais tarde, Kant resume a profunda aspiração de sua época, nestes termos: “Diferenças de religiões, que estranha expressão!... Só seria possível haver uma única religião que valesse para todos os homens e para todos os tempos. (BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 271)

Wismann (apud BARRET-DUCROCQ, 2000, p. 99) disse “Essa religião é a religião da razão.” A esperança de Kant e dos iluministas estava no uso da razão traduzida no conhecimento científico, característica marcante da modernidade.

Com base na racionalidade ocidental moderna, assistimos ao nascimento das ciências e de seus meios de ação (enquanto métodos da própria ciência e enquanto aplicabilidade de seus conhecimentos) que coroou decisivamente o período chamado moderno, sendo seu desenvolvimento acentuado diante das demandas do sistema de produção capitalista que requer maior eficiência tanto na sua capacidade de gerar produtos como na eficácia destes serem absorvidos pelo mercado consumidor. A eficiência coloca-se como definidora do progresso, considerado condição fundamental para a modernização das sociedades e que, nos ideários iluministas, traduz a humanização do processo civilizatório. (SOUZA, 1998, p.4)

1.2 A BANALIDADE DO MAL

O pensamento não traz conhecimento como as ciências.
 O pensamento não produz sabedoria prática utilizável.
 O pensamento não resolve os enigmas do universo.
 O pensamento não nos dota com o poder de agir.
 Martin Heidegger

Para Hannah Arendt a morte de aproximadamente seis milhões de judeus pelos alemães na Segunda Guerra é o exemplo definitivo da capacidade humana de fazer o mal. Quando foi a Jerusalém acompanhar, como enviada da revista New Yorker, o julgamento do criminoso de guerra nazista Adolf Eichmann, estava convencida de encontrar no réu a personificação do mal. Para Arendt os campos de concentração nazistas representavam a materialização do mal radical descrito por Kant. Portanto, o homem responsável pela

coordenação dos campos de concentração, Eichmann, só poderia ser uma espécie de demônio.

Para Immanuel Kant, apud SOUKI, 1998, o mal radical seria a perversão total da moral, o que para o filósofo, era impossível no ser humano. Apesar de reconhecer no homem uma propensão natural para o mal, Kant acredita no potencial humano de reverter essa tendência e, através da sociabilidade (leis morais), evitá-la.

Uma ação má diferencia-se de uma ação radicalmente má.

*A primeira ocorre quando o móvel da lei moral é subordinado, ocasionalmente ao móvel do desejo de felicidade; a segunda, quando há uma inversão de móveis como fundamento de todas as máximas e ações. Essa subordinação, em si, da lei moral a interesses egoístas, esta propensão a se servir da lei para se justificar no lugar de a servir, constitui a verdadeira **perversão do coração**.* (SOUKI, 1998, p. 28, grifo nosso)

Kant aceita a possibilidade de desvios ocasionais das leis morais, mas recusa-se a aceitar a “*perversão do coração*”, o mal radical. O mal, para Kant, não é absoluto, pois não pode destruir a lei moral nem a disposição para o bem, porque o bem é essencial à liberdade, o homem não poderia agir conscientemente contra sua própria liberdade. Ele aceita o mal, não a malignidade. O homem, mesmo o mais malvado, não é um rebelde, no sentido de que não há uma vontade má simétrica a uma vontade boa. Uma vontade má que recusasse deliberadamente a lei moral seria absurda.

Para o filósofo, o mal não assume características totalmente negativas (daí sua contrariedade em aceitar o mal radical) sendo responsável por sentimentos que possibilitam no homem a manifestação, por exemplo, da vontade própria. Caso o homem fosse totalmente bom, Kant o imagina um ser que não conseguiria se impor. O mal, controlado pelo juízo moral, permite ao homem recusar a obediência plena e a servidão. Quando escapa ao controle do juízo moral, o mal proporciona atos de incontestável negatividade, como crimes, mas que para Kant ainda assim não poderiam ser considerados amostras do mal radical.

Hannah Arendt busca na filosofia de Kant a base para seu pensamento político, mas em *Origens do Totalitarismo*, discorda do mestre ao considerar os campos de concentração e a perseguição aos judeus promovidos pelo regime nazista amostras do mal radical, da perversão total da moral. No entanto, ao encontrar Adolf Eichmann, em 1961, e acompanhar

o desenrolar do seu julgamento, Arendt descreve o até então homem-demônio como uma pessoa comum, um burocrata cuja característica mais marcante é um “**vazio de pensamento**”.

O demônio por Arendt procurado parece nunca ter existido. Eichmann, um dos responsáveis pela morte de seis milhões de pessoas, não era um ideólogo nazista particularmente brilhante, nem mesmo um fanático político, era apenas uma pessoa comum, inclusive, de acordo com os depoimentos em seu julgamento, um zeloso pai de família. Hannah Arendt deparava-se com a contradição: o seu exemplo de mal radical, os campos de concentração, poderiam ter sido criados e controlados por pessoas comuns? Onde estavam os demônios? “*Claro que é importante para as ciências políticas e sociais que a essência do governo totalitário, e talvez a natureza de toda burocracia, seja transformar homens em funcionários e meras engrenagens, assim os desumanizando*”. (ARENDT, 2000, p. 312).

Ao não encontrar os demônios, Hannah Arendt aprofunda-se no estudo sobre o totalitarismo e sua capacidade de criar seres humanos capazes de colocar em funcionamento uma máquina mortal sem grandes problemas de consciência. Homens que obedecem, se submetem e sentem-se confortáveis fazendo isso e que não demonstram nenhuma espécie de fanatismo político, apenas assumem seu lugar e executam suas tarefas eficientemente. Ao analisar esse tipo de homem, representado perfeitamente por Eichmann, Arendt coloca em discussão o “*vazio de pensamento*”. Assim descreve a impressão que teve de Eichmann, durante a estada dela em Jerusalém:

(...) Aquilo com que me defrontei, entretanto, era inteiramente diferente e, no entanto, inegavelmente factual. O que me deixou aturdida foi que a conspícua superficialidade do agente tornava impossível retrair o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou motivos, em quaisquer níveis mais profundos. Os atos eram monstruosos, mas o agente – ao menos aquele que estava agora em julgamento – era bastante comum, banal, e não demoníaco ou monstruoso. Nele não se encontrava sinal de firmes convicções ideológicas ou de motivações especificamente más, e a única característica notória que se podia perceber tanto em seu comportamento anterior quanto durante o próprio julgamento e o sumário de culpa que o antecedeu era algo inteiramente negativo: não era estupidez, mas irreflexão. (ARENDT, 1995, p.6)

Citando Sócrates: “*Não vale a pena viver uma vida sem reflexão*”, Hannah Arendt procura demonstrar a fundamental importância do pensar na vida do homem. Ela diz: “*pensar e estar completamente vivo são a mesma coisa, e isto implica que o pensamento tem sempre que começar de novo; é uma atividade que acompanha a vida*” (ARENDT, 1995, p.6). Se o pensar é inerente a vida humana e lhe confere sentido, o “vazio de pensamento” ou “ausência de pensamento”, seria uma perversão da atividade humana comparada à própria perversão do coração. Ainda falando de Eichmann, Arendt continua sua reflexão sobre o “vazio de pensamento”:

No âmbito dos procedimentos da prisão e da corte israelenses, ele funcionava como havia funcionado sob o regime nazista; mas quando confrontado com situações para as quais não havia procedimentos de rotina, parecia indefeso e seus clichês produziam, na tribuna, como já haviam evidentemente produzido em sua vida funcional uma espécie de comédia macabra. Clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm a função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência de atenção do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos em virtude de sua mera existência. Se respondêssemos todo o tempo a esta exigência, logo estaríamos exaustos; Eichmann se distinguia do comum dos homens unicamente porque ele, como ficava evidente, nunca havia tomado conhecimento de tal exigência. Foi essa ausência do pensamento — uma experiência tão comum em nossa vida cotidiana, em que dificilmente temos tempo e muito menos desejo de parar e pensar — que despertou meu interesse. Será o fazer-o-mal (pecados por ação e omissão) possível não apenas na ausência de “motivos torpes” (como a lei os denomina), mas de quaisquer outros motivos, na ausência de qualquer estímulo particular ao interesse ou à volição? Será que a maldade — como quer que se defina esse estar “determinado a ser vilão” — não é uma condição necessária para fazer-o-mal? Será possível que o problema do bem e do mal, o problema de nossa faculdade para distinguir o que é certo do que é errado, esteja conectado com nossa faculdade de pensar? Por certo, não, no sentido de que o pensamento pudesse ser capaz de produzir o bem como resultado, como se a “virtude pudesse ser ensinada” e aprendida — somente os hábitos e costumes podem ser ensinados e nós sabemos muito bem com que alarmante rapidez eles podem ser desaprendidos e esquecidos quando as novas circunstâncias exigem uma mudança nos modos e padrões de comportamento. (O fato de que habitualmente se trata de assuntos ligados ao problema do bem e do mal em cursos de “moral” ou de “ética” pode indicar quão pouco sabemos sobre eles, pois moral deriva de mores e ética de ethos, respectivamente os termos latino e grego para designar os costumes e os hábitos — estando a palavra latina associada a regras de comportamento e a grega sendo derivada de habitação, como a nossa palavra “hábitos”). (ARENDT, 1995, p.6-7)

A irreflexão, a ausência de pensamento – com a qual Arendt – aparece como uma das categorias fundamentais no nosso estudo do comportamento intolerante.

A ausência de pensamento com que me defrontei não provinha nem do esquecimento de boas maneiras e bons hábitos, nem da estupidez, no sentido de inabilidade para compreender – nem mesmo no sentido de “insanidade moral”, pois ela era igualmente notória nos casos que nada tinham a ver com as assim chamadas decisões éticas ou assuntos de consciência. A questão que se impunha era: seria possível que a atividade do pensamento como tal – o hábito de examinar o que quer que aconteça ou chame a atenção independentemente de resultados e conteúdo específico – estivesse dentre as condições que levam os homens a se absterem de fazer o mal, ou mesmo que ela realmente os “condicione” contra ele? (A própria palavra “consciência”, em todo caso, aponta nesta direção, uma vez que significa “saber comigo e por mim mesmo”, um tipo de conhecimento que é atualizado em todo processo de pensamento). E não estará esta hipótese reforçada por tudo o que sabemos sobre a consciência, isto é, que uma “boa consciência” em geral só é apreciada por pessoas realmente más, criminosas e tais, ao passo que somente “pessoas boas” são capazes de ter uma má-consciência? Dizendo de outra maneira e utilizando uma linguagem kantiana: tendo sido aturdida por um fato que, queira ou não, “me pôs na posse de um conceito” (a banalidade do mal), não me era possível deixar de levantar a quaestio jûris e me perguntar “com que direito eu o possuía e utilizava”. (ARENDT, 1995, p.6-7).

O exemplo de Eichmann descrito por Hannah Arendt ilustra a irreflexão como condição para se propagar a intolerância totalitária. Mas este é apenas um aspecto. Examinando o totalitarismo poderemos identificar outros aspectos ou características que aproximaram a Europa e o mundo da barbárie.

1.3 O DOMÍNIO TOTAL DE TUDO E DE TODOS

A crise do nosso tempo e a sua principal experiência deram origem a uma forma inteiramente nova de governo que, com potencialidade e como risco sempre presente, tende infelizmente a ficar conosco de agora em diante, como ficaram, a despeito de derrotas passageiras, outras formas de governo surgidas em diferentes momentos históricos e baseadas em experiências fundamentais – monarquias, repúblicas, tiranias, ditaduras e despotismos.

HANNAH ARENDT

Algumas distinções conceituais devem ser feitas, antes da abordagem específica do totalitarismo. Muitas vezes tratados como sinônimos, totalitarismo, fascismo, autoritarismo e ditadura, têm, apesar das semelhanças, diferenças fundamentais entre si. Associado a um regime de partido único, o autoritarismo, por exemplo, assim como a ditadura, pode coexistir com outros partidos. O sistema repressor policial também é uma característica comum, pois o grau dessa repressão é uma das distinções destas formas de governo.

A escolha do totalitarismo como opção metodológica para um parâmetro da intolerância tem três razões: a primeira é o grau de parceria com a intolerância. Mesmo reconhecendo que, de uma forma ou outra, todo regime político tem sua parcela de intolerância, na medida em que até a democracia é hierarquizada, seja institucionalmente – através de partidos fortes ou fracos ou porque a população não tem iguais condições sociais de acesso à informação e, conseqüentemente, tem seu voto atrelado a uma classe “formadora de opinião”. No totalitarismo a intolerância teve, politicamente, sua principal parceria. O **Domínio Total**, como diz Hannah Arendt (2000), é mais do que uma forma de governo que busca o controle total de determinado Estado, mesmo com um caráter imperialista, como o fascismo, por exemplo. O domínio total – o totalitarismo – quer dominar tudo e todos e sua ambição não pode ser contida por fronteiras externas ou internas. Seja que for que se posicione contra é o inimigo e merece o extermínio. Na falta de inimigos legítimos (do ponto de vista totalitário), eles são então criados. Os exemplos de intolerância durante os regimes totalitários na Alemanha nazista e na União Soviética stalinista são tantos que, para muitos, estes períodos teriam sido o ponto culminante da intolerância humana. A barbárie nazista dificilmente poderá ser desvinculada da intolerância quando nosso pensamento nos remeter ao século passado. Se a hierarquia pode ser uma característica da intolerância, no totalitarismo ela assume a condição de regra máxima. O “outro”, o inimigo, não merece a condição de cidadão e, com o tempo, o “outro” não merece o direito à vida.

A segunda razão deriva justamente da importância que teve a barbárie totalitária no pensamento do século XX. Toda uma geração de pensadores cresceu ou sob a ameaça da destruição totalitária, ou sob a reconstrução da Europa destruída pela Segunda Guerra. É

impossível analisar a opressão humana passada e futura sem buscar no totalitarismo várias explicações.

A terceira razão é a que Adorno (1995) chama de instrumental. A ciência assumia, desde o século XVIII, papel importante na busca humana pela emancipação. A razão técnica, tão cara aos iluministas, era levada ao *status* de grande objetivo da ciência desde Descartes. A barbárie totalitária não somente acabou com o sonho de libertação do homem, como o fez usando como instrumento justamente o tecnicismo da modernidade. Bauman (1998) diz que, sem a evolução tecnológica, a barbárie nazista seria impossível. E essa razão técnica-instrumental, apesar de ter se mostrado insuficiente na grande questão da intolerância, ainda permanece como base dos sistemas educacionais.

O que é importante em nosso contexto é que o governo totalitário é diferente das tiranias e ditaduras; a distinção entre eles não é de modo algum uma questão acadêmica que possa ser deixada, sem riscos, aos cuidados dos “teóricos”, porque o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir. Assim, temos todos os motivos para usar a palavra totalitarismo com cautela. (ARENDR, 2000, p. 343)

No princípio do totalitarismo, nas décadas de 1920 e 1930, encontraremos um cenário europeu de medo e recessão. A Primeira Guerra Mundial (1914-18) marcou o fim do imperialismo e desestruturou a estabilidade, no sentido de segurança, dos antigos Estados-nações.

A Primeira Guerra Mundial mobilizou 65 milhões de homens, matou mais de 8 milhões e mutilou 21 milhões; eliminou quatro dos antigos impérios do continente e transformou a Europa no que o político tcheco Thomas Masaryk definiu como “um laboratório em cima de um vasto cemitério”. (MAZOWER, 2001, p.10)

Para o historiador Eric Hobsbawm, após o atentado que vitimou o Arquiduque Ferdinando em 1914, marco do início da Grande Guerra, a palavra **paz** nunca mais pôde ser usada sem reticências.

“Paz” significava “antes de 1914”: depois disso veio algo que não merecia mais esse nome. Era compreensível. Em 1914 não havia uma grande guerra fazia um século, quer dizer, uma guerra que envolvesse todas as grande potências, ou mesmo a maioria delas. (...) Tudo isso mudou em 1914. A Primeira Guerra Mundial envolveu todas as grande potências, e na verdade todos os Estados europeus, com exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça. E mais: tropas de ultramar foram, muitas vezes pela primeira vez, enviadas para lutar e operar fora de suas regiões. Canadenses lutaram na França, australianos e

neozelandeses forjaram a consciência nacional numa península do Egeu – “Gallipoli” tornou-se seu mito nacional – e, muito mais importante, os Estados Unidos rejeitaram a advertência de George Washington quanto a “complicações européias” e mandaram seus soldados para lá, determinando assim a forma da história do século XX. (HOBBSAWN, 2000, p.31)

Após 1914 a humanidade aprendeu também um novo significado para morte.

Visto que este século nos ensinou e continua a ensinar que os seres humanos podem aprender a viver nas condições mais brutalizadas e teoricamente intoleráveis, não é fácil apreender a extensão do regresso, por desgraça cada vez mais rápido, ao que nossos ancestrais do século XIX teriam chamado padrões de barbarismo. Esquecemos que o velho revolucionário Friedrich Engels ficou horrorizado com a explosão de uma bomba republicana irlandesa em Westminster Hall – porque, como velho soldado, afirmava que a guerra se travava contra combatentes e não contra não-combatentes. Esquecemos que os pogroms na Rússia czarista, que, com justiça, indignaram a opinião pública e impeliram milhões de judeus russos para o outro lado do Atlântico entre 1881 e 1914, eram pequenos, quase insignificantes, pelos padrões de massacre moderno: os mortos contavam-se às dezenas, não às centenas, e jamais aos milhões. (HOBBSAWN, 2001, p.22)

Em 1917 os bolcheviques comandados por Lênin iniciaram a Revolução Comunista na Rússia, já debilitada pelas derrotas impostas pela Alemanha na Guerra. A vitória final dos comunistas, concretizada no início da década de 1920, somou-se à insegurança européia desde o fim da Guerra em 1918, tornando-se uma permanente “ameaça” à burguesia que buscava desesperadamente a reconstrução econômica do continente. A partir de 1917, a possibilidade da extensão do bolchevismo a toda Europa serviu como desculpa aos nacionalistas mais extremados que intensificaram seus discursos radicais e intolerantes. A crise econômica que se seguiu ao conflito, atingindo o ápice em 1929, ajudou a aquecer o “caldeirão” político da Europa pré-totalitária.

França, Grã-Bretanha e Alemanha, três das economias mais sólidas no continente antes de 1914, estavam agora arruinadas. Segundo Hobsbawm, 2000, p. 33, os franceses perderam mais de 20% de sua população jovem masculina (homens em idade militar). Um número incontável de soldados voltou para casa com marcas permanentes dos conflitos, estropiados e desfigurados pela maior guerra de trincheiras da história – os “*gueules cassés*”

(“caras quebradas”), que encontraram uma economia nacional arrasada e uma relação familiar inteiramente modificada pelas mortes, pela brutalidade, pelas privações e pelas mutilações.

Os britânicos perderam uma geração: meio milhão de homens com menos de trinta anos. A maior parte desses jovens era de classes altas – numa época que cabia aos *gentlemen* dar o exemplo e liderar seus homens nas linhas de frentes das grandes batalhas e, conseqüentemente, morrendo primeiro. Segundo Winter, apud Hobsbawm, 2000, p.34, um quarto dos alunos de Oxford e Cambridge com menos de vinte e cinco anos, que serviam no exército britânico foi morto. A devastação do conflito, a ameaça vermelha, a crise econômica mundial, tornaram-se subsídios para argumentos políticos. Surgiu a expressão “*política social*”.

Depois de 1918 os Estados tentaram “corrigir” o que consideravam um grave problema: a decrescente taxa de natalidade da população “branca” ou européia tradicional, cedendo, nesta ótica, espaço para a invasão de “povos bárbaros”. Trancado em uma cela fascista, Gramsci escreve sobre as mudanças.

Os pais já não podiam criar os filhos; o medo do declínio nacional levou à criação de uma vasta gama de serviços sociais oficiais, que se somaram aos já prestados por organizações particulares religiosas ou caritativas mais antigas; com o setor público intervencionista surgiram o assistente social profissional, o supervisor da habitação, o inspetor sanitário escolar e o psicólogo educacional. O Estado intrometia-se nos assuntos mais íntimos da vida privada, oferecendo – é verdade – uma série de benefícios, porém exigindo em troca a adesão a um modelo cada vez mais explícito de comportamento sexual. (GRAMSCI apud MAZOWER, 2001, p.97)

O modelo adotado pelos Estados mostrava-se cada vez mais claro. Discursando no Segundo Congresso Internacional de Eugenia, em 1921, Henry Fairfield Osborn, do *American Museum of Natural History*, declarou duvidar

que tenha havido na história do mundo um momento em que uma conferência internacional sobre o caráter e aprimoramento racial fosse mais importante que hoje. Sacrificando-se patrioticamente em ambos os lados da Guerra Mundial, a Europa perdeu grande parte da herança irrecuperável de séculos de civilização. Em certos lugares da Europa, os piores elementos da sociedade preponderaram e ameaçam destruir os melhores. (MAZOWER, 2001, p.97)

O pavor da “degeneração social” espalhava-se por todos os cantos da Europa. Impelidas por esses medos, multiplicava-se o número de entusiastas formadores de sociedades dedicadas à promoção da eugenia, ou de sua semelhante, a “higiene racial”.

Dez mandamentos para a escolha do cônjuge:

1. Lembre-se de que você é Alemão.
2. Se é de boa cepa, não deixe de casar-se.
3. Mantenha o corpo puro.
4. Mantenha o espírito e alma puros
5. Como alemão, escolha para cônjuge alguém de sangue germânico ou nórdico.
6. Ao escolher o cônjuge, pesquise sua linhagem.
7. A saúde é uma condição prévia da beleza exterior.
8. Só se case por amor.
9. No casamento procure um sócio, não um companheiro para brincar.
10. Queira ter tantos filhos quanto possível. (Manual da Família Alemã, apud MAZOWER, 2001, p.86)

Essas normas, tiradas do Manual da Família Alemã, no final da década de 1930 – que trazia também o resumo das *Leis de Nuremberg*⁷, são a visibilidade das políticas de “higiene racial” européia. As leis nazistas de Nuremberg não saíram exclusivamente da cabeça de Adolf Hitler mas davam a visibilidade final dos intensos debates nos bastidores políticos e científicos de uma Europa amedrontada.

O fascismo de Benito Mussolini foi a resposta política ao sentimento de insegurança dos italianos. A vitória na guerra não livrou a Itália da recessão econômica. Os bolcheviques ainda lutavam para confirmar sua revolução na Rússia e a ameaça dos partidos comunistas já assustava os moderados e a direita européia. O sistema liberal de política representativa

⁷ As leis promulgadas em Nuremberg pelo Estado nazista estabeleciam a divisão entre “cidadãos completos” (*reichbürger*) e cidadãos de segunda classe (*volksbürger*), estes sem direitos políticos e impedidos de trabalhar para o Estado. Além disso, as leis de Nuremberg tratavam de regulamentar as relações entre os dois grupos de cidadãos, sendo, por exemplo, proibido o relacionamento sexual entre arianos e judeus. A punição para o não cumprimento dessa lei poderia ser a morte.

partidária, que falava aos seus respectivos eleitores, não se mostrava forte o bastante para tranquilizar a população. Os modernos meios de comunicação prometiam revolucionar a política. Os discursos não mais ficavam restritos a círculos de interesses pequenos. Começava a “política de massas”, e quem percebeu a diferença entre falar para eleitores tradicionalmente divididos em classe, gênero, etc. e falar para toda a população, foi o fascismo, logo seguido e aprimorado pelo totalitarismo.

Em geral, se entende por fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto ao chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante uso de violência e de terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais. (BOBBIO, 2000, p.466)

O fascismo como “ditadura da burguesia” está ligado diretamente ao fascismo italiano, diferente do que seria um modelo global que incluiria o nazismo e ditaduras como a de Franco, na Espanha, e Salazar, em Portugal. Outro aspecto do fascismo é sua comparação direta com o totalitarismo. Os elementos que definem o Estado totalitário, em termos típicos-ideais, conforme a formulação de Friedrich e Brzezinski, apud Bobbio, 2000, p.470,

uma ideologia oficial tendente a cobrir todo o âmbito da existência humana e à qual se supõe aderirem todos, pelo menos passivamente; um partido de massa único, tipicamente conduzido por um só homem; um sistema de controle policial baseado no terror; o monopólio quase completo do aparelho bélico; e, enfim, o controle centralizado da economia.

Os movimentos totalitários objetivavam conquistar as massas e não as classes como faziam os partidos, nem os cidadãos com suas opiniões particulares, como a política partidária anglo-saxã.

*O homem-de-massa: surge na atmosfera de colapso da sociedade do período entreguerras. Suas principais características são: grande amargura egocêntrica, embora constantemente repetida no isolamento individual e a despeito de sua tendência niveladora, não chegaria a constituir laços comuns porque se baseava em qualquer interesse comum, fosse econômico, social ou político. Esse egocentrismo trazia consigo um enfraquecimento do instinto de autoconservação.(...) **Seria um erro ainda mais grave esquecer, em face dessa impermanência, que os regimes totalitários, enquanto vivos, sempre comandam e baseiam-se no apoio das massas.** (ARENDT, 2001, p.365, grifo nosso)*

Ao perder o interesse no próprio bem estar, eles (os homens-de-massa) perdiam a fonte das preocupações e cuidados que moldam a vida humana. Essa formação de massas raciocinava em termos de continentes e sentia em termos de séculos – o “*Reich de mil anos*”. A conquista das massas pelo totalitarismo é fator revelador de algumas características que entendemos comuns ao pensamento intolerante. O “vazio de pensamento”, o individualismo que Arendt chama “amargura egocêntrica”, o “pensamento estratificado” ou “hierarquizado”, enfim, a “massa” foi seduzida pelo autoritarismo das ditaduras, dos fascismos e totalitarismos. Ao autoritarismo foi entregue a responsabilidade de tirar grande parte da população européia do caos. O porquê dessa sedução é nossa discussão no próximo capítulo e nos leva ao encontro de algumas características fundamentais do pensamento intolerante.

O fato é que o totalitarismo resultou numa das mais odiosas tragédias da humanidade. Com o nome de “políticas sociais” e finalmente “higiene racial”, os nazistas mataram 20 milhões de pessoas para que uma determinada raça pudesse usufruir o mundo. A consciência popular costuma relacionar o período nazista às atrocidades cometidas contra os judeus em campos de concentração. Relação comum, mas que impede uma reflexão verdadeira, permitindo, por exemplo, que “revisionistas” utilizem “argumentos históricos” para exaltar as “virtudes” de Hitler, tendo como bases números negando a existência do Holocausto, ou ainda, o imbatível argumento: “não foram seis milhões de mortos, esse número é um exagero”. A mediocridade desses argumentos e sua grande aceitação por movimentos supostamente neonazistas são claros exemplos dessa irreflexão.

Quando o público é chamado para pensar na questão mais aterradora – como foi possível tamanho horror? Como isso pôde acontecer bem no coração da região mais civilizada do mundo? – sua tranquilidade e equilíbrio mental raramente são perturbados. Discussões de culpa passam por análise das causas, elidindo-a; as raízes do horror, dizem devem ser

procuradas e serão encontradas na obsessão de Hitler, na subserviência dos seus capangas, na crueldade dos seus seguidores e na corrupção moral semeada por suas idéias; talvez, se procurarmos um pouco além, possam ser encontradas também em certos aspectos peculiares de história alemã ou na particular indiferença moral do alemão comum – atitude que nada tem de espantosa face ao seu aberto ou latente anti-semitismo. O que na maioria das vezes se segue ao chamado para “tentar compreender como tais coisas foram possíveis” é uma ladainha de revelações sobre o odioso Estado chamado Terceiro Reich, sobre a bestialidade nazista e outros aspectos da “doença alemã” que, acreditamos e somos instigados a continuar acreditando “vai contra a índole do planeta”⁸. Dizem também que somente quando tivermos plena consciência das bestialidades do nazismo e suas causas “será um dia possível, senão curar, pelo menos cauterizar a ferida que o nazismo fez na civilização ocidental”⁹. Uma das interpretações possíveis (não necessariamente pretendida pelos defensores) desses e de outros pontos de vista semelhantes é de que, uma vez estabelecida a responsabilidade moral e matéria da Alemanha, dos alemães e dos nazistas, a procura de causas estará concluída. Como o próprio Holocausto, suas causas foram confinadas num espaço e num tempo limitados (este agora, felizmente, passado). (BAUMAN, 1998, p.14)

O horror que permeia a memória coletiva do Holocausto (ligada de maneira nada fortuita ao premente desejo de não encarar essa memória de frente) é a corrosiva suspeita de que

[...] o Holocausto possa ter sido mais do que uma aberração, mais do que um desvio no caminho de outra forma reto do progresso, mais do que um tumor canceroso no corpo de uma outra forma sadio da sociedade civilizada; a suspeita, em suma, de que o Holocausto não foi uma antítese da civilização moderna e de tudo o que ela representa (ou pensamos que representa). Suspeitamos (ainda que nos recusemos a admiti-lo) que o Holocausto pode ter meramente revelado um reverso da mesma sociedade moderna cujo verso, mais familiar, tanto admiramos. E que as duas faces estão presas confortavelmente e de forma perfeita ao mesmo corpo. O que a gente talvez mais tema é que as duas faces não possam mais existir uma sem a outra, como verso e reverso de uma moeda. (BAUMAN, 1998, p.26)

Anjo e demônio habitando a mesma alma. Anjo e demônio habitando o mesmo corpo social. A Solução Final¹⁰ marca o momento crítico em que o sistema industrial europeu saiu errado: em vez de favorecer a vida, o que era a esperança original do iluminismo, começou a consumi-la. Foi por força desse sistema industrial e do espírito a ele ligado que a Europa conseguiu dominar o mundo.

⁸ OZICK apud BAUMAN, 1998, p.14

⁹ BELLER apud BAUMAN, 1998, p.14

¹⁰ Até o momento do início dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, a política nazista em relação aos judeus previa, primeiro sua transformação em cidadãos de segunda classe (Leis de Nuremberg), depois sua expulsão dos territórios do Reich, sem quaisquer direitos ou vínculos formais com a antiga pátria. Com o começo dos combates, a SS, encarregada das deportações, não conseguiu mais expulsar os judeus. Foi determinada então uma “Solução Final” para o problema judeu, o extermínio.

[Auschwitz] foi também uma extensão mundana do moderno sistema fabril. Em vez de produzir bens, a matéria-prima eram seres humanos e o produto final, a morte, com tantas unidades por dia cuidadosamente registradas nos mapas de produção do administrador. As chaminés, que são o próprio símbolo do moderno sistema fabril, despejavam uma fumaça acre de carne humana sendo queimada. A malha ferroviária da Europa moderna, com sua brilhante organização, passou a transportar uma nova matéria prima para as fábricas. E da mesma maneira que fazia com outros tipos de carga. Nas câmaras de gás as vítimas inalavam gases letais desprendidos por pelotas de ácido prússico, produzidas pela avançada indústria química da Alemanha. Engenheiros projetaram os crematórios; administradores de empresa projetaram o sistema burocrático, que funcionava com um capricho e eficiência que nações mais atrasadas invejariam. Mesmo o próprio plano global era um reflexo do moderno espírito científico desvirtuado. O que testemunhamos não foi nada menos que um esquema de engenharia social em massa. (FEINGOLD apud BAUMAN, 1998, p.26)

O departamento da SS encarregado da destruição dos judeus era chamado oficialmente *Seção de Administração e Economia*. O encarregado do transporte dos judeus, primeiro para deportação, depois para os campos de concentração, era Adolf Eichmann. Julgado como materialização do mal em Jerusalém, Eichmann mostrou-se um mero burocrata. Sua defesa encaixa-se na definição de administração moderna de Max Weber:

Precisão, rapidez, clareza, conhecimento dos arquivos, continuidade, descrição, unidade, estrita subordinação, redução do atrito e dos custos materiais e pessoais – tudo isso é levado a um grau de otimização na administração estritamente burocrática.... A burocratização oferece acima de tudo a possibilidade ótima de realizar o princípio das funções administrativas especializadas de acordo com considerações puramente objetivas... O desempenho “objetivo” de um negócio significa basicamente um desempenho segundo regras mensuráveis e “sem consideração com pessoas”. (WEBER apud BAUMAN, 1998, p.33)

Para muitos analistas, o totalitarismo – como forma hegemônica de governo teve seu fim com a morte de Josef Stálin, em 1954. Outros vêem a agonia soviética do final da década de 1980 como o encerramento da história política totalitária. A esperança de paz nascida após 1918 conduziu boa parte dos países europeus ao liberalismo político. Impérios arruinados pareciam buscar em exemplos como França, Inglaterra e Estados Unidos a inspiração democrática para reconstruir o continente europeu. Menos de vinte anos depois, os nomes que comandavam a Europa eram Hitler, Stálin, Franco, Mussolini e Salazar. Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, União Soviética, Romênia, Polônia, Lituânia, Letônia e Hungria, todos esses países viviam sob alguma forma de regime autoritário. A esperança de 1918 transformou-se no maior conflito da história duas décadas depois.

A esperança da paz racional acabou não pela ausência da razão, mas precisamente pela utilização desta.

Em nenhum momento de sua longa e tortuosa execução o Holocausto entrou em conflito com os princípios da racionalidade. A “Solução Final” não se chocou em nenhum estágio com a busca racional da eficiência, da otimização na consecução do objetivo. Ao contrário, resultou de uma preocupação autenticamente racional e foi gerada pela burocracia fiel a sua forma e propósito. Sabemos de muitos massacres, pogroms, assassinatos em massa, muitos exemplos quase de genocídio mesmo, perpetrados sem a moderna burocracia, sem as tecnologias e artes que comanda, sem os princípios científicos de sua administração interna. O Holocausto, porém seria claramente um jorro impensável dos resíduos ainda não plenamente erradicados de barbárie pré-moderna. Era um morador legítimo da casa da modernidade; com efeito, um morador que não poderia se sentir em casa em nenhum outro lugar.(BAUMAN, 1998, p.37)

A modernidade, com sua eficiência racional, abrigou o holocausto e centenas de morticínios. Foi o lar dos totalitarismos, fascismos e das ditaduras. Os princípios da racionalidade casaram-se perfeitamente com os princípios autoritários. No autoritarismo podemos encontrar determinadas características que auxiliam a compreensão deste aspecto da intolerância, o que é ideológico e pessoal.

2 O PENSAMENTO INTOLERANTE

O horrível dos Dois Minutos de Ódio era que embora ninguém fosse obrigado a participar, era impossível deixar de se reunir aos outros. Em trinta segundos deixava de ser preciso fingir. Parecia percorrer todo o corpo, como uma corrente elétrica, um horrível êxtase de medo e vingança, um desejo de matar, de torturar, de amassar rostos com um malho, transformando o indivíduo, contra a sua vontade, num lunático a uivar e fazer caretas. E, no entanto, a fúria que se sentia era uma emoção abstrata, não dirigida, que podia passar de um alvo para outro como a chama de um maçarico

George Orwell - 1984

No primeiro capítulo a discussão sobre o conceito da intolerância resultou na identificação do totalitarismo como amostra da intolerância política. Neste segundo capítulo será desenvolvida uma discussão sobre como a intolerância é formadora da subjetividade – a princípio coletiva, um novo elemento de reflexão que une a coletivização do “Todo” totalitário, onde o indivíduo tem suas necessidades suprimidas pela ordem planificada de um estado opressor, com a *intolerância pessoal*, aquela que cada indivíduo carrega consigo – anjos e demônios, as duas faces da mesma medalha.

Nossa proposta é discutir o autoritarismo na sua relação com a intolerância, identificando os elementos e características que possibilitam o progresso de idéias autoritárias, através de exemplos do extremismo no nacionalismo, que resgata no pensamento hierarquizado, característico do autoritarismo, a inspiração política para seduzir a população com promessas de progresso que implicam na exclusão e discriminação.

O mundo de hoje parece ter esquecido o que aconteceu há poucos anos e, onde se considerava um baluarte da civilização ocidental, foram perseguidos e exterminados, de forma mecanizada, milhões de seres humanos. No entanto, isso despertou a consciência de muitos que se perguntavam: como é possível que uma cultura regida pela lei, pela ordem e pela razão, tenha praticado atos irracionais iguais aos velhos ódios raciais e religiosos; como se explica que povos inteiros tenham presenciado tranquilamente o extermínio em série de seus compatriotas;

quais são, na sociedade moderna, os tecidos que se conservam cancerosos e mostram, mesmo diante de nossa pretensa civilização, o anacronismo dos povos primitivos; e o quê dentro dos organismos individuais responde a certos estímulos do meio com atitudes e atos destrutivamente agressivos. (ADORNO, 1950, p.15)

O conhecimento dos princípios do autoritarismo vão nos ajudar a entender a aceitação de idéias excludentes que determinam, basicamente, a exaltação das diferenças como forma de condução de uma política social. O estabelecimento de uma estrutura hierarquizada do tipo piramidal provoca fascínio nas relações sociais, profissionais e pessoais e o pensamento hierarquizado alcança *status* de lei nas ditaduras totalitárias, seja assumidamente, como no nazismo alemão, ou oculta sob as promessas de uma igualdade de classes não concretizada.

Os sistemas autoritários favorecem ideologias negadoras da igualdade humana. Ideologias que, por um caminho ou outro, procuram demonstrar a impossibilidade de convivência pacífica e mutuamente proveitosa entre pessoas de raças ou culturas distintas. Dentro do conceito inicial de intolerância – a desvalorização do “outro”, ideais nacionalistas e integralistas fomentam o fundamentalismo político em partidos de extrema-direita que conquistam um espaço cada vez maior na política global, seduzindo a população com propostas que nos remetem a um passado sombrio.

O nacionalismo pode, por um lado, ser visto como uma forma legítima de resistência à dominação cultural imposta por novas “forças imperiais” no que convencionalmente chamamos de “contexto globalizado” pós-queda do comunismo soviético e da formação da União Européia. Por outro lado, abre brechas para a infiltração de extremismos que, juntamente com propostas de proteção à população e às cultura locais, inserem no debate a sacralização do espaço reconhecido como Estado-Nação, bem como de um suposto povo herdeiro *legítimo* desse espaço. Aos “outros”, como os imigrantes e minorias cujas características físicas e culturais impedem a assimilação com a população local, os nacionalistas extremistas reservam propostas que vão da perda de direitos, como benefícios sociais, ao confinamento e expulsão imediata do país – “A França para os franceses”.¹¹

2.1 O AUTORITARISMO E A DEGENERAÇÃO DA AUTORIDADE

¹¹ Frase tradicional da campanha nacionalista movida pelo partido de extrema-direita francês Frente Nacional.

A forma de que a ameaçadora barbárie se reveste atualmente é a de, em nome da autoridade, em nome de poderes estabelecidos, praticaram-se precisamente atos que anunciam, conforme sua própria configuração, a deformidade, o impulso destrutivo e a essência mutilada da maioria das pessoas.

Adorno

A palavra autoritarismo deriva de autoridade e, apesar disso, tem com sua palavra primitiva uma relação conflituosa. O princípio da autoridade é uma relação básica de poder e constitui-se num dos fundamentos da teoria política. Praticamente toda relação de poder pode ser descrita como relação de autoridade: o poder do pai sobre os filhos, do professor sobre os alunos e do governo sobre os cidadãos.

A idéia de autoridade está calcada na crença da legitimidade do poder. A autoridade constituída exerce seu poder numa relação de *mando* e *obediência*, o que define seu caráter hierárquico, mas, no entanto, a estrutura hierárquica propriamente dita pode ser substituída por uma relação informal de poder, no qual a autoridade é legitimada sem que seja preciso uma rigidez estrutural, uma espécie de poder informal que independe de cargos oficiais. Ou seja, o conceito de autoridade carrega consigo a idéia de hierarquia, mas não fica necessariamente restrito e subordinado a ela pois dá espaço para a liberdade, o que define sua legitimidade. (BOBBIO, 2000)

A legitimação é um fator essencial na determinação da autoridade pois dela decorre sua ambigüidade no exercício do poder e seu desdobramento, ou não, no autoritarismo. A legitimação do poder traduzida na obediência implica no aceite dos meios para o exercício desse poder, incluindo aí a violência. A diminuição na crença da legitimidade da autoridade pode significar o não aceite de seus métodos, a relação então passa a ser de *coerção* por parte da autoridade, começando aí seu processo de degeneração. Assim como o excesso de legitimidade leva à crença cega que conduz ao *fanatismo*, uma vez que tudo é aceito. Giovanni Sartori (1994) vai às origens da palavra autoridade para tratar de sua relação presente com o termo autoritarismo.

Autoridade é um termo latino muito antigo, e nunca foi (ao menos até algumas décadas atrás) um termo pejorativo. Ao longo dos séculos, autoridade foi invariavelmente uma palavra boa, de apreço. Hoje em dia, porém, autoritarismo é uma palavra depreciativa; indica um excesso e um abuso de autoridade, na verdade, uma autoridade opressiva que esmaga a liberdade. Não discordo dessa mudança, desde que não deixemos “autoridade” ser contaminada (quando não completamente engolida) pelo “autoritarismo”. (SARTORI, 1994, p. 251)

O autoritarismo é uma “manifestação degenerativa da autoridade” (BOBBIO, 2000, p. 90), é uma imposição de obediência prevista pelo princípio de autoridade. Nele, além do poder coercitivo ao qual se assemelha, existe o poder legítimo, que pressupõe um juízo de valor positivo na relação entre autoridade e poder.

A autoridade imposta ou então legitimada a ponto de sacralização deriva no autoritarismo que, por sua vez buscou no princípio da autoridade sua inspiração vestindo a roupagem de suas formas políticas mais conhecidas: o totalitarismo, o fascismo e as ditaduras.

Autoridade é, portanto, a forma do poder, ou a forma da influência, que surge da investidura espontânea e que deriva sua eficácia de se fazer ouvir, do reconhecimento. Podemos dizer igualmente que autoridade é um poder baseado no prestígio, na deferência. Em última instância, autoridade reflete excelência e o significado mais sucinto de auctoritas pode ser traduzido como influência moral. (SARTORI, 1994, p. 254)

Com base nesta noção de autoridade, é compreensível o desejo de qualquer sistema político de trazer para si a legitimidade concedida à autoridade. É o que faz a democracia invocando a legitimidade do poder eletivo. Foi o que fez também o fascismo.

Na prática, as distinções entre autoritarismo, fascismo e totalitarismo se confundem, sendo normalmente o último considerado uma espécie de aplicação radical dos princípios do autoritarismo. Mas o termo autoritarismo pode ser considerado mais amplo pois não se vincula obrigatoriamente aos elementos fascistas ou totalitários, como o domínio total, os campos de concentração, enfim, características próprias ao totalitarismo. As diferenças de “graus”, que podem diferenciar os dois sistemas, não afastam suas semelhanças e parentescos. De acordo com Bobbio:

Existe uma tendência significativa para limitar o uso do termo para as ideologias nas quais a acentuação da importância da autoridade e da estrutura hierárquica

da sociedade tem uma função conservadora. Nesse sentido, as ideologias autoritárias são ideologias da ordem e distinguem-se daquelas que tendem à transformação mais ou menos integral da sociedade, devendo entre elas ser incluídas as ideologias totalitárias. (BOBBIO, 2000, p.95)

Autoritarismo, enquanto termo que indica um sistema político, foi cunhado pelo fascismo e pretendia ser um termo elogioso, que tentava passar para um Estado ditatorial de partido único, os atributos ou associações favoráveis da autoridade. Para seus formuladores fascistas, o autoritarismo representava, no novo regime, uma restauração do princípio da autoridade em oposição à *“putrefação das plutocracias decadentes e sem autoridade”* (SARTORI, 1994, p.255). A “restauração” da autoridade promovida pelo fascismo tornou-se sua degeneração e o autoritarismo, como o fascismo, acabou tendo seu nome relacionado definitivamente à violência, à opressão e à intolerância. As possibilidades de escolha, a liberdade, ficaram de fora dos novos regimes lastreados no autoritarismo. Segundo Sartori (1994, p.257), *“o autoritarismo é um sistema político que deixa pouco espaço, se é que deixa algum, para a liberdade”*.

As ideologias autoritárias nasceram de aspirações concretas do povo. Aspirações que não encontravam na democracia liberal sua imediata satisfação e, diferente de preocupações teóricas com regimes e sistemas de governo (democracia, autoritarismo ou qualquer outro), queriam simplesmente uma oportunidade de vida melhor. A intolerância autoritária não pode ser compreendida sem um exame dos fatores e características que levam o indivíduo a aderir com satisfação aos regimes ditos opressores.

Os pesquisadores da Universidade de Berkeley começaram no final da década de 1940 um estudo sobre o anti-semitismo, uma tentativa de compreender como e por que a barbárie nazista aconteceu. Do estudo sobre o anti-semitismo os pesquisadores acabaram por desenvolver um amplo trabalho sobre “o fascismo em potencial” que se oculta debaixo dos valores aparentemente democráticos. O problema que havia despertado o interesse nesse estudo era o da vulnerabilidade da sociedade norte-americana ao anti-semitismo. Na realização do projeto, a equipe, que teve Adorno e o psicólogo Nevitt Stanford como seus principais coordenadores, ampliou seu alcance e definiu como seu objetivo o exame do tipo de personalidade suscetível de adesão a movimentos de direita, nomeadamente o fascismo.

Mediante o uso de instrumental analítico variado e pouco convencional – testes psicológicos projetivos, entrevistas em profundidade de inspiração psicanalítica, histórias de vida, escalas de atitude – a equipe ganhou condições para expor a constelação de traços como a rigidez e o conformismo que, combinados e gerados em condições sociais específicas, caracterizam a personalidade autoritária do indivíduo potencialmente fascista.

Mesmo estudando a personalidade, a análise sociológica sempre orientou os trabalhos, num esforço de estabelecer a relação entre a personalidade e o “conjunto de idéias e valores” que a cercam numa mútua interferência. O objetivo da pesquisa era compreender quais fatores sociológicos são cruciais na constituição da personalidade autoritária e como atingem seus efeitos.

O sujeito autoritário “***está dominado pelo medo de ser débil***” (ADORNO, 1950) e pelo sentimento de culpa, e dominado pelo medo aceita os extremos – defensivamente ou agressivamente.

Autoritarismo significa uma predisposição defensiva a conformar-se acriticamente às normas e mandos do poder do sujeito investido de autoridade. Do ponto de vista individual, os autoritários são pessoas que invariavelmente se tornam dispostas a concordar com as autoridades porque necessitam da aprovação ou da suposta aprovação destas como um alívio de sua ansiedade pessoal. (BAY apud ADORNO, 1950, p. 50)

Para Maslow, apud Adorno, 1950, p. 27, o sujeito autoritário vê o mundo:

Como uma selva onde a mão do homem está necessariamente contra outro homem (...) e onde os seres humanos são concebidos como fundamentalmente egoístas, maus ou estúpidos, têm a tendência a considerar os demais como rivais que são superiores e, por conseqüência, devem ser temidos, adulados e admirados, ou inferiores e, por conseqüência, deverão ser depreciados, humilhados e dominados.

A síntese do programa autoritário é a *ordem*, o planejamento seguro e ordenado de uma sociedade onde o caos impera ou imperava. O problema da *ordem* é comum a todo sistema político. Também o liberalismo democrático reivindica a valorização da autoridade como formadora da ordem social. O que caracteriza a ideologia autoritária é a obsessiva preocupação com o ordenamento hierárquico, partindo do princípio da desigualdade entre os homens, com a extensão dessa hierarquia a todas as técnicas de organização política.

Para Bobbio (2000, p.96) o “ordenamento hierárquico autoritário deixa de ser um instrumento temporário para transformação da sociedade e passa a ser a própria justificação da sociedade”. A formação e manutenção de uma estrutura piramidal política passa a ser não o meio, mas o objetivo final do sistema autoritário.

A estratificação, o pensamento hierarquizado, é sinal da intolerância, tendo sempre camadas, sejam elas sociais, profissionais ou outras formas de separação para distinguir o “eu” do “outro”, sendo este sobrevalorizado ou desprezado, conforme o *status* que se encontra nessa escala estratificada. Os sujeitos autoritários tornam-se incapazes de pensar no “outro” como igual, como alguém com problemas e sentimentos como os “nossos”, ficando a porta aberta para a desumanização dos “inimigos”. O medo de “ser débil” transforma o “outro” em ameaça. A criação de inimigos também é característica dos regimes autoritários, que fortalecem a adesão a sua ideologia com o objetivo unificador de lutar contra o inimigo comum.

As ideologias autoritárias, enfim, são ideologias que negam de uma maneira mais ou menos decisiva a igualdade dos homens e colocam em destaque o princípio hierárquico, além de propugnares formas de regimes autoritários e exaltarem amindadas vezes como virtudes alguns dos componentes da personalidade autoritária. (BOBBIO, 2000, p. 94)

Existe um conflito entre a subjetividade e a vida social com os limites que a convivência impõe – o que “eu” posso realmente fazer ou o que os “outros” permitem – a linha divisória ou fronteira deste conflito marca um dos pontos de intolerância. A relação entre subjetividade e ideologia segue a linha destes relacionamentos indivíduo/sociedade, na qual o todo ideológico tenta se sobrepor ao indivíduo, mesmo que para isso use exatamente o egoísmo de cada um.

Os sistema autoritários parecem criar, estruturar ou incentivar um determinado ambiente favorável a que certas “necessidades” individuais, antes reprimidas, possam encontrar apoio nas novas condições estabelecidas. O autoritarismo encontra ressonância nos indivíduos que através dessa ideologia satisfazem determinados anseios que, de outra forma, não poderiam ser expressos.

Quais as forças da personalidade e qual é o processo pela qual se organizam? Tomamos principalmente de Freud a teoria acerca da estrutura da personalidade;

(...). As forças da personalidade são essencialmente necessidades (tendências, desejos, impulsos emocionais) que variam de um indivíduo a outro em qualidade, intensidade, modo de gratificação e objetos de apego, e que interagem umas com as outras em pautas tanto harmoniosas como conflituosas. Posto que admitimos que as opiniões, as atitudes e os valores dependem das necessidades humanas, e que a personalidade é essencialmente uma organização de necessidades, podemos considerar a personalidade como um fator determinante das preferências ideológicas. No entanto, seria errôneo lhe atribuir o papel de determinante último. (...) a personalidade progride com impulsos do ambiente social e não pode isolar-se jamais da totalidade social dentro da qual se desenvolve. (ADORNO, 1950, p.31)

Segundo os trabalhos realizados pelos pesquisadores de Berkeley¹² a personalidade autoritária pode ser descrita por um conjunto de traços característicos e inter-relacionados. Pontos essenciais são o que chamam submissão e agressão autoritárias. Numa ponta está a “submissão”, motivada pela crença cega na autoridade. Essa característica traduz-se em comportamentos bajuladores ou excessivamente respeitosos a aqueles considerados superiores na escala hierárquica (seja profissional, social ou familiar). Na outra ponta está a “agressão”, ou o desprezo pelos “inferiores” e a disposição em atacar as pessoas débeis que socialmente são aceitas como vítimas.¹³

Outras características relevantes apontadas pelo estudo são a aguda sensibilidade pelo poder, a rigidez e o conformismo. A personalidade autoritária tende a pensar em termos de poder, a reagir com grande intensidade a todos os aspectos das relações de domínio. É intolerante com relação a ambigüidade, tende a não aceitar a complexidade, preferindo refugiar-se na simplicidade, mesmo que forjada, de uma ordem estruturada de modo elementar. Usa muito os estereótipos, que tanto no pensamento como no comportamento auxiliam na simplificação da realidade. É sensível à influência de forças externas e aceita sem

¹² A pesquisa A Personalidade Autoritária examinou através de entrevistas dezenas de indivíduos representativos, o identificando as pretensas personalidades autoritárias, o que foi feito com a distribuição de um número amplo de questionários que continham, além de perguntas sobre a vida pessoal, questões opinativas relativas a feitos antidemocráticos, que captavam a aprovação ou não aos feitos descritos. O procedimento era revisto e repetido para se chegar a conclusões mais próximas da verdade. Após definir os grupos, uma complexa investigação foi executada, com entrevistas aprofundadas e uma série de análises psico-sociais denominadas “clínicas”. Foram formados grupos e estes divididos, basicamente, em universitários e não-universitários. Finalizado o trabalho, os pesquisadores publicaram, em 1950, suas conclusões.

¹³ Para os pesquisadores uma relação hierárquica rígida e opressiva entre pais e filhos cria no filho um comportamento intenso e ambivalente em relação à autoridade. Numa tentativa de superar os conflitos interiores o indivíduo exterioriza, inconscientemente o comportamento submisso ou agressivo. Essa relação dinâmica entre “submissão” e “agressão” seria o ponto inicial da formação dos demais traços autoritários.

questionar todos os valores convencionais do grupo social a que pertence. A mente hierarquizada sente-se insegura quando colocada diante de grandes transformações, prefere o tradicionalismo e a normalidade. Aceita resignada as imposições superiores, que afinal, estão acima na pirâmide.¹⁴

Os resultados da pesquisa complementam as discussões apresentadas e são esclarecedoras para o nosso trabalho sobre os elementos do pensamento autoritário. Para Hannah Arendt (2000) outros componentes deste pensamento podem ser identificados observando-se a propaganda antidemocrática, arma de ideologias autoritárias, que encontra eco nas mentes de pessoas com um “vazio de pensamento”, incapazes de aprofundar seu raciocínio e refletir. Por “vazio de pensamento” não se entenda falta de cultura ou qualquer irracionalidade, mas precisamente a presença da razão não reflexiva, mas instrumental.

A irreflexão condena nossa capacidade de comparação, permitindo às ideologias transmitir seu discurso único como lei universal. O pensamento fica cada vez mais restrito em sua habilidade de reflexão e torna-se único. Dentro desse quadro ideológico, a mentalidade autoritária a tudo aceita, inclusive cumpre ordens que parecem totalmente absurdas

Há no autoritarismo uma sedução que cativa parte da população e que vai na contra-mão da crença democrática de um anseio supremo pela democracia como forma de governo. Essa sedução pode ser observada pelas características encontradas nos sistemas autoritários que os tornaram tão populares em diferentes momentos da história mundial.

2.2 A “MASSA ATOMIZADA”

De certo modo, o ponto de vista do Partido se impunha com mais êxito às pessoas incapazes de compreendê-lo. Aceitavam as mais flagrantes violações da realidade porque jamais percebiam

¹⁴Essas são, de forma sintetizada, conclusões de um trabalho que, metodologicamente recebeu duras críticas quanto ao processo de investigação, seja por causa dos questionários (com perguntas fechadas que limitavam a capacidade do entrevistado expressar seu pensamento, ficando muitas vezes restrito a opções de respostas extremadas) ou pela condução ideológica da pesquisa (sendo os orientadores principais reconhecidamente de uma linha política de esquerda, criticou-se uma possível ênfase na investigação do fascismo burguês, que não avaliava as camadas mais pobres da sociedade).

inteiramente a enormidade do que se lhes exigia, e não estavam suficientemente interessadas para observar o que acontecia. Graças à falta de compreensão permaneciam sãs de juízo.¹⁵

George Orwell - 1984

Os sistemas autoritários são normalmente tratados pelo senso comum como a imposição de determinado sistema governamental a uma população hostil a esse governo. Assim são lembradas, por exemplo, as ditaduras militares na América Latina. Uma análise histórica, no entanto, mostra um desconfortável apoio que os mais cruéis exemplos autoritários, como os governos totalitários, tiveram por parte de grande parte de seu povo.

Se a adesão da população ao autoritarismo é explicada precipitadamente como resultado da nova propaganda de massa do início do século XX, veremos que isso não se justifica, pelo menos inteiramente. A propaganda de massa pressupõe um “homem de massa”, com características individuais que o atrai ou repele diante do discurso autoritário.

Hannah Arendt (2000), avaliando o totalitarismo, discute o conceito de “massa atomizada”, que para ela é propositalmente contraditório e une os conceitos de massa (união, integração, aglomerado de elementos que formam um conjunto) com atomização (reduzir a partículas muito pequenas¹⁶). O domínio total, o Estado Total, conduz nossas impressões ao sentido de *uno* – um Estado, um povo, uma ideologia, uma economia, todos unificados. A expressão “massa atomizada” traduz com perfeição uma amplificação do “todo” totalitário cuja formação se dá, basicamente, por indivíduos isolados entre si.

*A verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada, cuja estrutura competitiva e concomitante solidão do indivíduo eram controladas apenas quando se pertencia a uma classe. A principal característica do **homem de massa** não é a brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais. Vindas da sociedade do Estado-nação, que era dominada por classes cujas fissuras haviam sido cimentadas pelo sentimento nacionalista, essas massas, no primeiro desamparo da sua existência, tenderam para um nacionalismo especialmente violento, que os líderes aceitavam por motivos puramente demagógicos, contra os seus próprios instintos e finalidades. (ARENDT, 2000, p.366, grifo nosso)*

Herbert Marcuse (1996, p. 127) também aponta o individualismo da multidão:

¹⁵ George Orwell - 1984 (2000:147)

¹⁶ Fonte: Aurélio – edição eletrônica (2001)

É verdade que a multidão ‘une’, une porém os sujeitos atomizados da auto-preservação que se destacam de tudo que transcende seus interesses e impulsos egoístas. A multidão é assim a antítese da ‘comunidade’ e a realização perversa da individualidade.

O apoio da grande maioria da população não envolvidas nem articulada em partidos ou instituições políticas organizadas que transita entre as classes sociais – o que Arendt denomina “massas” – é a grande conquista da ideologia autoritária.

*Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização política. As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com **massas** **que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos**, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto. (ARENDT, 2000, p.362, grifo nosso)*

A conquista totalitária das massas derrubou a grande crença democrática de que os sistemas partidários refletiam a participação da maioria da população, quando na verdade encobriam o grande número de *apáticos* que não mostram nenhum grande interesse na forma de conduta política do Estado.

O sucesso dos movimentos totalitários entre as massas significou o fim de duas ilusões dos países democráticos em geral e, em particular, dos Estados-nações europeus e do seu sistema partidário. A primeira foi a ilusão de que o povo, em sua maioria, participava ativamente do governo e todo indivíduo simpatizava com um partido ou outro. Esses movimentos, pelo contrário, demonstraram que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país de governo democrático e que, portanto, uma democracia podia funcionar de acordo com normas que, na verdade, eram aceitas apenas por uma minoria. A segunda ilusão democrática destruída pelos movimentos totalitários foi a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação. Agora, os movimentos totalitários demonstravam que o governo democrático repousava na silenciosa tolerância e aprovação dos setores indiferentes e desarticulados do povo, tanto quanto nas instituições organizadas e articuladas e visíveis do país. (ARENDT, 2000, p.362).

Ainda tratando das massas, ponto de partida para as conquistas do movimento totalitário, Arendt enfatiza a sua formação coesa e tendências de ação, como se realmente constituíssem um só corpo organizado. Mas não passa despercebida à autora a importância do isolamento dos indivíduos na construção e condução dessas massas.

(...) A atomização social e a individualização extrema precederam os movimentos de massa, que, muito antes de atraírem, com muito mais facilidade, os membros sociáveis e não-individualistas dos partidos tradicionais, acolheram os completamente desorganizados, os típicos “não-alinhados” que, por motivos individualistas, sempre se haviam recusado a reconhecer laços e obrigações sociais. (ARENDT, 2000, p.373).

A massa, vista de perto, significava a prosperidade do individualismo e esse individualismo, ao contrário da esperança liberal do indivíduo emancipado politicamente, tinha no egoísmo sua grande marca e seus objetivos pessoais favoreceram a cumplicidade e conivência com o regime opressor. Para Marcuse, a massa ou a multidão num regime autoritário:

É uma associação de indivíduos que foram despojados de todas as distinções “naturais” e pessoais, sendo reduzidos à expressão padronizada de sua individualidade abstrata, a saber, a busca do interesse próprio. Enquanto membro de uma multidão o homem tornou-se o sujeito da auto-preservação animal. Na multidão, o limite posto pela sociedade à busca competitiva do auto-interesse tende a tornar-se ineficaz e os impulsos agressivos são facilmente liberados. (MARCUSE, 1996, p.126-127).

A massa atomizada perde seu potencial transformador, tornando-se um instrumento de perpetuação passiva do poder opressor estabelecido, dispondo-se, inclusive, a instrumentalizar seu procedimentos mais radicais e intolerantes. O “*peso e a significação das massas crescem com o crescimento da racionalização mas, ao mesmo tempo, se transformam numa força conservadora que perpetua ela própria a existência do aparato.*” (MARCUSE, 1996, p.127).

Relembrando um pouco o capítulo anterior, o totalitarismo surgiu plenamente após o fim da Primeira Guerra Mundial. Ao contrário do que ocorria até então, quando as guerras eram localizadas e tinham seus efeitos restritos a determinados povos e países, a Grande Guerra envolveu praticamente toda a população europeia – além de várias outras partes do mundo – perdeu-se, após 1914, definitivamente no íntimo do povo qualquer esperança de

uma paz segura e duradoura. As crises econômicas posteriores só contribuíram para agravar a insegurança dos europeus, alarmados com o desemprego e com a possibilidade da invasão de povos estrangeiros para tomar-lhes as poucas possibilidades restantes. Nesse cenário a realidade assumia uma perspectiva muito dolorosa.

Uma saída para essa realidade sombria que se apresentava parecia, a muitos, estar nos discursos radicais, seja de esquerda ou de direita. Enquanto a esquerda mantinha sua proposta supranacional – primeiro o país e depois um mundo comunista – os radicais de direita propunham um nacionalismo imperialista. Suas palavras eram duras contra os “inimigos” estrangeiros, contra os inimigos não-estrangeiros (os sabotadores internos), contra a economia mundial e, mais do que tudo, a favor do “verdadeiro povo”, aquele que tinha todos os direitos que estavam sendo tirados, aquele que por nascimento e por sangue merecia um país forte, unido, seguro e sem o fantasma do desemprego.

Mais do que promessas de um milagre econômico, esses discursos ultranacionalistas prometiam um mundo fora do contexto planetário – *um mundo fictício*. E o que era só uma palavra de conforto tornou-se uma fé quase religiosa. Não se podia somente escutar esses discursos: era preciso colocá-la em prática.

Um das contradições do termo totalitário é a promessa da integração, da formação de um “Todo” Estado-povo com a eliminação das diferenças, quando na realidade o que se via era exatamente a perpetuação das desigualdades acentuadas ou modificadas, mas ainda divididas e representadas numa sociedade hierárquica. O que surgia com a ascensão do nazismo e do stalinismo não era a abolição das classes e sim a criação de novas elites que incorporavam boa parte das elites aristocráticas que já vinham em decadência e forneciam às massas a chance – impossível até então – de tomar parte nessas “novas” elites. A maneira de conseguir isso? Entrar para o Partido – ou fazendo parte de seu aparelho protetor (o exército e as diversas polícias), obedecendo às novas leis e normas ditadas pelo Partido e seu máximo expoente, o líder.

A ficção das promessas totalitárias permitia aos cidadãos, acima de tudo, um pouco de coerência num mundo em colapso.

Fugindo à realidade, as massas pronunciam um veredicto contra um mundo no qual são forçadas a viver e onde não podem existir, uma vez que o acaso é o

senhor supremo desse mundo e os seres humanos necessitam transformar constantemente as condições do caos e do acidente num padrão humano de relativa coerência. A revolta das massas contra o “realismo”, o bom senso e todas “as plausibilidades do mundo” (Burke) resultou de sua atomização, da perda de seu status social, juntamente com todas as relações comunitárias em cuja estrutura o bom senso faz sentido. (ARENDT, 2000, p. 401)

No caso da Alemanha, uma das vitórias da propaganda totalitária foi conseguir que as pessoas acreditassem na sua chance de pertencer a uma elite. Conforme o domínio do Estado se solidificava, de certo modo, realmente foi se constituindo uma elite, já que os comunistas foram eliminados, os deficientes mentais e físicos entraram para o programa oficial de eutanásia, outros inimigos políticos desapareceram e então os judeus tornaram-se os principais alvos juntamente com ciganos, homossexuais, maçons, testemunhas de Jeová, etc. Enfim, os “sobreviventes” acabaram por se considerarem especiais, uma elite.

A “ficção totalitária” não se tornou ficção no sentido de prometer um mundo diferente e não se esforçar para altera-lo, o esforço foi feito e o mundo foi alterado. A verdadeira ficção consistia em prometer paz enquanto se construía uma economia apoiada na indústria da guerra; prometer um império eterno (ou de mil anos) quando se atraía a ira do mundo; prometer oportunidades ao povo quando muito poucos teriam acesso a elas. Para Arendt, nem mesmo poucos teriam oportunidades, pois o objetivo máximo do totalitarismo seria a destruição da condição humana. Prometer união quando decretava a segregação. A propaganda totalitária prometia um mundo melhor, mas a prática totalitária insistia na superfluidade do homem.

*Os homens, na medida em que são mais que simples reações animais e realização de funções são inteiramente **supérfluos** para os regimes totalitários. O totalitarismo não procura o domínio despótico dos homens, mas sim um sistema em que os homens sejam **supérfluos**. O poder total só pode ser conseguido e conservado num mundo de reflexos condicionados, de marionetes sem o mais leve traço de espontaneidade. Exatamente porque os recursos do homem são tão grandes, só se pode domina-lo inteiramente quando ele se torna um exemplar da espécie animal humana. (...) Quem aspira ao domínio total deve liquidar no homem toda a espontaneidade, produto da existência da individualidade, e persegui-la em suas formas mais peculiares, por mais apolíticas e inocentes que sejam. (ARENDT, 2000, p. 507, grifo nosso)*

Os “slogans” propagados pela máquina totalitária tinham a capacidade e o objetivo de simplificar o pensamento acerca de assuntos complexos. Essas simplificações produziam uma sensação de conhecimento ou conforto num mundo maniqueísta. Havia o bem e havia o mal, claramente distintos, o mal era o inimigo estrangeiro e o inimigo interno – aquele que traía a confiança do povo e conspirava com o inimigo e por isso, merecia o pior castigo. O diálogo através de slogans contaminava a população, que preferia o conforto de frases feitas e pensamentos prontos às dificuldades da reflexão. *“Clichês, frases feitas, adesão a códigos de expressão e conduta convencionais e padronizados têm a função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade.”* (ARENDT, 2000, p. 56)

Para o desemprego, para a crise econômica, para o medo dos estrangeiros, para os problemas familiares, enfim, a ficção totalitária oferece uma esperança para tudo, uma oportunidade que quando agarrada não poderá ser renunciada. A irreflexão – essa falta de vontade ou de condições de pensar mais afundo sobre determinado tema – seria, para Arendt, a passagem de ida, o bilhete de entrada para esse mundo fictício e para o totalitarismo. A massa “atomizada”, constituída por conjunto de indivíduos egoístas, cuja mente autoritária hierarquizada prioriza os aspectos pessoais, aceitando qualquer coisa para manter seu status, inclusive as promessas fictícias, sem problemas de consciência.

Os elementos descritos por Arendt como componentes da “ficção totalitária”, podem facilmente extrapolar os limites do totalitarismo. O autoritarismo, com suas semelhanças e diferenças em relação ao totalitarismo, em suas promessas de segurança e ordem num mundo caótico, incorpora muitas das características descritas na análise de Arendt. Autoritarismo e totalitarismo caracterizam regimes opressores da liberdade individual do cidadão. Nada mais natural, portanto, que acreditar na promessa liberal de dar ao indivíduo emancipação e possibilidades de escolha como um antídoto aos sintomas que possibilitaram à ficção totalitária conquistar a população.

2.3 MINHA ÚNICA LÍNGUA É O “OFICIALÊS”

O “homem-de-massa”, o indivíduo atomizado que se deixa seduzir pela ficção totalitária, essa descrição de Arendt em *Origens do Totalitarismo* encontrou sua personificação na figura de Adolf Eichmann¹⁷, cujo julgamento em Jerusalém foi acompanhado pela autora. A análise do caso Eichmann por Hannah Arendt permite observar como o homem pode tornar-se supérfluo, vazio, e, entretanto, devido a uma estrutura que mantém o sistema, continuar a desempenhar seu papel com eficiência, pouco importando qual seja realmente esse papel. O que importa a esse ser humano vazio de pensamento é continuar existindo dentro daquilo que considera padrões de dignidade. Estes padrões têm pouco a ver com o que entendemos moralmente como digno. Dignidade, no caso, significa a maneira pela qual o indivíduo podia se encaixar numa sociedade dividida em camadas, o modo como podia ser visto por essa sociedade.

Até o início do conflito armado, em 1939, a função de Eichmann e do seu departamento era providenciar o que, até então, seria o Estado Alemão *judenrein* (livre de judeus) prometido nos discursos de Nuremberg – a extradição dos judeus da Alemanha. O bloqueio dos mares e das passagens terrestres pelas forças aliadas, juntamente com a proibição da entrada de judeus na palestina pelos britânicos (então no controle do território), impedia Eichmann de continuar a desempenhar eficientemente sua tarefa – o que acontecia talvez, pela primeira vez na sua vida. Em 1941 a “solução do problema judeu” tornou-se a “Solução Final” e a tarefa de “deportar” os judeus passou a ter um novo sentido, na linguagem oficial da SS continuou-se a usar o termo “deportação”, mas realidade o significado era extermínio¹⁸.

O que as ideologias totalitárias visam, portanto, não é a transformação do mundo exterior ou a transmutação revolucionária da sociedade, mas a transformação da própria natureza humana. Os campos de concentração constituem os laboratórios

¹⁷ Adolf Eichmann era chefe da seção B-4, do Bureau IV, do *Reichssicherheitshauptamt* – ou RSHA – o Escritório Central de Segurança do Reich, um departamento da poderosa SS (*Schutzstaffeln*) nazista. O acusado pelo planejamento da “Solução Final” do “problema judeu”, Eichmann, entrou para o Partido Nacional Socialista em abril de 1932, não por convicção, estava em dúvida em pertencer a uma Loja Maçônica ou filiar-se ao Partido – o importante era pertencer a algo socialmente significativo. Convencido pelo filho de um amigo da família entrou para o Partido e depois para a SS. Não tinha tempo nem vontade de se informar adequadamente à cerca dos pontos da doutrina nazista, nunca leu *Mein Kampf*, o que importava era simplesmente aprender o funcionamento da seção B-4 e ser eficiente no seu trabalho.

¹⁸ Essa, aliás, é outra característica do sistema totalitário notada por Hannah Arendt, a duplicidade na linguagem oficial, com o provável objetivo de facilitar o encaminhamento de tarefas “desagradáveis” deixando os funcionários desobrigados de utilizar termos como extermínio, assassinato em massa, etc.

onde mudanças na natureza humana são testadas, e, portanto, a infâmia não atinge apenas os presos e aqueles que os administram segundo critérios estritamente “científicos”; atinge a todos os homens. (ARENDT, 2000, p. 510)

Os campos de concentração, síntese do totalitarismo, acabaram ao longo do século XX, por se tornarem símbolo da intolerância humana e o centro da discussão sobre a maldade. Nomes como Auschwitz, Chelmo, Majdanek, Treblinka e Sobibor passaram a fazer parte de nosso imaginário através de filmes, livros e séries de televisão. No entanto o debate em torno do tema empobreceu com a “demonização” dos principais personagens nazistas e com a “santificação” das vítimas. Perde-se com esse maniqueísmo tão comum, a grande oportunidade de uma reflexão verdadeira, que busque mais do que culpados e vítimas, que busque o porquê de nos apegamos a uma ficção com tanto afincio, deixando tudo de lado para poder continuar com ela.

O sujeito central na discussão de Arendt (2000) sobre a maldade e a intolerância humana, Eichmann, mostrava-se incapaz de formular um raciocínio ou uma explicação complexa. Tal inabilidade chegou, mesmo antes do início do julgamento, a ser considerada uma estratégia de defesa, mas com o desenrolar dos depoimentos, a falta de capacidade de se aprofundar em qualquer questão mostrou-se um retrato fiel de Eichmann.

Sem dúvida os juízes tinham razão quando disseram ao acusado que tudo que dissesse era “conversa vazia” – só que eles pensaram que o vazio era fingido, e que o acusado queria encobrir outros pensamentos que, embora hediondos, não seriam vazios. Essa idéia parece ter sido refutada pela incrível coerência com que Eichmann, apesar de sua má memória, repetia palavra por palavra as mesmas frases feitas e clichês semi-inventados (quando conseguia fazer uma frase própria, ele a repetia até transformá-la em clichê) toda vez que se referia a um incidente ou acontecimento que achava importante.(ARENDT, 2000, p. 62)

Sem conseguir aprofundar uma discussão, Eichmann mostrava notável capacidade de recordar-se de eventos e datas que marcaram sua vida pessoal. Como forma de expressar essas recordações, o réu parecia procurar em frases feitas – do tipo clichês – a melhor maneira de parecer coerente.

A comunicação através de frases feitas, revelou-se mais do que uma busca pela coerência, na verdade os clichês eram a única forma de comunicação que Eichmann conseguia estabelecer com seus interlocutores. Os clichês davam a pessoas como Eichmann

– claramente enquadrada no conceito de personalidade autoritária – o ânimo necessário para vencer a tensão, forneciam todas as explicações nos momentos de dúvidas e, ao mesmo tempo, o mantinham prisioneiro da superficialidade.

A cabeça de Eichmann estava cheia até a borda de frases assim. Sua memória resultou bem pouco confiável a respeito do que realmente aconteceu; num raro momento de exasperação, o juiz Landau perguntou ao acusado: “O que você consegue lembrar?” (se não se lembrava das discussões na chamada Conferência de Wannsee, que debateu os vários métodos de morte), e a resposta, claro, foi que Eichmann se lembrava bastante bem dos momentos decisivos de sua carreira, mas isso não coincidia, necessariamente, com os momentos decisivos da história do extermínio dos judeus ou, na verdade, com os momentos decisivos da história. (Ele sempre teve dificuldade para lembrar da data exata do começo da guerra e da invasão da Rússia.) Mas o xis da questão é que ele não esqueceu nem uma única frase daquelas que em algum momento lhe deram uma “sensação de ânimo”. Por isso, durante todo o interrogatório, toda vez que os juízes tentavam apelar para sua consciência, recebiam como resposta o “ânimo” e ficavam ultrajados e desconcertados quando descobriam que o acusado tinha a sua disposição um clichê de ânimo diferente para cada período de sua vida e cada uma de suas atividades. Na cabeça dele, não havia contradição entre “Vou dançar no meu túmulo, rindo” adequado para o fim da guerra, e “Posso ser enforcado em público como exemplo para todos os anti-semitas da Terra”, que agora, em circunstâncias muito diferentes, preenchiam exatamente a mesma função de lhe dar um empurrão. (ARENDT, 2000, p. 62).

A linguagem oficial, slogans, clichês e frases semiprontas era para as pessoas submetidas ao autoritarismo totalitário um dos principais instrumentos de fuga para a ficção.

*“Minha única língua é o oficialês (Amtssprache)”¹⁹. Mas a questão é que o oficialês se transformou em sua única língua porque ele sempre foi genuinamente incapaz de pronunciar uma única frase que não fosse um clichê. (Será que foram esses clichês que os psiquiatras acharam tão “normais” e “desejáveis”? Serão essas as “idéias positivas” que um clérigo espera encontrar nas almas para as quais ministra? A melhor oportunidade para Eichmann demonstrar esse lado positivo de seu caráter em Jerusalém surgiu quando o jovem oficial de polícia encarregado de seu bem-estar mental e psicológico deu-lhe um exemplar de Lolita para relaxar. Dois dias mais tarde, Eichmann devolveu o livro, visivelmente indignado; “Um livro nada saudável” – disse ele a seu guarda.). (...) Quanto mais se ouvia Eichmann, mais óbvio ficava que sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de **pensar**, ou seja, de pensar do ponto de vista de outra pessoa. Não era possível nenhuma comunicação com ele, não porque mentia, mas porque se cercava do mais confiável de todos os guarda-costas contra*

¹⁹ Frase de Eichmann explicando ao juiz Landau (um dos juízes encarregados de seu julgamento em Jerusalém) sua dificuldade de expressar-se.

*as palavras e a presença de outros, e portanto **contra a realidade enquanto tal***. (ARENDT, 2000, p. 62, grifo nosso)

Um sistema que permite e incentiva a produção de seres “atomizados” que, dentro de uma “massa”, busca sua satisfação individual e apenas isso, deixa pouca margem para uma simples e pertinente questão: quem pode decidir se uma pessoa tem mais importância ou goza de maior direito à vida do que outra pessoa? Tratamos a intolerância aqui como a desvalorização do outro. O pensamento hierarquizado é reflexo e também causa desse sistema. A decisão sobre quem deve viver ou morrer é a intolerância máxima.

Já se observou muitas vezes que o terror só pode reinar absolutamente sobre homens que se isolam uns contra os outros e que, portanto, uma das preocupações fundamentais de todo governo tirânico é provocar esse isolamento. O isolamento pode ser o começo do terror; certamente é o seu solo mais fértil e sempre decorre dele. Esse isolamento é, por assim dizer, pré-totalitário; sua característica é a impotência, na medida em que a força sempre surge quando os homens trabalham em conjunto, “agindo em concerto” (Burke); os homens isolados são impotentes por definição. (ARENDT, 2000, p. 526)

O que movia Eichmann era o desejo de fazer parte de algo importante, de assumir um lugar de destaque numa sociedade hierarquizada. O pensamento hierarquizado assume, na falta de reflexão maior, papel protagonista na condução das ações individuais. O respeito e a obediência servil diante de “superiores” na hierarquia contrasta com o desprezo absoluto aos “inferiores”. A forma hierarquizada de pensar agradece qualquer chance de progresso na “pirâmide” e se agarra a uma promessa, fazendo qualquer coisa para concretizá-la. Se os inferiores são desprezados, podem perfeitamente assumir o papel de inimigo – mesmo sem muito esforço que justifique tal classificação – e, **como inimigos, qualquer destino que tenham deve ser aceito como um fato inquestionável.**

O demonização de estrangeiros e outros grupos que “corrompem” a unidade nacional, pondo em risco o desenvolvimento da nação é o argumento central das propostas nacionalistas que ganham visibilidade no início deste novo século – geralmente de tendência mais extremadas, preocupando-se com a fomentação do ódio e da intolerância nos seus discursos públicos muito mais do que lançando propostas concretas de soluções para os problemas da nação. Afinal, todos os problemas se resumem no “outro” e seus defeitos, sua

incapacidade de viver entre “nós”. Esses brados “patrióticos” estão sendo ouvidos e estão encontrando seu espaço que tem um diâmetro maior a cada medição eleitoral.

2.4 O “OUTRO” COMO INIMIGO

Eu apenas digo em voz alta, aquilo que os outros preferem pensar em silêncio.

Jean Marie Le Pen (líder do partido extremista francês Frente Nacional)

“*A França está com medo*”²⁰. A frase é de Jacques Chirac, presidente francês de linha política conservadora (centro-direita), em alusão ao crescimento da violência política em regiões como a Córsega, no sul da França. Nas entrelinhas da frase de Chirac lê-se – a esquerda (moderada) não consegue conter; em uma situação de instabilidade o medo é um argumento histórico, cujo uso político é característico do autoritarismo e tem sido abraçado também pelas novas ideologias nacionalistas.

O termo nacionalismo, no seu sentido mais abrangente, designa “*a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional, que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva.*” (BOBBIO, 2000, p. 799). Desde a Revolução Francesa a ideologia nacional experimentou ampla difusão, chegando a ser considerada a única a poder fornecer critérios de legitimidade para a formação de um Estado independente no sentido moderno. Ao mesmo tempo, Bobbio (2000, p. 799) afirma que “*um mundo onde haja ordem e paz poderá ter, como fundamento, unicamente uma organização internacional formada por nações soberanas.*” Como a própria Revolução francesa, o “princípio nacional” teve um sentido emancipatório ao designar o povo como cidadão, não mais preso à submissão feudal. O nacionalismo fundava-se com bases liberais e democráticas.

Rousseau teorizou o princípio da soberania, no qual o poder ou domínio pessoal do príncipe é substituído pela idéia de que o Estado pertence ao povo, sendo este definido como um conjunto de cidadãos e não mais de súditos. O princípio nacional foi fundamental para a constituição do Estado moderno, na elaboração daquela forma de organização política que

²⁰ Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 8 de setembro de 2001.

coloca a racionalidade e o controle democrático do poder político no lugar do comportamento de submissão pessoal, característico do período feudal.

O movimento nacional luta para que se reconheça o direito que cada povo tem de se tornar o dono de seu próprio destino. Desta maneira, ele persegue dois objetivos, um interno e outro internacional. No plano interno, luta para proporcionar aos povos a consciência de sua unidade mediante a atribuição a todos os indivíduos dos mesmos direitos democráticos; desta forma os indivíduos adquirem competência para participar na definição da política do Estado. No plano internacional, o princípio da autodeterminação dos povos possibilita a realização da independência nacional e o estabelecimento de uma política exterior do Estado fundamentada na vontade popular, sem interferência de outros Estados. (BOBBIO, 2000, p. 799).

Porém, com o tempo parte do movimento nacionalista acabou por se julgar o “*único e fiel intérprete do princípio nacional e o defensor exclusivo dos interesses nacionais*” (BOBBIO, 2000, p.799). A missão auto-imposta de defesa da nação diante dos perigos externos e internos moldou o **caráter excludente e agressivo** do nacionalismo ao longo dos séculos XIX e XX.

Para denunciar o caráter de intolerância presente na idéia de nação na prática da política jacobina, o padre Barruel (apud BOBBIO, 2000, p. 803) em um escrito de 1798 (*Mémoires pour servir à l'histoire du jacobinisme*) utiliza a palavra nacionalismo. É a primeira vez que o uso deste termo é registrado. O padre assim escreve “*O nacionalismo ocupou o lugar do amor geral (...) Foi, assim permitido desprezar os estrangeiros, enganá-los e ofendê-los. Esta virtude foi chamada de patriotismo.*”

Tratamos o autoritarismo como degeneração do conceito de autoridade, pois ele não representa uma degeneração do princípio nacional, mais a sua conseqüência. Os movimentos nacionalistas têm a pretensão de ser os únicos intérpretes autênticos do princípio nacional e esta interpretação se sustenta em uma base única: a subordinação de todo valor político ao nacional. Por esse caminho o nacionalismo acabou por abraçar as teorias de divisão “natural” do gênero humano, colocando-se em contraste com valores universais (religião cristã, ideologia liberal, democrática, socialista), rompendo assim com sua origem emancipadora e democrática, tornado-se cada vez mais restritivo e reacionário. O nacionalismo acabou por aliar-se às tendências imperialistas e autoritárias de um Estado nacional “forte” e ordenado, que foi o prelúdio do nazi-fascismo.

Fascismo e nazismo utilizaram a insegurança e o medo dos italianos e alemães diante do cenário de colapso global no pós Grande Guerra para inspirar seus movimentos nacionalistas. A aparente contradição entre um movimento nacionalista e uma ideologia imperialista resolvia-se com a convicção de se estar, não internacionalizando o nazi-fascismo, mas sim expandindo os movimentos a partir de Itália e Alemanha, dominando e conquistando outros países para que seu povo e sua raça pudessem encontrar espaço vital. As derrotas militares da Alemanha e Itália encerraram o período do nazi-fascismo, mas o seu nacionalismo radical ainda permanece sob várias bandeiras ideológicas. O nacionalismo intolerante sobreviveu ao fim dos totalitarismos porque não deriva destes, mas é parte de sua essência formadora. O ódio ao “outro” continua desenvolvendo a sua tensão entre particular e coletivo, entre o racismo individual e uma ideologia xenófoba.

A frase de Chirac alertando para o medo dos franceses, retoma os princípios da intolerância autoritária. Primeiro cria-se o clima de tensão, depois é só indicar os inimigos. Por último aponta-se a solução – um governo “forte” que endureça o jogo com os bandidos. A desumanização dos inimigos engloba criminosos, adversários políticos e os imigrantes. Todos passam a ser um problema para a sociedade que vê com bons olhos a “limpeza” de sua “sujeira”.

Sob essa ótica da desvalorização das pessoas, os processos de integração do mundo em blocos econômicos e, conseqüentemente, culturais, caminham progressivamente, mas sofrendo os solavancos de um projeto que passa por cima da tensão entre o local e o global, prevendo na integração a solução e não o desnudamento de problemas intrínsecos de convivência entre diferentes povos e culturas. As “leis do mercado” que parecem conduzir o processo moderno de globalização acompanham a lógica da expansão do capital e, nesta lógica, o problema humano passa a ser uma questão de poder de compra – você é um cidadão completo se têm condições de consumir.

A mercantilização de valores culturais, origem e conseqüência do processo global, deveria encontrar em determinados círculos um contraponto intelectual que possibilite uma humanização das relações mercadológicas. Um destes círculos, o principal, seria o método educacional. A famosa esperança da educação contra a barbárie. No entanto, cada vez mais

intensivamente, é justamente a lógica de mercado – a mercantilização dos valores - que conduzem nosso processo educacional.

3 DA ADAPTAÇÃO À EMANCIPAÇÃO: O PÊNDULO DA EDUCAÇÃO

O problema da “nacionalização” de um povo deve começar pela criação de condições sociais sadias como fundamento de uma possibilidade de educação do indivíduo. Somente quem, pela educação e pela escola, aprende a conhecer as grandes alturas, econômicas e, sobretudo, políticas da própria Pátria, pode adquirir e adquirirá, certamente, aquele orgulho íntimo de pertencer a um tal povo. Só se pode lutar pelo que se ama, só se pode amar o que se respeita e respeitar o que pelo menos se conhece.

Adolf Hitler

“Educação é emancipação”

Theodor Adorno

Neste capítulo discutiremos o potencial educativo do pensamento crítico, mais especificamente nas idéias de Theodor Adorno. O propósito desta discussão é conectar o debate sobre a intolerância com a educação, como processo formativo de uma nova geração de cidadãos.

Adorno (1995) amplia o conceito de educação quando a define como emancipação. Nada de opressivo pode estar vinculado aos conceitos e práticas educativas. Emancipação é o mesmo que *conscientização, racionalidade*. A consciência movida pela razão é a chave para a libertação do indivíduo da prisão fascista e, ao mesmo tempo, pode ser o instrumento do autoritarismo para sua dominação e perpetuação, como se evidenciou no exemplo histórico do III Reich.

Como analisou Umberto Eco o racismo teórico de *Mein Kampf* – livro que Adolf Hitler escreveu durante o período em que permaneceu prisioneiro em Landsberg, no início

da década de 1920 – expõe o desmonte do pensamento. A intelectualidade, cuja missão seria a desbarbarização, ficaria (como ficou) de mãos atadas quando colocada diante do racismo “imbecil” como o de Hitler. Pois é justamente essa a missão – evitar a barbárie – que Adorno retoma para a educação:

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até agora mereceu tão pouca atenção. (...) A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia. (ADORNO, 1995, p. 119 e 155).

A escola e a universidade são espaços/lugares fundamentais de sociabilização e desenvolvimento pessoal. A relevância da juventude, enquanto categoria social para a modernidade, é reconhecida por Mannheim (1961) como o potencial renovador de uma sociedade. Mas a juventude pode também representar a perpetuação de um sistema ideológico, ou seja, tanto pode ser o sujeito principal das mudanças sociais, da renovação, da vitalidade, como o instrumento do conservadorismo autoritário ou de mudanças que não conduzam exatamente para a emancipação do indivíduo. Mostraremos como a indústria cultural e seu produto, a semicultura, corroboram neste processo.

Recorremos também aos pressupostos do totalitarismo e do pensamento autoritário na discussão do uso do potencial juvenil a serviço da dominação, para nele identificar os elementos que tratamos como constitutivos do pensamento intolerante autoritário, como a irreflexão, a competitividade degenerada, o egoísmo individualista, o pensamento hierarquizado e a aceitação do discurso único.

3.1 A AMBIGÜIDADE

A civilização produz a anticivilização e a reforça progressivamente.

Freud

A ambigüidade da racionalidade, que tanto pode contribuir para a emancipação do indivíduo como pode ser o instrumento de sua opressão, é um dos objetos de questionamento do pensamento crítico da Escola de Frankfurt. O fascínio da técnica, claramente visível através dos inegáveis triunfos da ciência natural no início do século passado, serviu à propagação do pensamento comum, que via na ciência a liderança da civilização rumo ao desenvolvimento.

Pensadores como Walter Benjamim produziram ensaios entusiasmados com o progresso técnico, como em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, que ressalta as consequências positivas abertas pela tecnologia no aspecto da dessacralização da obra de arte.²¹ Paradoxalmente, Benjamim acabou morrendo em 1940, fugindo dos nazistas na França ocupada - nazismo que, para pensadores como Bauman (1998), sintetizava o fracasso da racionalidade técnica como emancipação e, em contrapartida, seu sucesso como instrumento da barbárie através de sua inegável eficiência administrativa burocrática.

Verdade, a burocracia não gerou o medo da contaminação racial, e a obsessão com a higiene racial. Para isso precisava de visionários, pois a burocracia começa de onde param os visionários. Mas a burocracia fez o Holocausto. E o fez à sua própria imagem. (BAUMAN, 1998, p. 130).

A mão que afaga é a mesma que fere. Talvez esse provérbio possa ilustrar as consequências produzidas pela objetivação da nossa racionalidade – espelhada pela

²¹Adorno contestou o colega, apontando para os aspectos negativos, mostrando que o progresso tecnológico da produção de massa acarretava a regressão no escutar, levando as audiências passivas à não-fruição da música e sim ao consumo de um objeto fetichizado. (PUCCI, 1999, p. 4)

técnica – que encontra seu apogeu na sociedade capitalista contemporânea. (...) A grande pretensão da Aufklärung era de solapar as explicações irracionais dos mitos e substituí-las pelo saber. Mas não seria qualquer tipo de saber, e sim aquele que pudesse ser convertido em algo prático. (PUCCI, 1994, p. 46).

A ambigüidade da racionalidade é expressa por Adorno ao tratar da racionalidade instrumental e da racionalidade reflexiva, opondo uma à outra. Como vimos anteriormente na análise de Hannah Arendt, o “vazio de pensamento”, a irreflexão, é um componente fundamental do que a autora chama “massa atomizada” – indivíduos isolados a serviço da dominação. A incapacidade de aprofundar qualquer pensamento, de se comunicar de outro modo que não seja através de frases feitas e pensamentos acabados, é uma “qualidade” necessária ao pensamento autoritário e a dominação total promovida pela barbárie totalitária. Neste sentido é que a reflexão assume, para Adorno e para a Teoria Crítica, o papel principal desta luta da educação contra a intolerância.

Deve-se reconhecer os mecanismos que tornam os homens assim, que os tornam capazes de tais atos. (...) Devemos trabalhar contra essa inconsciência; devem os homens ser dissuadidos de, carentes de reflexão sobre si mesmos, atacarem aos outros. A educação só teria pleno sentido como educação para auto-reflexão crítica. (ADORNO, 1995, p. 34).

Pucci (1994) ressalta o papel educativo da reflexão: “quando você reflete, você resgata uma dimensão que vai além do círculo da mercadoria, do repetitivo. Isto é educativo, é formativo.” A auto-reflexão crítica proposta por Adorno é a *conscientização*, a passagem do não-ciente para o ciente. Por ela (a auto-reflexão crítica) os dominados podem ser esclarecidos a respeito de sua situação enquanto classe, no contexto de exploração e subordinação capitalista. Ela se torna educativa em dois sentidos: no esclarecimento dos mecanismos de alienação e de manipulação ideológica presentes no sistema e na revelação de verdades não intencionais que poderiam conter “imagem fugidias” de uma sociedade diferente.

A padronização do comportamento humano, por meio da instrumentalização da razão, ao invés de provocar apenas emancipação, reproduz o isolamento e a dessensibilização, características das “massas atomizadas”. Talvez possamos dizer que tal situação já acompanha a história da humanidade desde o tempo que a irracionalidade mítica

passou a ser combatida, objetivando-se o controle racional da natureza interna e externa. Contudo, conforme Pucci (2000), torna-se também evidente que esse procedimento encontra seu ápice quando a ciência definitivamente se transforma na principal mercadoria da sociedade capitalista contemporânea.

A mercantilização do conhecimento é visível nos aspectos da cultura e sua forma massificada pela indústria cultural, a pseudocultura ou a *semicultura*, refletindo-se no que entendemos por educação.

O mundo inteiro é forçado pela razão instrumental a passar pelo filtro da Indústria Cultural, os meios de comunicação de massa, a educação, o trabalho, o não trabalho, a vida particular. O processo fatal da racionalização penetra todos os aspectos da vida cotidiana, subordina todos os setores da vida espiritual a um único fim, ou seja, ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica à noite, até a chegada ao relógio do ponto na manhã seguinte. A diversão se torna um prolongamento do trabalho no sistema capitalista mais desenvolvido. (PUCCI, 1994, p. 27).

O ceticismo de Adorno quanto à idéia de que a necessária massificação da cultura corresponde à real democratização da produção, reprodução e assimilação simbólica também já lhe rendeu o rótulo de pensador elitista. Adorno não é contra a aplicação racional da técnica, de modo a atenuar o esforço proveniente da vida em sociedade. Mas afirmar que a massificação cultural por si só já demanda o fim da desigualdade entre os grupos sociais é uma atitude no mínimo ingênua, para não dizer perigosa. Adorno se opõe à idéia de que tanto a forma irracional como a racionalidade técnica se efetivam na sociedade, sob a tutela do fetiche da mercadoria.

*A indústria cultural confere a tudo um ar de semelhança. A seqüência automatizada de operações padronizadas para a satisfação de necessidades iguais, a tendência à uniformização, os invariantes fixos, os clichês prontos, a tradução estereotipada de tudo, se permitem uma distribuição mais acessível e universal dos bens culturais, geram por outro lado a exclusão do novo, do diferente, do criativo. **A máquina gira sem sair do lugar*** (ADORNO apud PUCCI, 1994, p. 27, grifo nosso)

Assim, para Adorno, cultura é “o perene protesto do particular frente à generalidade, na medida que esta se mantém irreconciliada com o particular.” (ADORNO, 1995, p. 72). A semicultura anula o particular e impõe a generalidade disfarçada de gosto próprio, como se a escolha fosse nossa.

O próprio conceito de formação cultural partilha da idéia de uma humanidade sem injustiças sociais, na qual todos possuem a mesma chance de lutar pela possibilidade de ascensão na hierarquia social. Para Pucci (1999) diante desse contexto, a mercantilização da produção simbólica possui duas tarefas fundamentais: a integração e a reconciliação forçada entre os grupos sociais desiguais entre si. Esse é o objetivo central do sistema de produção calcado na ilusão de que a massificação da cultura realmente possibilita a emancipação coletiva. Na verdade, a ideologia encontra-se tão “colada” à realidade, que qualquer comportamento que não se atrele ao entendimento das necessidades do consumo é imediatamente rotulado como desviante.

Nessa realidade globalizada, as grandes linhas de força que percorrem os países desenvolvidos alcançam, também, os periféricos. Em todos os locais o poder da indústria cultural se faz presente, trazendo a falsa diversão, a atividade que distrai no sentido literal do termo, isto é, que desencaminha, que desorienta, que empobrece o exercício mental, a percepção e a sensibilidade. Em todos os locais a face subjetiva da indústria cultural – a semicultura ou a semifirmação cultural – se instala. E a semicultura não se resume numa falsa cultura, algo que vem e que vai, que pode, mais tarde, ser substituído por algo mais avançado, mais perfeito. A semicultura é semifirmação cultural mesmo, isto é, deformação. Não se trata de uma ilusão, algo que pareça verdade mas que é errado. Uma pseudocultura. Não! Trata-se de um processo impeditivo da formação cultural. O seu inimigo mortal. (PUCCI, 1994, p. 14)

Adorno chamou de semicultura a difusão de uma produção simbólica onde predomina a dimensão instrumental voltada para a adaptação e o conformismo, subjugando a dimensão emancipatória que se encontra presa, porém não desaparecida. Para o frankfurtiano, a formação (*Bildung*) não pode ser absolutizada em relação à sociedade e aos homens que a produziram, daí a sua asseveração de que vivemos numa época de anacronismos, pois devemos reivindicar uma formação cultural numa sociedade que a privou de sua base. Essa é a chance da sobrevivência da cultura, ou seja, a retomada da sua função de autocrítica, se sua qualidade de juízo existencial, na sociedade que debilita suas condições materiais e espirituais.

A consciência livre e radicada em si mesma seria consequência inevitável de uma coletividade fundamentada na lei segundo a qual todos possuem os mesmos direitos e deveres, independentemente do gênero sexual ou opção religiosa. Contudo, Adorno lembra

na *Dialética do Esclarecimento*, que a instrumentalização da razão não conduziu a uma democracia efetiva, atrelando-se, pelo contrário, à dominação e à exploração. A necessidade da adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder como poder, cria o potencial do totalitarismo. (ADORNO, 1986, p. 114).

A adaptação requerida pela semicultura ao ambiente recebido pelos jovens, ressalta a passividade, a aceitação do discurso estabelecido, opondo-se à consciência rebelde, contestadora. A impregnação do conceito de adaptação à educação atual é um indicativo do pensamento conservador (preservação da ordem estabelecida), que trata o jovem como elemento passivo de assimilação cultural, favorecendo a sua cooptação por ideologias que têm na estratificação, na desigualdade e na exclusão, a sua base discursiva, pois coloca a juventude contra tudo que se diferencia do sistema vigente. Para Adorno, a adaptação é uma etapa do sistema educacional e não pode restringir-se a esta fase, é preciso passar para a próxima.

3.2 O PODER EDUCATIVO DO PENSAMENTO AUTO-REFLEXIVO

Pensar não é uma atividade inocente, mas perigosa. Influencia a prática dos indivíduos, leva-os a duvidar das formas tradicionais da cultura e subvertê-las. A razão ajuda a romper o repetitivo, a trazer o novo. Por isso, para os frankfurtianos, a Teoria Crítica era um sinal de resistência. Resistência aos irracionalismos da barbárie fascista, do autoritarismo stalinista, da semicultura capitalista. Resistência individual e coletiva, uma resistência através da razão, da cultura, da educação e da arte.

Bruno Pucci

Talvez uma das principais implicações filosóficas-educacionais da teoria de Theodor Adorno refira-se à defesa intransigente de um modo de pensar, que não se entrega diante das facilidades de um raciocínio condicionado a permanecer na superfície do dado imediato. O frankfurtiano defende, pelo contrário, a manutenção de um pensamento que ensina a ler as “entranhas” de cada objeto analisado.

O dado particular contém dentro de si não só suas idiossincrasias, mas também as relações sociais, materiais e históricas que foram responsáveis tanto pela sua essência, como pela sua aparência. “(...) é no olhar para o desviante, no ódio à banalidade, na busca do que ainda não está gasto, do que ainda não foi capturado pelo esquema conceitual geral que reside a derradeira chance do pensamento” (ADORNO apud PUCCI, 1999, p. 110)

Adorno faz da negatividade o instrumento central de sua reflexão: *“receber algo que se oferece à mente sem refletir sobre ele, é potencialmente o mesmo que aceitá-lo tal como é; todo pensamento impulsiona virtualmente na direção de um movimento negativo.”* (ADORNO apud PUCCI, 1999, p. 77). Optar pelo caminho da reflexão normalmente significa escolher o caminho mais difícil.

No filme Matrix, o personagem Neo tem a opção de escolha entre duas pílulas, uma vermelha e outra azul. Se tivesse escolhido a azul, sua vida seguiria a mesma, seu cotidiano não se modificaria. Porém, como optou pela vermelha, Neo conheceu a verdade sobre o mundo em que habitava, que era um mundo terrivelmente sombrio oculto sob às aparências da nossa banal vida cotidiana, um mundo onde os seres humanos eram escravos das máquinas. Saber dessa realidade transformou a vida de Neo numa violenta disputa pela humanidade, ou seja, o conhecimento verdadeiro pode, e vai, trazer dor e sofrimento, enquanto o pensamento irreflexivo nos mantém na segurança da superfície das idéias e também dos problemas, mesmo que o mundo ao redor seja fictício.

O pensamento irreflexivo segue a linha do pensamento autoritário, procurando sempre dividir o mundo em áreas seguras separadas por clara definição entre o bem e o mal, o preto e o branco, onde não há espaços para os tons de cinza da complexidade, da ambigüidade.

Novamente, o tipo de raciocínio dicotômico, reforçado cotidianamente em todas as relações sociais, contribui para a manutenção de uma sociedade em que a elaboração das identidades é feita pela exclusão ou mesmo eliminação do outro. (...) Estamos vivenciando a época onde, de acordo com Adorno, predomina a mentalidade do ticket. Há uma alusão ao processo de mecanização e padronização das instâncias psicológicas, já que a autoconservação só é possível quando o indivíduo se habitua a responder imediatamente aos estereótipos e simulacros dos produtos semiculturais. (PUCCI, 1999, p. 74)

A Teoria Crítica é avessa a sistemas filosóficos, idéias e pensamentos fechados – que não permitem uma interação crítica. Para a primeira geração da Escola de Frankfurt os sistemas fechados podem caracterizar dimensões totalitárias estabelecidas. De acordo com Pucci (1999), todo pensamento sistematizado traz em seu bojo, elementos profundamente relacionados à educação, uma vez que esta é, na realidade, um esforço que visa, com certo grau de sistematicidade, internacionalizar o social no desdobramento do histórico. A educação é um sistema ou uma forma sistematizada que não pode ceder ao vício de “fechar o círculo”, estabelecendo dogmas e doutrinas eternizadas.

A educação traz dentro de si uma ambigüidade: ela é ao mesmo tempo adaptação e autonomia. Enquanto processo desenvolvido na difícil relação entre pessoas, na pesada influência das gerações mais velhas sobre as mais novas, com uma importância fundamental na continuidade da espécie humana pela transmissão dos valores culturais, a educação precisa integrar a criança e o jovem na realidade em que eles vivem. Para Adorno (1955) “a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo” (ADORNO, 1995, p.143-144). Porém ela não pode apenas ser um processo de adaptação e seria igualmente questionável se fosse apenas isso, produzindo nada além de pessoas bem ajustadas, adaptadas em relação ao meio em que vivem, qualquer que seja a ideologia dominante neste meio. A educação deve ser também, simultaneamente, autonomia, racionalidade, possibilidade de se ir além da mera adaptação. Desviar dessa tensão entre autonomia e adaptação pode comprometer todo o processo pedagógico.

A contraditoriedade entre esses elementos (autonomia e adaptação) não é metafísica e sim dialética, portanto muda historicamente. O que ocorre nos dias de hoje é que a realidade se tornou tão poderosa sobre os homens que lhes impôs desde a infância o processo de adaptação, tornando-o quase automático. A organização econômica leva a maioria das pessoas à dependência do existente. Quem quer sobreviver tem que se adaptar ao que está dado. Uma exacerbada indústria cultural veda-lhes a visão e ofusca qualquer esforço na busca de um conhecimento enriquecedor. A necessidade da identificação com o existente, com o poder, cria as condições favoráveis para o autoritarismo. “A educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade teria nesse momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação”. (ADORNO, 1995, p. 144)

A resistência, o princípio da autonomia, tornou-se marginal, uma contracultura, e parece estar totalmente negligenciada em nosso contexto educacional. A adaptação conquistou sua hegemonia (vide o discurso tão comum na educação de “se preparar para o mercado”).

A formação cultural se converteu, progressivamente, em semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado. Nesse processo massivo de instalação, a dimensão formadora da cultura espiritual autônoma foi sendo massacrada, prevalecendo unidimensionalmente o momento da adaptação, da acomodação, da integração. A uma idéia de uma humanidade sem status e sem exploração própria da formação cultural se transforma ideologicamente na apologia do mundo administrado pela razão instrumental. A semiformação acaba adulterando o espírito e até a vida sensorial. (PUCCI, 1994, p. 32).

A emancipação pressupõe a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento, a *Mündigkeit* kantiana, *Mund*, que em alemão quer dizer boca. *Mündigkeit*, que significa fazer uso da própria palavra, ser senhor de si. Como diz Adorno (1995) educação não é um processo de modelagem de pessoas, porque ninguém tem o direito de modelar alguém a partir de fora. A educação não é também mera transmissão de conhecimentos, que transforma os sujeitos em depositários de coisas mortas. A educação é sim a produção de uma consciência verdadeira. Um processo educacional que tem como objetivo formar pessoas bem adaptadas, conformadas com o status quo, pode simplesmente reproduzir a barbárie.

Ora, a concepção da educação de Adorno objetiva exatamente criticar essa sociedade que potencialmente carrega dentro de si o retorno da barbárie. A semicultura tem uma relação de parentesco tão forte com o princípio da equivalência, que podemos identificar a difusão da sua lógica dual em todas as relações sociais que envolvam um processo de sociabilização. Ela pode ser identificada na mentalidade das chamadas tribos urbanas ou nas torcidas de futebol afirmam seu narcisismo coletivo ao mesmo tempo em que excluem e eliminam os “diferentes”. São atitudes comuns do indivíduo semiculto aquelas que dizem respeito à falta de tempo em proporcionar algum tipo de aprofundamento sobre qualquer assunto. Esse tipo de comportamento é cotidianamente reforçado pela mídia, sob a forma de jornais, revistas e biografias romanceadas que fornecem dados superficiais sobre personagens e fatos, perdendo-se a possibilidade do exercício do raciocínio crítico, que se converte em mera curiosidade. (PUCCI, 1999, p. 119)

A não-cultura, para Adorno (1995) pode converter-se em consciência crítica, pois ainda conserva certa dose de ingenuidade, ceticismo e ironia. Já a semicultura, que solapa violentamente essas virtudes, esmera-se na produção do conformismo e da fácil aceitação da realidade. Para Pucci (1999), se consideramos válida essa dedução, torna-se inevitável a observação de que, nos dias de hoje, esse tipo de consciência irônica e cética está fadada a ser extinta. Para tanto, basta observar o alcance global das formas de conduta que estão atreladas ao consumo dos produtos semiculturais, difundidos pelos *mass media*. Talvez estejamos fazendo parte de uma época na qual não se possa identificar um autêntico conhecimento popular proveniente dos grupos sociais marginalizados. Um conhecimento portador de signos capazes de prover as condições para que estes abandonem o estágio primitivo de consciência ingênua, para atingir o status de consciência crítica. Com efeito, atualmente a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica não é tão simples de ocorrer como possa parecer à primeira vista.

Há que se considerar que, nos dias de hoje, a subordinação da produção simbólica à lógica da mercadoria não prejudica apenas os dominados, mas conduz também à semiformação cultural dos dominantes. Se as reformas pedagógicas ficarem alheias a isso, correm o sério risco de contribuir para a reprodução da barbárie, apesar de pretenderem exatamente o seu contrário. (PUCCI, 1999, p. 121)

Em entrevista a Hellmut Becker, transcrita no livro *Educação e Emancipação*²², Adorno debate sobre as condições da educação na Alemanha pós Segunda Guerra, focalizando as discussões sobre autoridade, hierarquia e competitividade, elementos que, para ambos os pensadores, representam a opressão contida no conceito educacional tradicional. Becker lembra que, quando questionados sobre a dureza do tratamento dispensado aos alunos no ensino alemão, os educadores argumentam que “*é preciso preparar o jovem para a dura realidade que ele encontrará lá fora.*”, e com base nessa idéia, a instituição de ensino deve reproduzir as condições difíceis do mundo exterior, com castigos, punições e estímulo à competição entre alunos.

²² Adorno, 1995.

Outra oposição ao sistema educacional alemão da época é a que enfatiza a perpetuação da relação de **autoridade e de submissão** entre os agentes educacionais, em detrimento de propostas curriculares e de atitudes que seriam reforçadoras de um comportamento não autoritário e auto-reflexivo. Becker concorda com o argumento de Adorno de que seria impossível a formação de uma identidade sem algum contato com alguma figura que representa autoridade. Por outro lado, ambos concordam, que o movimento de **libertação dessa figura é central**. Assim, os professores são necessários, mas não tão relevantes a ponto de se suprimir as capacidades dos alunos.

Na verdade, a relação entre o particular e o geral nunca deixou de ser mediada pela força física. Todos os processos de sociabilização são construídos, direta ou indiretamente, sob a ameaça da violência expressa pelas punições e pelos castigos. Até bem pouco tempo atrás eram famosas as palmadas nas mãos dos alunos que não conseguiam decorar a tabuada. As escolas são marcadas por uma hierarquia oficial, segundo rendimentos, capacidades intelectuais, notas e outra hierarquia que permanece latente, não oficial e que se baseia na força física. (PUCCI, 1999, p. 126)

Outro aspecto importante que deveria provocar maior reflexão no processo de desbarbarização diz respeito à prática do esporte. Em *A educação após Auschwitz* (1995), Adorno apresenta a ambigüidade do esporte, que de um lado pode ser um encontro social, dentro de um clima de competitividade, permeado pelo cavalheirismo, pela solidariedade, pelo respeito ao adversário, portanto, com um manancial de energias potencialmente educativas. Por outro lado, em muitas de suas modalidades, pode gerar agressões, crueldade, violência generalizada, tanto entre seus participantes, como entre seus torcedores. O fanatismo, a exacerbação da competitividade, sobretudo no esporte profissional, podem suscitar explosões de barbárie, principalmente, diz Adorno, em pessoas que não se submetem aos esforços e à disciplina do esporte.

O outro aspecto está relacionado com o princípio da competição, particularmente utilizado em escolas, de diferentes regimes políticos, como um instrumental pedagógico por excelência. O princípio da competição mereceu especial atenção pois foi um dos princípios da política educacional na Alemanha de Hitler, como veremos mais adiante.

(...) A competição, enquanto estímulo, emulação, bem orientada, pode ser realmente um instrumental pedagógico. Porém da maneira como é usualmente utilizada nas escolas pode ser um instrumental reprodutivo da intensa competição presente na essência do sistema capitalista, que transforma os homens em inimigos dos próprios homens, privilegiando, na lei da sobrevivência, o domínio dos mais fortes, mais ricos, mais cultos, mais armados. Para Adorno, a competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana. É preciso – diz ele – “desacostumar as pessoas de se darem cotoveladas. Cotoveladas constituem sem dúvida uma expressão da barbárie”. (PUCCI, 1999, p. 161-163)

Adorno tem plena consciência de que a educação apenas, por mais crítico-reflexiva que seja, não tem condições sozinha de transformar rapidamente a situação da barbárie predominante. Porém, ela tem uma especificação insubstituível, e isso é expressivo em diversas colocações suas. Assim *“a educação, enquanto esclarecimento geral, pode criar um clima espiritual, cultural e social que não dê margens a uma repetição; um clima em que os motivos que levaram ao horror se tornem conscientes, na medida do possível.”* (ADORNO, 1995, p. 35).

Um sistema que forma jovens adaptados, ajustados, sem uma consciência crítica que possibilite a resistência, um sistema voltado para a técnica, produz o “consciente coisificado”. São pessoas que se distinguem pela incapacidade de realizar experiências humanas, pela ausência de emotividade.

Elas se relacionam ambigualmente com a técnica, como se esta fosse um fim em si mesmo, que satisfizesse plenamente as carências humanas. Seu amor tecnológico, absorvido por objetos, as torna intimamente frias, incapazes de amar outras pessoas. Equiparam-se de certa forma às coisas e tendem a considerar os outros também como coisas. (ADORNO, 1995, p. 40-42).

3.3 “SOLDADO DE UMA IDÉIA”

Quando eu era jovem, a crença corrente era de que a juventude é progressista por índole. Desde então isso revelou-se falso, pois aprendemos que movimentos reacionários ou conservadores também podem formar organizações juvenis... A juventude não é conservadora nem progressista por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade.

Pergunta: “O que torna o rock imortal?”

Resposta: “A juventude de quem ouve” – Nando Reis, músico dos Titãs.

O pensamento hierarquizado, manifestado na desvalorização do outro; a irreflexão, expressa na incapacidade de aprofundar uma idéia, um pensamento, a dificuldade de realizar comunicações complexas, na fala vazia através de clichês e frases feitas. Estas são características do pensamento autoritário e não obedecem, como critério de seleção, preferências de gênero, raça, idade, religião ou classe, podendo encontrar seus “adeptos” livremente.

No início do século XX a política partidária européia tradicional, como já foi dito, desprezou a importância das “massas” como sujeito politicamente ativo nos processos decisórios eleitorais. Erro não cometido pelos regimes totalitários, que conseguiram nas massas um aliado precioso. Outro detalhe característico da política européia pré-totalitarismo é sua recusa em reconhecer na juventude um potencial maior do que o papel de assimilador de conceitos de uma geração mais velha em um processo tradicional e contínuo, ou fluxo geracional. O fascismo e posteriormente o nazismo novamente não se permitiram tal negligência. No começo de suas caminhadas rumo ao poder, fascistas e nazistas buscaram nos ideais juvenis o simbolismo necessário às ideologias renovadoras e, ao mesmo tempo, elaboraram a estratégia para, conquistado o apoio dos jovens para a tomada de poder, obterem a doutrinação deles para garantir a perpetuidade deste poder.

Independente de características fisiológicas, etárias ou psicológicas, autores como Karl Mannheim (1961) tratam a juventude como categoria social, não no sentido coeso de classe, mas de uma situação e representação sociocultural. O mesmo Mannheim diz que na juventude os indivíduos realizam pela primeira vez a absorção consciente de suas experiências sociais. Na maturidade as novas experiências recebem um tratamento racional e reflexivo, sendo julgadas pelos indivíduos a partir de padrões de conhecimento já sedimentados. A resistência de indivíduos maduros à mudança social é muito maior do que a

dos jovens. A juventude seria então um “agente revitalizador”, pela qual o potencial de mudança poderia ser mais bem exercido dentro da sociedade.

Eric Michaud (apud LEVI, 1996) em seu texto “*Soldados de uma idéia*” descreve o comportamento e a atitude do governo na Alemanha nazista quanto à questão dos jovens, lembrando a ideologia do Estado ao citar Baldur Von Schirach, chefe do departamento da juventude do Reich nazista, quando afirmava que: “*só o que é eternamente jovem deve ter seu lugar em nossa Alemanha*” (MICHAUD apud LEVI, 1996, p.290). A juventude naquele contexto era vista fundamentalmente como uma atitude, “*os homens interiormente velhos são a peste de um povo, porque se opõe obstinadamente a toda idéia nova*”.

Na Itália, o fascismo nasce de organizações juvenis. Seus principais líderes, mais do procurar artificialmente ligar seu projeto revolucionário a ideais juvenis – como renovação, virilidade e perpetuação, tinham realmente pouca idade, ficando ainda próximos do que entendemos por juventude biológica – Mussolini tinha, em 1922, 39 anos, Ítalo Balbo tinha 26, Giuseppe Bottai e Dino Frandi tinham 27 anos e Roberto Farinacci, 30 anos. Não foi difícil para a propaganda fascista usar as qualidades atribuídas aos jovens como uma das bases da nova ideologia.

Vários símbolos da *juventude ideal* são suscitados pelo regime fascista, procurando dar conta deste enquadramento da *juventude real*.

Na verdade, os símbolos juvenis buscavam não apenas “domesticar” os jovens reais, mas, em vários casos, serviriam a outras funções: a jovem guerreira identificando a nação “em armas”, o jovem prolífico incentivando o povo italiano a ter mais filhos etc. Ou seja, a própria juventude era transformada em símbolo a serviço de uma série de outras necessidades políticas e sociais, (...) a “juventude” italiana transmuta-se em uma série de imagens que roubam seu papel de agente efetivo na vida social e a tornam mais um símbolo politicamente valioso nas mãos do regime totalitarista. (GROPPO, 2000, p. 127)

A instauração do fascismo italiano deu visibilidade ao projeto de “criação do homem novo” e a imagem deste homem é representada pelas estátuas e pinturas de atletas vigorosos. Esta imagem seria também a base da política juvenil da Alemanha nazista: o “homem novo” ariano era o jovem atlético de corpo perfeito. A crítica adorniana à competitividade esportiva

degenerada na segregação hierárquica – um mundo dividido em **vencedores e perdedores** – mostra sua face extremada nos regimes autoritários.

O esporte torna-se uma atividade essencial dentro da política de massas do fascismo na década de 30, tornando-se mesmo sinônimo do “*modo fascista de conceber e levar a vida*” (GROPPO, 2000, p. 128). Ao jovem do sexo masculino está destinado o papel de atleta guerreiro na defesa da nação italiana. Meninas e moças eram desobrigadas de responsabilidades políticas, seu papel era de “mulher mãe”, a mantenedora da ordem doméstica e provedora da nova geração de crianças italianas.

Aos simbolismos fascistas aplicados parcialmente na prática cotidiana dos jovens italianos (manifestações públicas como desfiles e comícios, quadros e retratos nas escolas, etc.), o nazismo acrescentou sua eficiência organizacional e administrativa, transformando os aspectos simbólicos de consciência juvenil em manuais doutrinadores aplicados rigidamente em numerosas organizações juvenis que, aos poucos, tornaram-se o modelo de política educacional nas escolas e universidades da Alemanha de Hitler. Os elementos identificados por Mannheim (1961) nessas associações juvenis nazistas, o levaram a firmar no jovem o real potencial de intervir na realidade social. Não se tratava mais de uma “criança crescida” da cultura britânica, ainda sem qualquer responsabilidade na condução política da nação, mas de um agente interventor fundamental, porém ideológica e politicamente neutro, uma “potência perigosa”.

Herdeiros diretos das facções paramilitares de extrema-direita na Alemanha pós-primeira guerra, o nazismo aplicou aos movimentos juvenis a rígida hierarquia militarizada característica dos paramilitares, além da competição estendida a todos os campos de atuação (esportes, desempenho escolar, participação em eventos de propaganda do regime, culto a Hitler, etc.) e o treinamento com técnicas de combate (num período em que a Alemanha estava teoricamente proibida de se militarizar). Mas esse processo foi gradativo, iniciado antes da chegada dos nazistas ao poder, ainda na década de 1920, culminando com o período da Segunda Guerra, quando, para muitos analistas, a doutrinação nazista prolongou a duração do conflito em alguns anos, pois forneceu jovens dispostos a servir e morrer por uma pátria já derrotada material e moralmente.

Os nazistas controlam os estudantes universitários desde o Congresso de Graz (Áustria), em 1931, através de sua Liga Alemã Nacional-Socialista. Em 1932, os estudantes aprovam em seu Congresso o princípio da liderança em vez de autogoverno acadêmico, antecipando no movimento estudantil os princípios de autoridade e hierarquia que seriam estendidos a toda sociedade alemã após 1933. (BRACHER apud GROPPPO, 2000, p. 157)

A sedução autoritária sobre os jovens não foi total e homogênea, mas inegavelmente contou com a adesão passiva ou ativa da maioria dos jovens alemães. Nas universidades, por exemplo, apenas cerca de 20% dos estudantes sofreram algum tipo de punição por rebelarem-se, de algum modo, contra as medidas racistas adotadas pelo sistema de ensino nazista – medidas que excluía dos quadros de ensino professores e escritores e colegas judeus, incentivavam a delação, premiavam idéias reacionárias e puniam o talento emancipatório. Mais de 50% dos alunos universitários aceitaram, em maior ou menor grau, os “novos métodos” (RICHARD apud GROPPPO, 2000, p. 181).

As expectativas criadas no pós-Primeira Guerra na República de Weimar apontavam para uma reforma progressista do sistema educacional alemão, visando desmontar o sistema imperial escolar – considerado opressivo, adepto dos castigos físicos e da distância clara entre alunos e professores, ficando os últimos com o papel autoritário, os “*policiais subjugadores e munidos de vareta ou bastão.*” (GROPPPO, 2000, p. 145). Ao longo dos anos 20, os ânimos reformistas se acalmaram, cedendo território ao ensino religioso anti-reformista, devolvendo a Igreja o poder perdido e sinalizando o caminho do conservadorismo para o futuro da educação alemã.

Neste ambiente conservador, o apoio de estudantes e professores a movimentos de direita era absolutamente normal e a crise econômica da República de Weimar, imediatamente identificada com desgoverno – bagunça – fortaleceu os laços de afinidade da comunidade universitária com ideologias da “ordem” e da “segurança”. O crescimento do partido nazista e sua chegada ao poder em 1933 enterrou definitivamente a esperança de reforma progressista no ensino da Alemanha. A reforma veio, mas seu conteúdo dificilmente poderia ser identificado com a liberdade desejada pelos progressistas. (GROPPPO, 2000, p. 128)

A Juventude Hitlerista, criada em 1926 como uma simbiose perfeita da ideologia de dominação nazistas com o métodos paramilitares de organização, exercia seu fascínio nas

mentes juvenis. Suas manifestações grandiosamente encenadas em paradas onde centenas de jovens uniformizados desfilavam entoando hinos nazistas falando do amor à pátria, portando a suástica – símbolo que apelava ao imaginário mitológico do povo nórdico – e fazendo sua tradicional saudação ao Führer (*Heil Hitler*) com os braços estendidos, conquistavam cada vez mais adeptos. Com a obrigatoriedade, a partir de 1936, de filiação e as demais vantagens aos membros e restrições aos não membros (exclusão da universidade, do trabalho público, etc.), o criador da Juventude Hitlerista, Baldur Von Schirach esperava completar o trajeto educacional da criança ao jovem, entregando a Hitler o cidadão nazista perfeitamente doutrinado, o “novo homem” desejado pelo fascismo italiano.

Em texto de 1926 (apud GROPPPO, 2000), Schirach esclarece a importância da liderança na doutrina nazista: estes (os líderes) devem assumir esta função como uma “vocação”, mais do que uma mera “ocupação”; devem os subordinados demonstrar rígida disciplina e respeitar a hierarquia; o líder deve ser o mais forte em termos de valores espirituais e caráter no seu grupo, goza de absoluta e incondicional autoridade e tem total responsabilidade pelo grupo. Para Schirach (apud GROPPPO, 2000, p. 163), na “*disciplina e obediência está o sucesso da Juventude Hitlerista.*” Este é um dos lemas do novo sistema educacional alemão sob o governo totalitário.

Para Hans Schemm (apud GROPPPO, 2000), o Ministro da Educação da Bavária sob o domínio nazista, o objetivo da educação é menos transmitir grande massa de conhecimento, mas “formar o caráter”.

Dentro dessa proposta, o nazismo investe muito na educação física. Um programa de ensino de educação física, de 1937, estabelece como seus princípios: a educação física é fundamental e parte inseparável da educação; sua função é a construção e acúmulo de forças para se reconhecerem as noções de comunidade Volk, consciência racial e liderança; também há a função de tornar o indivíduo hábil para servir prontamente o Estado e a nação, com forças do “corpo, alma e mente” (SCHEMM apud GROPPPO, 2000, p. 178)

A linguagem da dominação nazista não contesta o saber científico, ao contrário, a ele tenta se adaptar, utilizando sua roupagem e sua “autoridade” perante a sociedade e os próprios agentes educacionais.

Em 1933, o professor de filosofia e pedagogia da Universidade de Berlim, Alfred Bäumler, chamava o “homem novo” de soldado político, “o homem que sabe a quem obedece e por quem luta”, e propõe uma “educação soldadesca” envolvendo todos os alemães. (MICHAUD apud LEVI, 1996, p. 293)

Em setembro de 1933, introduzem-se nas escolas os estudos de ciência racial, excluem-se os docentes judeus e submetem-se compulsoriamente os demais professores à ideologia do regime. Havia sessões de medição da caixa craniana de alunos judeus e arianos. Ao mesmo tempo afirmava-se que “raça significa alma” em manuais, sugerindo que se deveria desconfiar do uso de medições físicas apenas (o corpo poderia estar mentindo, qualquer um poderia ser um “judeu de espírito”). Matérias como “matemática alemã” e “física ariana” passam a fazer parte do currículo disciplinar dos alunos e contam com o apoio de renomados cientistas da época (GROPPO, 2000).

Como já foi dito, a adesão às novas normas não foi total, centenas de professores emigraram da Alemanha no período nazista, grupos juvenis foram formadas para resistir à doutrinação. As próprias medidas restritivas adotadas nas escolas e, principalmente nas universidades²³, acarretaram uma grande diminuição no número de discentes e docentes do quadro educacional alemão. A proposta de criar “*um novo gênero de estudante, professor e indivíduo recai em uma aplicação de princípios autoritários e militaristas que estrangulam quaisquer exercícios criativos na universidade.*” (GROPPO, 2000, p. 183). Mas, apesar dos absurdos, a maior parte dos jovens continuaram, até o último momento, a integrar o sistema educativo nazista, muitos fervorosamente, como também o fizeram muitos de seus professores.

A dissertação sobre a intolerância aqui proposta, identifica que a doutrinação dos jovens pelo governo nazista veio mostrar que o sistema educacional tradicional, quando colocado frente propostas claramente discriminatórias e excludentes, não encontrou em sua formação nada que pudesse permitir uma resistência, ao contrário, encontrou por parte de professores e alunos uma recepção bastante amistosa e participativa ao autoritarismo. A revolução na educação alemã não significou a extinção dos meios tradicionais (escolas e

²³ Proibição de entrada do judeus, seleção por ancestralidade, provas de serviço na Frente de Trabalho, etc.

universidades) ou substituição completa dos agentes educacionais, mas a adoção por estes da ideologia nazista como princípio fundamental, o que de fato ocorreu.

A esperança de Adorno de uma educação voltada para emancipação do indivíduo viu no período totalitário sua perversão, a educação era uma arma de dominação. Mesmo assim, ainda hoje, a educação é citada como a grande esperança de desbarbarização da humanidade. No entanto, o próprio filósofo frankfurtiano reconhece a permanência, no atual sistema de ensino, dos elementos que constituíram a dominação autoritária.

Entre os elementos de dominação estão a despolitização, a fragmentação do conhecimento, e, como consequência, o predomínio do pensamento único. Cada vez mais os jovens incorporam o discurso do “mercado”, essa entidade alienadora que assume o controle do processo educativo e cria estudantes especializados, mas com pouca relação com o *todo* que compõe a realidade complexa.

3.4 A COMPLEXIDADE

Tudo isso nos leva a chave do problema que é a reforma paradigmática. O paradigma dominante até hoje, e que começa a ficar um pouco combalido, é um paradigma de disjunção e redução. Queremos conhecer separando e desunindo, a ciência, a filosofia, a cultura literária, a cultura científica, a vida, a matéria, o homem, etc.. Desunimos, separamos o inseparável. Ora, o problema não é reduzir, nem separar, mas diferenciar e juntar, o problema-chave é de um pensamento que una, por isso a palavra complexidade.

Edgar Morin

Entrar na universidade, mais do que nunca, com a proliferação do neoliberalismo no ocidente, significa garantir um “lugar” no competitivo mercado de trabalho, mas esse lugar, que durante décadas foi cativo de estudantes graduados no ensino superior, ao longo da década de 1990, passou a ser cada vez mais disputado. O diploma universitário já não garantia a empregabilidade. A proliferação das instituições particulares de ensino superior, aliada ao desemprego de grande parte da população economicamente ativa, criou no senso

comum a certeza da necessidade não só do diploma de graduação mas também do ensino continuado. Cursos de especialização, mestrado e doutorado já são citados pelos *headhunters* dos departamentos de recursos humanos como importantíssimos, quando não fundamentais na conquista de uma vaga.

Nesse contexto, a proposta de Adorno de uma educação emancipatória está cada vez mais distante da realidade de nossos jovens. O ensino voltado ao mercado e suas necessidades é o conhecimento técnico especializado e fragmentado. A razão instrumental prevaleceu sobre a razão reflexiva. O debate sobre a aprovação no Congresso Brasileiro de uma lei que obriga o retorno do ensino de sociologia e filosofia ilustra bem a situação do ensino político na atualidade. Aprovada pelo congresso, a lei foi vetada pelo presidente, que é sociólogo, com a alegação de não haver recursos nem professores em número suficiente para cumprir a determinação do congresso. Explicação enfaticamente apoiada pelo ministro da educação e por boa parte dos pais de alunos, que em depoimentos nos jornais e telejornais, questionavam necessidade de ocupar o tempo dos filhos, de aumentar o custo do ensino (alegação das instituições particulares de ensino) para inserir disciplinas que não entram no vestibular e, principalmente, não “preparam para o mercado de trabalho”.

O reducionismo prevaleceu, supervalorizando o pensamento dicotômico que diferencia claramente o bem e o mal, o certo e o errado, o “nós” e os “outros”, mas que não sobrevive à complexa ambigüidade da realidade, e quando se defronta com ela, o que vemos, por exemplo, na união econômica contemporânea chamada globalização, tende a procurar respostas nos discursos extremos, pois estes se aproximam muito dos conceitos de bem ou mal familiares e parecem seguros, mesmo sendo promessas fictícias. Novamente o mundo fictício exerce sua sedução e, mais uma vez, a irreflexão é a entrada para esse caminho.

Enfrentar o problema da complexidade sempre foi filosoficamente marginal numa epistemologia científica que sempre privilegiou o progresso técnico e seus triunfos em detrimento da difícil tarefa de enquadrar esse progresso em questões morais. O progresso científico deu-se pelo caminho da disjunção, separar para conhecer, dividir para conquistar. Essa mentalidade foi devidamente aplicada ao tradicional processo de transmissão de conhecimento, normalmente confundido com educação.

A palavra complexidade sugere a idéia de complicação, de dificuldade, de ausência de ordem. No entanto, para os pensadores que se aprofundaram nesse tema, o termo complexidade adquire um outro sentido que supera esta idéia.

No campo da filosofia, complexidade implica em enfrentar a contradição: *o todo contém as partes, e as partes contém o todo*. Poucos filósofos a enfrentaram. A título de ilustração, Edgar Morin apresenta-nos alguns exemplos dessa inter-relação entre o todo e as partes:

Nós somos constituídos de 80 a 100 bilhões de células, no entanto, cada célula contém a totalidade de nosso patrimônio genético. Esta idéia não só quer dizer que a parte está dentro do todo, mas que o todo está no interior das partes. Nós mesmos somos indivíduos que estamos dentro da sociedade, mas a sociedade, como um todo, está presente em nós desde o nosso nascimento. (MORIN, 1990, p.117)

O pensamento complexo exige, assim, a aceitação dessa contradição e a fuga do reducionismo racional que não admite esse inter-relacionamento íntimo entre o todo e as partes. Nesse sentido Morin (1990) demonstra a diferença entre o pensamento complexo e o reducionismo racional comparando-os respectivamente com um holograma e uma fotografia. Enquanto numa fotografia cada ponto representa isoladamente uma imagem que, destacada do todo, não contém significado, no holograma cada parte contém a mesma figura que aparece representada no todo.

A formação e educação humana tradicional estão baseadas na idéia de separação, da disjunção, da especialização, da hiperespecialização. Esta educação implica em entender a realidade com base na seleção e isolamento de uma parte do todo, sendo esquecido o passo seguinte, o da conexão ou reconexão.

Desde a antigüidade tem prevalecido o pensamento lógico formal que determina que a essência das coisas não é mutável e as mudanças ou movimentos se manifestam somente na superfície. A influência desse pensamento, que não enfrenta a contradição existente na instabilidade e na dinâmica do mundo, foi bastante forte e impregnou a filosofia da ciência. Pensando sem aceitar as contradições, a “ciência”, principalmente as denominadas naturais, se limitavam a buscar a análise de uma parte do universo do conhecimento, de maneira a esgotar as causas numa cadeia linear.

A aceitação de que a parte não guardava relação com a universalidade, ou de que podia ser apreendida pela razão humana fundamentada na lógica formal, permitiu uma fragmentação, uma especialização cada vez mais aguda em detrimento de uma visão mais geral. É nessa perspectiva que o pensamento complexo surge, buscando encontrar formas de estabelecer a união, de reconectar as partes, os fragmento ao todo. Para Morin (1990), um dos principais pesquisadores do pensamento complexo, a educação figura como o principal e mais forte aliado para a mudança do paradigma reducionista no sentido de alcançar uma racionalidade mais aberta que compreenda a contradição.

Uma análise dos cursos superiores oferecidos atualmente nas universidades brasileiras, notadamente nas instituições de caráter privado, ilustra claramente a completa desvinculação da proposta de ensino com a formação do cidadão emancipado. A proposta abertamente aceita pela sociedade é a formação de profissionais para o mercado de trabalho. O nível de formação é o diferencial que determina o valor do salário a ser recebido. A fantástica proliferação de universidades privadas obedece a lógica mercadológica de atender a uma demanda. Oferecer ensino a quem não consegue de outra forma completar seus estudos não deveria ser propriamente motivo de críticas, mas o que se percebe, neste caso, é a transformação do racionalismo técnico – em oposição ao reflexivo – e fragmentado – que foge completamente do raciocínio complexo (pré-requisito para o raciocínio reflexivo) na essência, quando não na totalidade, do projeto moderno de ensino.

Quando retomamos as propostas de Adorno como esperança de educar para a não-violência, para a não-barbárie, podemos observar claramente o quão distante disto está nosso atual sistema educacional – o interessante é que este mesmo projeto é lugar comum nos discursos anti-barbárie, nos quais a adaptação é tratada como se fosse emancipação – e, lembrando Mannheim (1961) com seu diagnóstico sobre a potencialidade juvenil de renovar a sociedade e, no entanto, sua neutralidade ideológica pronta a servir qualquer tendência política – o futuro político da humanidade, que tem nos jovens sua perpetuação, assume – em tempos de luta do bem contra mal – um perspectiva nada animadora.

4 NAS PEGADAS DA INTOLERÂNCIA

Apesar da ênfase na teoria, evidenciada nos primeiros três capítulos, este último capítulo nos parece o momento ideal para ilustrar os conceitos e elementos da intolerância identificados teoricamente, com amostras da visibilidade contemporânea que alguns aspectos da intolerância apresentam, seja abertamente ou em movimentos “obscuros”, aparentemente ocultos e afastados de nosso cotidiano, mas que, como o passado histórico ensina, mostram um permanente potencial de emergir em determinados contextos políticos. Contextos que na atualidade, como no passado, oferecem inegável fomento para atitudes intolerantes.

Inicialmente tentaremos demonstrar como foi realizado o processo de coleta dos dados analisados aqui e porque estes dados são relevantes na nossa pesquisa sobre a intolerância. A seguir trataremos dos dados propriamente inserindo-os no debate sobre os elementos que compõem o pensamento intolerante. Os depoimentos coletados em canais de debates da internet – na sua maioria opiniões de jovens²⁴ “navegadores”, servirão, no decorrer do capítulo, para ilustrar passagens correspondentes ao aspecto tratado no momento, fazendo um paralelo ou diálogo entre idéias postas em livros, panfletos e manifestos eletrônicos, com a repercussão destas nas palavras dos jovens que recebem e interpretam esse discurso. Estes depoimentos serão citados com fidelidade na forma e na maneira como são apresentados nos debates dos respectivos sites, com sua linguagem, sua coerência própria – ou a falta dela. Procuramos alterar o mínimo possível sua apresentação, com o nome (normalmente o apelido) e a mensagem, mantendo os erros, grifos (os destaques em negrito são grifos nosso) e demais artifícios usados pelos debatedores para expressar sua mensagem, sua idéia.

Algumas particularidades que notamos quanto aos sites observados merecem ser aqui mencionadas para uma melhor visualização do contexto em se inserem os debates. Os

²⁴Além das estatísticas que mostram a predominância de jovens entre os usuários habituais da internet, os depoimentos observados refletem essa estatística com a maior parte dos membros identificando-se como jovens explicitando sua idade ou, através do conteúdo da mensagem deixando claro que seu ambiente é o escolar ou universitário e que ainda vive com sua família (pais e irmãos).

depoimentos são centralizados no que se denomina “sala de visitas” ou *guestbooks*, onde as opiniões e textos são enviados pelos usuários dos sites. Normalmente os sites mais elaborados contêm uma grande diversidade de material teórico disponível ao navegadores (alguns são apresentados neste capítulo), este material inclui, por exemplo, *Mein Kampf* de Hitler (versões completas ou resumidas), textos de autores como Alfred Rosenberg e do historiador revisionista David Irving. Em torno deste material e de fatos relatados pelos membros giram a maioria dos depoimentos das “salas de visitas”.

Nos meses pesquisados nota-se claramente um padrão. Alguns nomes aparecem repetidas vezes monopolizando determinadas discussões e dando o tom dos depoimentos. Estes nomes apresentam um texto mais elaborado, sempre com citações históricas e frases de “mestres” como Hitler e demais teóricos da supremacia racial. Os textos mais complexos se contrapõem a um grande número de mensagens curtas e mal redigidas que destilam palavras de ordem manifestando seu ódio contra “raças imundas”. A integração dos discursos elaborados com mensagens chulas cheias de ódio revelam o painel ou caldeirão de diversidades no interior de movimentos defensores da purificação como salvação da humanidade – a sua humanidade.

As mensagens mostram uma linguagem própria, característica comum da formação da identidade de grupo e referencial de reconhecimento entre os membros. São utilizadas, por exemplo, expressões em alemão como *Sieg Heil* – uma saudação de vitória e 88 – alusão às letras HH de *Heil Hitler*; NS designando Nacional-Socialista. Outros códigos de reconhecimento são usados pelos membros assíduos e representam uma distinção hierárquica entre os permanentes e os navegadores de ocasião que freqüentam debates ocasionais.

Para exemplificar esse painel coloco abaixo dois depoimentos. O primeiro é específico e direcionado aos membros locais, com ameaças e palavras de ordem. O segundo é de um dos nomes (*nicks*) mais repetidos – Frindenberg, um dos ideólogos que direcionam os debates. Várias mensagens de Frindenberg aparecem neste capítulo.

Nome: Himmler²⁵

Excelente página. Um aviso ao prefeito de Caxias do Sul – RS. A prefeitura sofrerá mais pizações (sic) e ameassas (sic) nazistas contra o PT e os crioulo (sic) filbus (sic) da puta que trabalham naquela bosta de prefeitura. Já botamos fogo uma vez, na segunda vai ser pior. Te cuida Pepe Vargas. A cidade de Feliz colonizada por alemães está do nosso lado, dessa vez os porcos vão ter medo!!!! Die SS Kompanie!!!

Nome: Frindenberg

Nos barracos vejo uma maioria de negros, nas mansões vejo uma minoria de negros; nas periferias vejo uma maioria de negros, na zona sul vejo uma minoria de negros; nas regiões pobres vejo uma maioria de negros, nas regiões ricas vejo uma minoria de negros; no Haiti vejo uma maioria de negros, nos Estados Unidos vejo uma minoria de negros; na África vejo uma maioria de negros, na Europa vejo uma minoria de negros. Será que os lugares, bairros, cidades, estados, regiões, países, continentes, onde a raça negra é majoritária, estão a mais de 6.000 anos na história registrada, repletos de: pobreza, fome, desemprego, morte, prostituição, tráfico, seqüestro, roubo, guerra civil, etc; devido unicamente a uma “injustiça” praticada pelos brancos, ou a sua falta de esforços nos estudos e em suas profissões (quando tem uma honesta).

4.1 TÃO LONGE, TÃO PERTO ²⁶

Os primeiros trabalhos (teses, dissertações, trabalhos de graduação, reportagens em jornais e revistas, etc.) encontrados sobre intolerância, totalitarismo, racismo e movimentos juvenis violentos, indicavam alguns pontos de convergência. A idéia inicial era procurar indicadores do potencial de intolerância encontrados em instituições de ensino bem como nos métodos pedagógicos utilizados por estas. O gigantismo do trabalho não permitiu a realização de tal proposta, mas as leituras das pesquisas coletadas mostravam alguns pontos convergentes, indicativos claros de um certo padrão de divulgação de idéias.

O caminho teórico dos capítulos iniciais permitiu a compreensão de algumas características de comportamento individual e coletivo que demonstram a permanência da intolerância nos diversos sistemas políticos ao longo das últimas décadas. Do extremismo totalitário ao disfarce democrático, elementos como “vazio de pensamento” traduzido no comportamento irreflexivo, que adquire o conhecimento técnico e instrumental no que

²⁵ Exemplo de depoimento retirado de site White Power em fevereiro de 2002. < www.libreopinion.com/members/whitehounor >

²⁶ FARAWAY SO CLOSE – título de um filme de Wim Wenders.

Adorno chama de educação para adaptação, que transmite a semicultura, mas que não prepara o indivíduo para sua emancipação reflexiva, deixando-o aberto a ideologias que, em certas condições, podem levar à barbárie.

O mesmo ocorre com o pensamento hierarquizado, característico do pensamento autoritário, comum a qualquer ser humano em qualquer camada social ou regime político, que estabelece a hierarquia de valores como forma de condução da sociedade. A idéia piramidal premia o mundo dividido em camadas, onde sempre há o “outro” a ser desvalorizado por pertencer a uma camada inferior. Esse pensamento se apresenta no comportamento individual, como por exemplo o racismo, podendo ou não ser ampliado politicamente na escolha de partidos e ideologias autoritárias que estendam o pensamento hierarquizado a toda relação social, dizendo quem tem direitos e quem não tem, quem pode viver e quem não pode. A competição degenerada desenvolve o pensamento hierarquizado, compreendido perfeitamente na idéia de vencedor e perdedor tão comum à cultura ocidental e tão presente nas idéias transmitidas na forma de superioridades raciais ou culturais.

Em textos como a tese de doutorado de Telma R. de Paula Souza (1998) sobre os skinheads, a pesquisa de João Weck (1994), vários depoimentos foram coletados com o objetivo de identificar fontes ideológicas de movimentos de inspiração nazi-fascista. Nestes trabalhos diversas fontes relatavam os livros de determinada editora porto-alegrense como referencial teórico de movimentos extremistas, entre as fontes estavam jovens skinheads, jovens partidários de movimentos nacionalistas, participantes de movimentos separatistas, estudantes de comunidades formadas por imigrantes de origem alemã, e até mesmo professores. De um modo ou de outro os livros da Revisão Editora e as idéias “revisionistas” de seu proprietário, Siegfried Ellwanger Castan, são citadas como referência. A busca deste material e sua análise foram se transformando em nossa primeira preocupação.

A grande expansão da rede mundial de computadores interligados ao longo da última década transformou o acesso à informação, principalmente entre a camada da população que se desenvolveu juntamente com a popularização dos computadores, os jovens. A promessa de um sistema de divulgação de informações de todo tipo, sobre todos os assuntos, com acesso livre e irrestrito através de um terminal doméstico instalado na nossa sala ou no

quarto, fascina qualquer pessoa, de qualquer classe ou idade, mas neste primeiro momento os jovens de classes alta e média parecem dominar o universo de “navegadores” deste mundo virtual.

Se de um lado podemos encontrar facilmente informações sobre qualquer coisa, podemos também acessar sites pornográficos, pedófilos e racistas. A diversidade e a interatividade que diferenciam a internet dos demais meios de comunicação tradicionais ampliam na mesma proporção os limites do contato da juventude com idéias extremistas, gerando um importante campo de troca de informações e debates entre doutrinas e ideologias diversas com um público bastante interessado. São esses sites e os debates suscitados por seus usuários uma importante fonte de material para esta análise.

Nome: Frindenberg – RN²⁷

Perdoem-me pelo valioso espaço que isso deverá tomar.

Hoje temos uma arma intrínseca a favor da verdade que ainda é omitida por pessoas de caráter desprezível e manipulador. Essa arma é a internet. A internet é uma grande aliada da verdadeira democracia que muito vem sendo deturpada em prol do engrandecimento do interesse econômico de alguns que se auto-intitulam “injustiçados”. Livros como o Mein Kampf eram destruídos em massa, numa incessante preocupação de ocultar a verdade, evitando assim que abrissem nossos olhos para os nossos verdadeiros inimigos. Hoje tais atos antidemocráticos são ineficazes, mesmo que proibam o comércio de livros ns, não puderam esconder de nós a verdade. Por isso as pesquisas na internet são de uma ajuda significativa. A geração dos nossos pais foi iludida e moldada, (...) porém, temos oportunidade de conhecer a verdade e propaga-la sem restrições, pela internet. Vejam o que Matt Hale, fundador da Igreja do Criado disse a respeito da internet:

“A internet tem o potencial para atrair milhões de brancos com sua mensagem e nós precisamos utilizar isso sem entremeios.”

Na mesma proporção que os novos site são criados, cresce a preocupação que as autoridades e grandes organizações (e sabemos bem quem manipula esses, não é mesmo?) têm sobre o interesse e crescimento de novos adeptos por assuntos ligados a anti-semitismo, valorização racial, nacional-socialismo, etc. Isso é um bom sinal! Se não houvesse essa preocupação por parte das autoridades isso significaria que não estaríamos progredindo. Todas essas perseguições que são feitas a nós devem ser encaradas como um forte estímulo e sinal que estamos conseguindo nossos objetivos.

14/88

A internet democrática aceita todos os pontos de vista, incluindo o racismo, explicitado nos depoimentos.

²⁷ Depoimento retirado de site White Power < www.libreopinion.com/members/whonour >, em fevereiro de 2002.

Nome: Johan88²⁸

Temos que andar para frente, daqui uns 30 vai haver mais pretos q brancos. Temos q exterminar a sua raça, todos juntos poderemos combater essa praga de pretos, filhos da puta morram todos! HEIL HITLER um abraço Johan.

Nome: WP14_100%BRANCO²⁹

O que fazer com um macaco que sai por aí falando: “as mulheres brancas dizem q o sexo (pênis) do negro é melhor” ou “um senhor da sua classe (branco) me parou e pediu para que eu beijasse as duas mulheres dele (brancas). O que fazer com um macaco que sai pregando a falta de virilidade masculina branca para nossas mulheres, a resposta é CASTRAR esse tipinho imundo que quer as nossas mulheres, estou me referindo ao macaco Taiguara Nazareht. Ele e Alexandre Pires devem ser castrados para que aprendam e sirvam de exemplo para a macacado para não se meter com nossas filhas, irmãs e mães! Quando ver um preto com uma branca, castre-o. Rumo a nova ordem!!!!!!

O alcance deste material, tanto os livros como a internet, é limitado comparado com o universo total de informações disponibilizadas diariamente no cotidiano de jovens e adultos que politicamente podem potencializar tais idéias em movimentos concretos e atos extremistas. Mas a presença destas idéias parece permear diversos atores de alguns movimentos nacionalistas xenófobos e racistas e um estudo sobre a linguagem empregada nestes livros e panfletos, como no material disponibilizado na rede de computadores pode revelar os aspectos ou categorias do pensamento intolerante discutidos até aqui. A análise de autores como Arendt e Adorno que traduzimos em categorias como irreflexão, pensamento hierarquizado, maniqueísta, alienado por ideologias prontas e acabadas, amparam o estudo crítico destes discursos, pois independente do tamanho do contato que tais idéias estão tendo com nossa juventude, a insistência com que são citados e reconhecidos demonstra que as idéias estão aí e em algumas mentes com muita força, o que por si só já seria indicativo da necessidade de entender melhor esta realidade ainda marginal.

Os estudos de movimentos extremistas juvenis, como os trabalho de Souza (1998) e Costa (1993) sobre os *skinheads*, indicam que os aspectos visíveis ou identificados claramente pela cobertura dos meios de comunicação como o caráter violento desses jovens, principalmente nos ataques a imigrantes e homossexuais (nos países europeus) e nordestinos,

²⁸ Depoimento retirado de site White Power < www.libreopinion.com/members/whonour >, em maio de 2002.

²⁹ Depoimento retirado de site Nacional-Socialista < www.libreopinion.com/members/nswelt.html >, em maio de 2002.

negros e homossexuais (no caso brasileiro), apesar de formar parte da identidade dos jovens participantes desses grupos, mesmo que essa identidade muitas vezes seja forjada pelo sensacionalismo da mídia e pelo gosto por rótulos do senso comum, o caráter radical e violento desses grupos conta indireta ou diretamente com o apoio de uma geração anterior, os pais. Incapazes de manifestar fisicamente ódios e preconceitos, a geração que cresceu sob o peso da barbárie nazista sentiu, nos países que afinal derrotaram Hitler – como a Inglaterra, local de origem dos *skinheads*, a contradição de levantar diante do mundo e de si próprios a bandeira da igualdade liberal que venceu o “racismo fascista alemão” e, no entanto, carregam em seu íntimo muitos dos “crimes” atribuídos a “monstros” nazistas, como o preconceito, o racismo, o ódio ao “outro”.

Para muitos, dessa geração reprimida em suas manifestações de ódio, a intolerância dos atos de seus filhos, os jovens *skinheads*, representa a satisfação de ter seus desejos secretos concretizados. Mesmo não se tendo percentuais corretos que mapeiem esse tipo de atitude, o crescimento político da extrema direita na Europa mostra que a relação entre o ódio juvenil e a adesão de adultos e velhos a partidos e ideologias xenófobas ganha cada vez mais força. Na busca ou vigília pelo novo “ovo da serpente” totalitário, os movimentos nacionalistas xenófobos parecem liderar os indicadores de alerta com sua crescente popularidade entre adultos, velhos e jovens. Uma de suas principais características é a “revisão da história”, que reconta “didaticamente” um passado diferente do que conhecemos quanto à Guerra na Europa.

Identificada as “inspirações” ideológicas, ou parte delas, começamos o trabalho de coleta do material citado. Durante a elaboração do projeto para participar do processo seletivo do mestrado, encontrei na Biblioteca Municipal de Maringá, no Paraná, alguns livros da Revisão Editora, portanto voltei a esta cidade em busca de tais livros. De acordo com o depoimento das bibliotecárias locais, estes livros têm o curioso “hábito” de desaparecerem. Os livros da Revisão Editora, por uma decisão judicial, chegaram a ser recolhidos pela polícia no começo da década de 1990, o que, segundo as bibliotecárias ocorreu, porém alguns exemplares inexplicavelmente permaneceram no acervo ou pelo menos nas estantes, mas fora dos catálogos. História semelhante foi relatada por bibliotecários em locais como

Curitiba, Blumenau e Florianópolis. O material das estantes desaparecia numa proporção muito maior em relação ao acervo “normal”. Quando voltei em 2001 para procurar os livros em Maringá, vários tinham desaparecido, mas ainda restavam alguns que foram utilizados para este trabalho.

A mesma pesquisa foi feita na Biblioteca Estadual em Curitiba, na biblioteca da UFSC e na Biblioteca da FURB em Blumenau, locais em que foram encontrados livros da citada editora e outras publicações citadas nos depoimentos. Em 2002 localizei o site da Revisão Editora na internet que começou a divulgar livremente os textos de seu fundador e de colaboradores, tornando-se importante fonte para esta pesquisa. Juntamente com os livros da Revisão, outros livros e textos que seguem a linha de questionamento de fatos históricos “difamadores do povo alemão” foram encontrados.

Quanto à internet, o material de conteúdo racista e nazista é vasto, a dificuldade consistiu em encontrar sites fixos e de conteúdo mais elaborado, como o já citado site da Editora Revisão. Por fixos quero dizer sites que não entram e saem da rede a todo instante, que mantenham ao menos alguma periodicidade no ar; e com conteúdo elaborado quero dizer sites que fujam do padrão “mulher pelada e nazismo” bastante comum, onde fotos pornográficas e algum conteúdo racista convivem sem muito sentido. Nestes casos o conteúdo ideológico serve apenas de chamariz, não passando de algumas poucas frases decoradas com suásticas e retratos de Hitler. Isso mudou a partir de um site identificado como dos *White Powers*, então foi possível rastrear dezenas de endereços na internet, boa parte com textos completos em português, inglês e espanhol e *links* para sites de vários países. Estes sites possibilitam um vasto campo de observação através de seus espaços para debates, ou “livros de visitas - *guestbooks*”, onde os internautas deixam suas impressões e mensagens gerando os debates.

Os depoimentos colhidos nestes debates estão contidos em trechos espalhados ao longo deste capítulo, selecionados de maneira a exemplificar os pensamentos, as idéias, as propostas dos participantes que se identificam com ideologias racistas, autoritárias e nacionalistas. O conteúdo deste material, apesar de bastante diversificado, situa-se entre um discurso “científico”, “histórico” ou racista explicitado em frases como “morte aos negros e

nordestinos” e apresenta algumas características em comum: O nacionalismo que parece unificar teorias pseudocientíficas e xenofobismo puro. Este nacionalismo extremado nega aos “outros” oportunidades de convivência com o povo local, com a cultura local.

Um nacionalismo que obtém na intolerância, na desvalorização do outro, sua essência discursiva e sua face politicamente sedutora materializada no crescimento da extrema direita no mundo, fato ainda não sentido aqui no Brasil, mas que em movimentos separatistas como “o sul é meu país” buscam um nacionalismo dentro do nacionalismo, criando sub-nações para poder, na falta de maiores inimigos, destilar ódios contra povos de outras sub-nações, notadamente os nordestinos, que em nosso país sintetizaram o estigma do estrangeiro bárbaro que invade nosso território, toma nossos empregos e deturpa nossa “refinada cultura européia” com seus toscos regionalismos. Dentro da ótica da intolerância, é preciso ter sempre um inimigo comum para nos unir em torno de determinados objetivos, se grupo aparentemente não tem inimigos, cria-se sub-grupos para incentivar rivalidades.

Nome: Ravenloff³⁰

Grande site de conteúdo informativo... Precisamos informar nossos irmãos da Raça Branca, sobre fatos de exploração contra nossas vidas! A mídia dá oportunidades para tudo o que não presta...

Os negros criminosos como Alexandre Pires continuam soltos e se apresentando no rádio e TV. E nós simples pensadores de extrema-direita de cunho Nacionalista, somos caçados e monitorados como criminosos sem qualquer razão. Salute to White Folk!!

Para acompanhar melhor os depoimentos e citações, acrescento aqui um quadro referencial com as principais características dos White Powers e do revisionismo histórico.

Souza (1998) traça um perfil com as características dos White Powers, principal grupo assumidamente neonazista no Brasil e cujos depoimentos de membros estamos expondo neste capítulo.

³⁰ Depoimento de site White Power:< www.libreopinion.com/members/whonour >; em maio de 2002

Os White Power:

- adotam a estética e a ideologia hitlerista;
- não admitem negros e nordestinos em seus grupos;
- querem separar a região sudeste do resto do Brasil. Em São Paulo, cultuam os bandeirantes e os idéias separatistas da Revolução de 1932. Nos demais Estados das regiões sul e sudeste, idolatram a figura do imperador romano César;
- mantêm contato com os “skinheads” de todo o mundo, sobretudo Itália, Alemanha e França;
- editam “fanzines” com transcrições de livros anti-semitas. Reuniram-se nas principais praças de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, no último dia 15 de agosto, em cerimônia ao centenário de nascimento do general Himmler.³¹

Estatística

Visitas ao site White Power³² •

País de origem	visitantes	percentual
1- Brasil	6.820	32,7%
2- Estados Unidos	4.595	22,0%
3- Alemanha	2.530	12,1%
4- Espanha	970	4,7%
5- Portugal	597	2,9%
6- Canadá	362	1,7%
7- Restante	4.980	23,9%
TOTAL	20854	100%

³¹ (SOUZA, 1998, p. 495)

³² Número de visitantes do site < www.libreopinion.com/members/whonour/jprs.html >, no período 31 de julho de 2001 a 28 abril de 2002.

□ É interessante ressaltar a representatividade numérica de visitantes do Brasil, EUA e Alemanha. Esta representatividade, principalmente com brasileiros e norte-americanos, repete-se nos quadros estatísticos dos sites observados.

Com base na leitura do material divulgado pela Revisão Editora e nos textos que circulam nos debates e sites revisionistas, podemos colocar um perfil dos pesquisadores da “Verdade Histórica”:

Revisionistas

- Autodenominam-se intelectuais desvinculados dos movimentos neonazistas típicos como os nazi-skins, sua missão é reescrever o passado histórico restabelecendo “a verdade” dos fatos;
- Ganham notoriedade com a publicação na década de 1970 do livro *Hitler's War*, do inglês David Irving. No livro, o autor argumenta que Hitler nada sabia sobre a morte de judeus nos campos de concentração;
- Seguindo a linha de Irving, pesquisadores revisionistas lançaram uma série de publicações, como *The Leuchter Report*, onde questionam a ocorrência do holocausto – a morte de aproximadamente 6 milhões de judeus pelos nazistas;
- Centro de pesquisa histórica foram montados na Inglaterra, Canadá e Estados Unidos;
- No final da década de 1980 o pesquisador brasileiro S.E. Castan lança o livro *Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século*, colocando o Brasil no mapa do revisionismo mundial;
- Castan funda sua editora, a Revisão Editora, em 1989;
- Em 1990 o livro *Holocausto Judeu ou Alemão?* É apreendido pela polícia e o estante da editora na Feira do Livro em Porto Alegre é fechado, o caso ganha repercussão na imprensa nacional impulsionando a divulgação dos livros da Revisão Editora entre movimentos anti-semitas e grupos racistas.

A estatística de visitas ao principal site revisionista brasileiro, o site da Revisão Editora, mostra que, apesar de visitantes de diversos países, há uma inegável concentração de brasileiros que navegam e acessam as informações disponibilizadas.

Estatística		
Visitas ao site da Revisão Editora ³³		
País de origem	visitantes	percentual
1- Brasil	22118	87,8%
2- Estados Unidos	896	3,5%
3- Portugal	468	1,9%
4- Espanha	147	0,6%
5- Alemanha	114	0,5%
6- Reino Unido	104	0,4%
7- França	99	0,4%
8- Itália	51	0,2%
9- Argentina	50	0,2%
10- Áustria	34	0,1%
Restante	985	3,9%
TOTAL	25287	100%

Relação de sites pesquisados:

A partir do acesso ao portal < www.libreopinion.com >, e do site revisionista < www.revision.com.br >, foi aberto uma quantidade enorme de links para sites skinheads identificados como White Power e Nacional-Socialistas de várias partes do mundo. Destes, selecionamos alguns sites brasileiros que consideramos representativos dos “debates” virtuais travados entre membros assíduos dos grupos e visitantes ocasionais, além de sites revisionistas internacionais.

³³ Número de visitantes do site < www.revision.com.br >, no período 28 de abril de 2001 a junho de 2002

< www.libreopinion.com/members/wpss/whitepowerskins.html >
 < www.libreopinion.com/members/nswelt >
 < www.libreopinion.com/members/whitehonour >
 < www.libreopinion.com/pnt/programa >
 < www.geocities.com/reichstag6 >
 < www.vho.org >
 < www.revision5.b3.nu >

Nossa intenção ao relatar os debates e depoimentos colhidos na internet não é exatamente mostrar uma prova final, mas dar visibilidade empírica à reflexão sobre a intolerância dos capítulos anteriores. Os depoimentos mostram as contradições, como tentar propagar o racismo numa cultura mestiça, tentar pregar uma ideologia pretensamente politizada, enquanto muitos querem manifestar ódios e frustrações pessoais. Enfim, se não são conclusivos, os depoimentos conduzem nosso debate para as raízes da intolerância praticada em determinados ambientes virtuais, como a internet, mas visíveis em manifestações reais, como o ataque de skinheads identificados como White Power que provocou a morte, em fevereiro de 2001, do adestrador de cães Edson Nérís da Silva, que passeava com seu namorado na Praça da República, no Centro de São Paulo. Como a panfletagem de propaganda racista, também com a identificação dos White Power, em escolas e colégios de Florianópolis em 1993. Como as manifestações neonazistas comuns em países europeus com seu discurso antiimigração e que, sob a aparência de uma defesa cultural democrática e legítima, está levando ao crescimento dos partidos de extrema direita na Europa e mantendo uma permanente sombra sobre a “pacífica convivência racial, cultural e religiosa” brasileira.

4.2 O FUNDAMENTALISMO CULTURAL

Se os Protocolos são realmente obra dos sábios de Israel, então tudo o que se puder dizer, empreender e realizar contra os judeus se torna legítimo, necessário e urgente

The Times, 18 de agosto de 1921

Depois da revelação dos crimes nazistas após a Segunda Guerra Mundial, quando o mundo viu as imagens dos campos de concentração e dos seus habitantes esqueléticos, mal podendo ser comparados a seres vivos, quando outros já faziam parte de pirâmides de corpos, o racismo, digamos, tradicional, o biológico, tão debatido no período entreguerras com opiniões favoráveis à divisão natural dos homens emitidas por uma parte considerável da comunidade científica mundial sofreu uma forte repressão. Qualquer discurso racista tornava-se imediatamente relacionado aos nazistas e seus crimes. Mas a vitória da “liberdade” não encerrou a intolerância individual, que reprimida buscou novas formas políticas de ação. O nacionalismo, até então um movimento político legítimo de defesa da Nação, foi o principal caminho encontrado pelo antigo racismo para vestir uma nova roupagem, agora o “outro” não é desvalorizado por ser negro, mas por ser de outro país, afinal “temos que defender nosso povo, nossa cultura”.

Marcada a diferenciação, dentro do amálgama identitário de uma nação, marca-se também o racismo, o xenofobismo e vários “anti”, como reação à ameaça de indiferenciação absoluta (colocada como significado de igualdade), que se expressará como ataque à alteridade, sendo essa o que não pertence ao universo da semelhança, ou da equivalência do ser igual de uns no ser diferente de outros. Assim situa-se a barbárie, repudiando aquilo que se refere ao estrangeiro, ao estranho, tomando-o como não civilizado, não culto, logo desprovido de razão. (Souza, 1998, p. 22)

No período entreguerras o que predominava era o racismo “científico” biológico, que utilizava o evolucionismo darwinista e o transpunha extraindo conclusões para as diferentes etnias humanas e utilizava destes artifícios para justificativas sociais, onde determinado povo poderia ter certeza de seu progresso, enquanto outros povos ficaram condenados a estagnação e ao primitivismo.

Este tipo de racismo aparece, ainda hoje, com destaque em textos divulgados na internet, como o material transcrito a seguir, que explica com o uso de “estatísticas” o destino da raça negra: cometer crimes.

Raça e Crime: Um Dilema Internacional – J. Phillippe Rushton Society.³⁴

Em sua magistral obra *Crime and Human Nature*, J. Q. Wilson e R. J. Herrnstein notaram que a baixa representação asiática nas estatísticas criminais estadunidenses se mostrava um problema teórico. A solução propostas por criminologistas, já desde a década de 1920 era que o “gueto” asiático protegia seus membros das tendências perturbadoras da sociedade externa. Para negros, no entanto, se diz que o gueto fomenta o crime.

(...) A natureza global do padrão racial em crimes é mostrada nos dados coletados na INTERPOL utilizados em seus anuários de 1984 e 1986. Após analisar informações de cerca de 100 países, eu relatei na edição de 1990 do *Canadian Journal of Criminology*, que países africanos e caribenhos tinham o dobro de taxa de crimes violentos (um agregado de assassinato, estupro e lesões corporais graves) do que países europeus e três vezes mais do que países asiáticos da costa do Pacífico.

(...) Resumindo, um padrão insistente que requer maiores explicações existe no mundo todo. A testosterona, a fragilidade da família negra e a consistência da família asiática são freqüentemente usadas para explicar o padrão racial do crime nos Estados Unidos. Acredita-se que aprender a seguir as regras depende da socialização familiar. Desde 1965 o Relatório Moynihan tem documentado as altas taxas de dissolução matrimonial, freqüente liderança de famílias por mulheres e numerosos nascimentos ilegítimos, e tais números apresentados como evidência da instabilidade da família negra triplicaram desde então. Uma família negra matrifocal similar existe no Caribe, com lares com pais ausentes, falta de certeza de paternidade e contabilidade dos cônjuges separadas. O padrão caribenho, assim como o estadunidense é tipicamente atribuído ao velho legado da escravidão. No entanto, a hipótese da escravidão não se encaixa nos dados da África Sub-Saariana. (...)

O texto é longo e discorre, com abundância de termos “científicos”, sobre a incapacidade de negros constituírem uma família, e como – ainda segundo o texto – a família é base para aprender regras sociais, a conclusão óbvia é pela exclusão dos negros do convívio social com brancos e asiáticos. O reflexo desta argumentação aparece nos depoimentos dos White Powers, quando um dos participantes mais assíduos debate a repercussão das idéias exemplificadas acima.

Nome: Andrew McDonald³⁵

Mais uma vez, acho que é necessário que eu esclareça algumas dúvidas que considero serem importantes. Neste caso sobre a suposta superioridade de asiáticos e judeus citado por um artigo do Dr. Phillip Rushton postado no site NSWelt.

³⁴ Retirado do site < www.libreopinion.com/members/whonour/jprs.html >, em fevereiro de 2002

³⁵ Depoimento de site White Power < www.libreopinion.com/members/whonour.html > maio de 2002.

Em primeiro lugar, nem sempre todas as respostas são curtas e simples. Nós gostaríamos que fossem assim, e sempre procuro citar um exemplo. Então comecemos. O que é superioridade? Uma abelha enxerga mais cores que nós. Podemos dizer que a abelha é superior aos humanos no que tange a percepção visual. Um cachorro consegue ouvir ultra-sons e possui o olfato muito mais apurado que os homens. Podemos dizer que eles são superiores a nós em audição e olfato. Ninguém em sã consciência, no entanto, ousaria dizer que os animais são superiores a nós.

Negros ganham todas as corridas de curta distância nas olimpíadas desde que eles passaram a participar. Especificamente os negros originados da África Ocidental. Os países brancos possuem uma abundância de recursos econômicos para o esporte, assim possuem as melhores instalações esportivas, medicina esportiva, etc. mesmo assim não conseguem jamais que nossos atletas cheguem em primeiro lugar.

Já nas piscinas os negros jamais chegam em primeiro lugar. O motivo de eles ganharem as corridas curiosamente é o mesmo que faz com que eles não nadem bem. Os ossos deles são mais densos, pesando mais, e a força deles é de explosão, a dos brancos é de resistência. Isso torna eles superiores a nós? Com certeza não.

Um judeu possui maior capacidade de mentir do que um branco. Isso se deve a uma média de QI verbal maior do que a média do branco europeu, e também a seleção de uma tendência comportamental específica através de milênios. Podemos dizer que são superiores a nós?

Como vê, depende do ponto de vista que você olha e não é uma resposta simples do tipo “são superiores” ou “não são superiores”. Depende se sua visão e inteligência é estreita ou ampla.

Um treinador olímpico de basquete, por exemplo, pode achar que os negros são uma raça superior, para aquele propósito específico e fazer o time dele ganhar. Ele está tendo uma visão estreita. No entanto, ele logo vai ter uma visão maior quando descobrir o erro que cometeu ao promover e trazer aquela raça criminosa para sua comunidade, especialmente quando a filha dele for vítima de abuso daqueles negros, e logicamente, terá a visão correta, mais ampla, de que eles são inferiores e indesejáveis em nosso meio.

Existem dois conceitos fundamentais que se um branco não conhecer jamais compreenderá a realidade e questões como essas:

- 1- noções básicas de estatística;*
- 2- relatividade (quando existe) em conceitos, como este de superioridade mostrado acima.*

*Sem entender isso, não dá pra se aventurar ler textos mais profundos. Vamos ao que interessa então. É verdade que asiáticos e judeus possuem uma **média** de QI **geral** maior do que a dos brancos europeus, atualmente, a diferença é de 3 pontos para os asiáticos e 17 pontos para os judeus askenazi. Leia com atenção o que eu disse. Eu disse em destaque **média**. Eu disse também QI **GERAL**. Isso significa que eles são mais inteligentes que os brancos? São superiores? Menos ainda. Então o que é? Vou explicar.*

Você já viu um gráfico chamado “curva de sino”? (...) Uma população (qualquer raça) possui indivíduos com várias medidas de inteligência. Desde os menos inteligentes até os mais inteligentes. Os menos inteligentes estão à esquerda, os médios no meio e os mais inteligentes à direita. Até aqui OK. Se uma população é muito igual entre si, ou seja, todas as pessoas tem QIs parecidos e há poucos retardados e poucos gênios, a curva de sino vai ficar estreita. Dizemos que o “desvio padrão” é pequeno. Esse é o caso dos asiáticos, que estão representados nos gráficos e possuem sim um QI médio superior em apenas alguns pontos, mas não possuem altos QIs ou gênios como os brancos. Isso explica por que eles tem sociedades organizadas, funcionários e operários competentes, mas não conseguem avançar sozinhos. Somente a raça branca possui e gera gênios, que são os responsáveis pelo progresso da civilização, mas infelizmente também gera retardados (por isso não

vemos muitos asiáticos nas cadeias, por exemplo). Nossa raça é superior a deles em inteligência? Sem dúvida sim, mesmo que o QI deles esteja alguns pontos a frente. Está claro?

Com os judeus acontece praticamente o mesmo, só que com um detalhe adicional. A vantagem na média de QI deles é praticamente só concentrada no QI verbal (existem 3 tipos de QI: matemático, verbal e visual/espacial). Nos outros eles não diferem muito dos brancos. Isso faz com que eles tenham grande facilidade em mentir, por exemplo, que utiliza intensamente faculdades mentais como eloquência, capacidade de síntese, argumentação, etc. No entanto, nós brancos possuímos estatisticamente um número muito superior de gênios do que eles também, mas essa característica dos judeus terem essa capacidade verbal é muito perigosa para nós. Como aconteceu isso? Bem pense no exemplo de uma vaca. Como o homem conseguiu criar um animal que desse tanto leite quanto as melhores vacas atuais? SELECIONANDO GENÉTICAMENTE. O homem foi escolhendo sempre aquelas vacas que davam mais leite para se reproduzir, e separando as normais geração após geração, sempre ele pegava as novas recordistas. Com os judeus aconteceu algo parecido, se bem que eles não sabiam bem o que estavam fazendo, até porque a descoberta da hereditariedade é relativamente recente. Os judeus foram expulsando de sua comunidade todos aqueles judeus considerados “burros” e “desleais”, e foram promovendo as pessoas que consideravam “inteligentes” e “leais”. O que os judeus valorizavam como inteligência era especialmente a capacidade de mentir, de argumentar, de memorizar textos e distorcer. Agora fica claro porque a inteligência verbal deles ficou apurada. (...)

Sabemos bem os fatos sobre nossa superioridade racial. Somos o ápice da evolução. Nenhuma outra raça criou o que nossa raça criou, nem de longe. Mas nossa raça não é perfeita. Nossa raça precisa se aperfeiçoar e possui alguns defeitos que outras raças poderiam aproveitar, que foi justamente o que aconteceu. Devemos ter a consciência desses defeitos e lutar para eliminá-los. Um desses defeitos foi que nossa raça não estava preparada para um ataque como o dos judeus, de dentro para fora. Outro defeito foi o excesso de confiança e “caridade” para com outras raças (um terrível erro). Outro pior é o de sermos muito tolerantes. Nenhuma raça admitiria passivamente a invasão de seus territórios, os crimes entre raças, como os crimes negros, etc. Os japoneses, por exemplo, não pensariam duas vezes antes de expulsar qualquer invasão marrom de seu país.

Fique tranquilo. Somos superiores sim. Mas também temos que ganhar nossa sobrevivência racial a todo custo, senão essas raças parasitas podem tomar nosso lugar. Espero ter esclarecido as dúvidas.

Saudações NS.

A repercussão do debate remete invariavelmente ao passado ressentido, um passado cuja memória histórica parece tão mal resolvida retornando ao presente todos os medos que o ensino histórico irreflexivo parece encobrir ao invés de discutir.

Nome: DENIS³⁶

(...) RACISMO??? OU BUSCA DA PERFEIÇÃO??? HITLER IMPLANTOU A ENGENHARIA SOCIAL. ONDE SÓ TERIAM SERES PERFEITOS NA TERRA. O RESTO SERIA ESCONDIDO DA POPULAÇÃO, INCLUSIVE AS ABERRAÇÕES QUE VEMOS HOJE EM DIA COMO: PROSTITUIÇÃO/ ASSASSINOS FRIOS/ NEGROS/ JUDEUS IMUNDOS/ PESSOAS COM HIV E DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS ENTRE OUTRAS ABERRAÇÕES.

³⁶ Depoimento de site White Power <www.libreopinion.com/members/whonour.html>, em maio de 2002.

O QUE TERÍAMOS ERA UMA SOCIEDADE MAIS HUMANA E JUSTA, PERFEITA E SEM PECADORES A NOSSA VOLTA. COMO O PAPA DISSE: “HOJE EM DIA AS PESSOAS PERDERAM A NOSSÃO DO QUE É PECADO”. Fazem o que bem entendem, matam, roubam , xingam mãe e pai, se prostituem, etc. As pessoas, principalmente as mulheres, não possuem um dos sentimentos mais antigos da humanidade; o da preservação (...)

Compare a mistura de raças com esta história.

Imaginem um desenhistas de carros!!! Se ele levar um projeto de carros todo torto e mal desenhado o que acontece???? O projeto não é aprovado. ISSO É RACISMO?????????? (...)

ENGENHARIA SÓCIAL É O QUE QUEREMOS.

ENGENHARIA SÓCIAL É O QUE A BIOTECNOLOGIA PODE NÓS FORNECER.

ENGENHARIA SÓCIAL É O QUE NOSSO GRANDE LÍDER NÓS FORNECEU.

NOSSO LÍDER NÓS DEIXOU UMA LIÇÃO. E AQUELE QUE PELA SAGRADA SUÁSTICA NÃO SEGUE OUTRA DOUTRINA TEM DEUS EM NOSSOS CORAÇÕES E A SUASTICA EM NOSSAS AÇÕES.

HITLER... NOSSO LÍDER. 88 PARA SEMPRE ATÉ A ETERNIDADE.

Verena Stolcke (apud SOUZA, 1998, p.238) auxilia na compreensão do racismo quando trata da mudança no discurso racista presente no extremismo nacionalista europeu moderno, que diferente de seu passado biológico (que não é tão passado assim), assume agora o aspecto da preservação da cultura. O fundamentalismo cultural justifica a exclusão cultural de estrangeiros, estranhos que supostamente ameaçam a identidade e a unidade culturais da nação; o racismo geralmente tem servido para legitimar a inferioridade sócio-econômica dos desprivilegiados, como o fim de desarma-los politicamente.

*(...) A origem do conflito social não reside na incapacidade dos “outros”, mas no fato de que as relações entre membros de culturas diferentes são vistas como hostis e mutuamente destrutivas “por natureza”, **porque a xenofobia faz parte da natureza humana.** Portanto, culturas diferentes devem ser mantidas separadas para seu próprio bem. (STOLCKE apud SOUZA, 1998, P. 239)*

Este racismo cultural vem da necessidade de um novo discurso para um mesmo problema, a xenofobia. O racismo biológico ficou marcado pela concretização do extermínio em massa promovido pela Alemanha nazista, seus princípios teóricos, como a Eugênia e suas diversas subdivisões “científicas” que alegavam identificar características do caráter humano através de exames da forma do crânio ou do tamanho do cérebro, passaram a sofrer maior vigilância no pós-guerra. O sentimento de culpa da sociedade diante da barbárie nazista

diminuiu a repercussão dos discursos racistas tradicionais ligados ao nacionalismo. O fundamentalismo cultural acha seu espaço num mundo do “politicamente correto”. Não se fala contra imigrantes africanos por serem pretos, mas por terem uma cultura muito diferente da cultura “local”. O racismo assume o posto de defensor da cultura local e com isso ganha adeptos de diversas tendências na população.

Para Stolcke: tanto o racismo tradicional como o fundamentalismo cultural constitui-se em ideologias que “naturalizam” as separações político-econômicas, nas quais a “diferença” tem significados diferentes; ambos têm uma base naturalista que explica as diferenças e não aceitação dessas; assim a xenofobia coloca-se no fundamentalismo cultural no mesmo sentido de como se coloca no conceito biossocial de “raça” para o racismo.

(...) Porém, enquanto no racismo a inferioridade coloca-se como uma incapacidade inata definida pela raça e não pelas formas dos contratos sociais nas sociedades modernas, no fundamentalismo cultural a diferença é atribuída em termos culturais, em que a humanidade implica em uma multiplicidade de culturas distintas e a cultura é algo estático, imutável e homogêneo. (...) No fundamentalismo cultural cada cultura tem seu “lugar”, os Estados-nações, negando totalmente que esses se constituem, desde suas origens, no “agrupamento” territorial de múltiplas culturas, o que define apenas a “homogeneidade política”, colocando uma simetria entre pertencimento nacional e identidade cultural. (SOUZA, 1998, p. 240)

A idéia de fundamentalismo cultural como racismo atual sintetiza os “racismos possíveis” apontados por Balbo e Manconi (apud SOUZA, 1998), ou seja, o racismo adicional ou de alarme, o racismo concorrencial e o racismo cultural.

O primeiro refere-se à associação das diferenças (somática, étnica, cultural) com ameaças sociais como tráfico de drogas, violência, difusão de doenças infectivas, estupros, enfim, a todo comportamento considerado desviante.

O racismo concorrencial coloca-se na defesa do controle material e simbólico do território e de seus recursos. (...) O terceiro tipo de racismo, o cultural, coloca-se na defesa do sistema de valores da própria cultura e dos estilos de vida, em que culturas e estilo diferentes são inferiorizados. Esse tipo de racismo é mais presente quando a imigração em pequena escala, mais individual, passa para uma imigração em massa. (BALBO apud SOUZA, 1998, p. 241)

A Frente Nacional, partido radical de direita francês, liderado por Jean Marie Le Pen, tornou-se, na política européia, uma espécie de termômetro da capacidade eleitoral da reciclagem política do nazi-fascismo. Os incrédulos do ressurgimento do totalitarismo em um país central da Europa tiveram que reavaliar a lápide onde julgavam enterrado o regime autoritário, para descobrir que os corpos de Hitler, Mussolini e Stalin permaneciam em suas tumbas, mas suas “lendas” pessoais continuavam servindo de inspiração para novas gerações de políticos e novas gerações de eleitores que, enfrentando novos e velhos problemas, escolhem velhas soluções autoritárias.

Fundada no começo da década de 1970, a Frente Nacional, de Le Pen, conseguiu – nas eleições gerais de 1990 – quatorze por cento dos votos dos franceses, solidificando seu partido extremista no cenário político da França e garantindo os holofotes para suas propostas anti-imigração.

Eles manifestam a fé muçulmana em um país cristão, possuem a pele escura numa terra onde se fantasia o seu passado celta. Somente a presença deles fez cair por terra todos os valores de tolerância e igualdade, que sempre foram motivos de orgulho para os franceses (...). Se não tomarmos uma providência urgente, daqui a vinte anos, a França será uma república muçulmana, conseqüentemente um muçulmano irá ocupar o seu emprego e caso não conseguir emprego, irá de beneficiar dos benefícios sociais concedidos pelo governo para os desempregados, mas pago com o dinheiro de todos ou ainda, caso o visto de permanência não seja prorrogado pelo governo, ele cairá na clandestinidade e no mundo do crime.(LE PEN apud WECK, 1994, p. 11)

É interessante notar o uso do conceito de tolerância que faz Le Pen em seu discurso, aqui a igualdade aparece como virtude da população francesa, a perturbação dessa igualdade com a vinda de estrangeiros, do “outro” é intolerável. O discurso de igualdade assume o sentido de homogeneização, sendo o diferente motivo de exclusão. A essa igualdade homogênea Le Pen chama tolerância e conta com o apoio de seguidores ideológicos.

Nome: Draco Schultz³⁷

Os negros, mestiços e judeus são um vírus na nossa sociedade e nós somos a cura e está chegando a hora de mostrar a força que tem nosso sangue.

Viva Jan Marry Le Pan (sic)!!!!

Heil Hitler !!!

³⁷ Depoimento de site White Power: www.libreopinion.com/members/whonour, em fevereiro de 2002.

Sieg Heil Kamarads !!!!

Nessa mesma lógica a “satanização” do imigrante muçulmano segue conduta de mostrar o “outro” como inimigo, para com propostas de exclusão conquistar as expectativas de segurança da população local, os “legítimos merecedores da nação”. Nessa linha os italianos extremistas adotam o mesmo discurso mudando apenas a origem do inimigo – atualmente, além das ex-colônias africanas, os albaneses têm representado o papel de vilão – os alemães atualmente satanizam os turcos e por aí vai.

Nome: Frindenberg³⁸

Seguidores de Le Pen exibem “orgulho de ser francês”. “Tivemos duas bicicletas roubadas neste ano e minha bolsa foi levada por um homem cuja pele era de uma cor diferente da minha”, disse Mari-Solange, uma dona de casa de 47 anos que vive em Paris. “Não sou racista”, diz ela, “mas contra todos os estrangeiros parasitas que se aproveitam de nossos impostos”.

VIVA O MOVIMENTO 4P !!!!! (Prisão Para o Povo Preto)

O simplismo da argumentação parece não demover a vontade de parte da população em aceitá-los, afinal, na simplicidade está justamente sua virtude – como a irreflexão manifesta-se no apego ao pensamento pronto e acabado – sua capacidade de traduzir em poucos termos toda a insegurança sentida por essa população e, também de maneira simplista, solucionar os problemas, como restringindo a entrada de imigrantes ou cancelando qualquer acesso destes aos benefícios sociais e a possibilidade de uma futura cidadania. Pronto, com essas promessas estará garantido um mundo de ofertas de empregos permanentes e infinitas possibilidades de crescimento.

A ficção novamente seduz os corações europeus e o individualismo egoísta que põe “minhas” necessidades num altar sagrado, uma “terra santa” invadida e profanada pelo “outro”. Pouco importa se esse “outro” também tem direito a uma vida decente – não é demais lembrar que o grosso dessa imigração a países europeus vem de suas ex-colônias na África, Ásia, América Central e do Sul, países que por décadas ou séculos tiveram uma relação de colonização exploratória, com seus recursos naturais servindo de lastro às expansões econômicas das metrópoles.

³⁸ Depoimento de site White Power: www.libreopinion.com/members/whonour, em fevereiro de 2002

Já no ano de 1995 a Revista Atenção, de Porto Alegre, diagnosticava assim o crescimento de partidos da extrema-direita na Europa.

Embora disseminados geograficamente, os grupos de inspiração expressam apenas uma ínfima minoria da juventude européia. Mais do que a truculência de suas ações, o que torna os skinheads e assemelhados um perigo para a democracia é a conexão entre eles e os partidos de extrema-direita, que ganham espaço a cada eleição. Organizações como a Frente Nacional, na França, e o Partido da Liberdade, na Áustria, já ocupam o primeiro plano na disputa política nesses países. Na Itália, Alleanza Nazionale, neofascista, chegou no ano passado a participar de uma coligação de governo pela primeira vez no pós-guerra. Com sua retórica de ódio aos imigrantes, transformados em culpados pela falta de serviço e pela deterioração dos serviços sociais, esses partidos estimulam, na prática, a violência homicida contra os estrangeiros. recentemente, em Paris, um bando de trogloditas afogou no Sena um tunisiano, a poucos metros de um comício do líder racista Jean-Marie Le Pen, que negou qualquer ligação entre as duas coisas. Evidentemente. Mesmo a direita dita civilizada se vê, muitas vezes, constrangida diante de seus pontos de contato com os cabeças-peladas. Jacques Chirac, o atual presidente francês, gostava de reclamar do “cheiro” dos imigrantes árabes. Em quase todos os países europeus os governos têm adotado, nos últimos anos, medidas restritivas ao ingresso de estrangeiros. Na Alemanha, a onda de indignação provocada pelos crimes xenófobos dos últimos anos não impediu o Parlamento de limitar drasticamente o direito de asilo, cedendo às pressões da direita. Os neonazistas podem estar anos-luz de distância do poder, mas o racismo nunca teve tanta força desde 1945. (GLOCK, 1995, p.14)

No texto abaixo, o nacionalismo encontra a situação política na Áustria em 2000 como campo de combate. A chegada ao poder da extrema-direita com o Partido da Liberdade de Jörg Haider e a posterior onda de ameaças e sanções da Comunidade Européia contra a Áustria serve como pano de fundo para o discurso tradicional do “complô judeu” no estilo *Protocolos dos Sábios de Sião*, já usado pelos russos no século XIX e por Hitler para justificar a Solução Final. Se os contextos atuais incluem novos inimigos, os imigrantes do “terceiro mundo”, estes devem então ser colocados como parte de um plano maior, o plano judeu. Ao contrário dos panfletos comuns, a linguagem deste e outros textos é clara e informativa, mostrando cultura e conquistando grande espaço nos debates virtuais.

O CLUBE³⁹

Por Dr. William Pierce

Eu tenho observado com interesse a reação dos políticos e porta-vozes na Europa com relação aos recentes acontecimentos na Áustria. Basicamente, o que houve é que um homem chamado Jörg Haider conseguiu votos suficientes nas eleições para o Parlamento austríaco no último outubro e, então, seu partido, o Partido da Liberdade da Áustria, se tornou a segunda facção mais forte do parlamento austríaco. Na semana passada, membros do Partido da Liberdade se tornaram ministros num governo de coalizão com o Partido do Povo da

³⁹ Texto retirado do site da Revisão Editora <www.revision.com.br>, em março de 2002, encontrado também em alguns sites White Power.

Áustria, que é a maior facção. É assim que as coisas devem funcionar numa democracia, certo? Então por quê os judeus e seus simpatizantes ao redor do mundo estão histéricos e fazendo ameaças e agindo como se o céu estivesse caindo?

Na verdade, não é essa a maneira como se supõe que o sistema deva funcionar. A maneira que ele deve funcionar é que as únicas pessoas eleitas devem ser aquelas que receberam um selo de aprovação pelos judeus, aqueles que foram classificados como “politicamente corretos”. Realmente, é pior que isso: para ter um papel político de importância no governo norte-americano ou no governo de qualquer país europeu, em qualquer país branco, você deve ser membro do clube privado – O Clube – no qual você é cuidadosamente checado e classificado como sendo “seguro”, isto é, classificado como desejoso de receber ordens de seus chefes secretos da Nova Ordem Mundial. Você pode ser um “conservador”, a la Ronald Reagan ou George Bush, e ser admirado como membro do Clube, pelo tempo que os chefes do Clube de que você fará o que eles disserem. Ou você pode ser um esquerdista, a la Bill Clinton ou Al Gore. O único requisito é que você seja corrupto, que você seja um traidor de seu povo. (...)

Ou alguém pode ser eleito governador de alguma província remota e montanhosa na Áustria, se os chefes da Nova Ordem Mundial estão absolutamente certos de que o resto da Áustria está firmemente sob seu controle. É assim que aconteceu com Jörg Haider. Trabalhando através de um partido pequeno e conservador – o Partido da Liberdade – ele se tornou governador da província de Caríntia, ou Kärnten, como os austríacos a chamam. Essa é uma parte do país montanhosa, fora-do-caminho, no sul do país, que faz fronteira com a Eslovênia.

Mas mesmo nessa posição, os judeus não gostavam de Haider, e eles logo começaram a soar o alarme contra ele. Por um lado, o pai de Haider foi soldado das SS durante a guerra. Um membro da força combatente da elite de Hitler, e Haider fez uma declaração pública afirmando que os soldados das SS não eram maus: “Nossos soldados não eram criminosos... Eles eram pessoas decentes, de bom caráter”, ele disse isso. Isso fez os judeus voarem em cima dele. Os membros do Clube estão sob estritas ordens de nunca dizer nada que seja remotamente favorável a Hitler. Tudo bem quanto a elogiar Stalin, cujo regime assassinou 30 milhões de russos e ucranianos, porque Stalin trabalhou juntamente com os judeus, mas deve se tratar Hitler como alguém pior do que o próprio demônio, porque Hitler foi o único homem que foi um real problema aos judeus nesse século. (...)

A política de Haider que o fez mais popular com seus compatriotas austríacos foi sua política anti-imigração. Os judeus e outros membros do Clube estão enchendo a Áustria como imigrantes do terceiro mundo desde a década de 60, em linha com seu programa de deseuropeizar a Europa. Haider fez campanhas contra esta política, pedindo um fim para a imigração e um fim para os benefícios especiais para os imigrantes, e a respostas dos austríacos foi a votação para ele. Imigração de áreas não-brancas no mundo está cada vez mais impopular em qualquer lugar na Europa, mas com os membros do Clube nos postos superiores dos governos este descontentamento popular tem sido ignorado e condenado pelos meios de comunicação como “racismo”. Nos países como a França, onde a Frente Nacional de Jean-Marie Le Pen fez campanha anti-imigração, uma enorme hostilidade pela mídia controlada e uma sólida frente entre os membros do Clube no governo têm mantido os nacionalistas “sob controle”. E é assim que tem sido em quase todo lugar, incluindo os Estados Unidos.

Quando Haider surpreendeu a todos no último outubro ganhando votos suficientes para seu Partido da Liberdade se tornar a segunda maior facção no parlamento da Áustria, os judeus e seus servos em todo lugar iniciaram uma interminável torrente de abusos sobre Haider e sobre a Áustria. “Seu partido pode ser o segundo maior agora”, os judeus declararam, “mas Haider não deve ter qualquer papel no governo austríaco. Ele não deve ter controle sobre as políticas governamentais.” (...)

Então, como se tornou claro duas semanas atrás que o Partido da Liberdade de Haider teria um papel ainda maior no governo austríaco, a onde de abuso anti-austríaco aumentou ainda mais. Nós tivemos o fascinante espetáculo das lideranças políticas de todo lugar – França, Bélgica, Grã-Bretanha, Holanda, Alemanha, Escandinávia, Espanha, Portugal – exigindo que a vontade do povo austríaco seja ignorada, que os resultados das eleições democrática na Áustria sejam deixados de lado: o que fosse necessário para manter o partido de Haider fora do governo austríaco. E essas lideranças políticas de todo lugar são democratas, homens que supostamente são devotados à idéia de que o desejo da maioria é sagrado. Eles também são todos membros do Clube, eles são todos homens que fizeram um pacto secreto com os judeus, o que realmente é o que conta. (...)

É realmente triste que Jörg Haider não seja o “novo Hitler” que a propaganda de ódio judaica pretende fazê-lo. Seu partido ainda está crescendo em popularidade, primariamente como resultado do ressentimento austríaco contra a pressão anti-Haider sendo aplicada pelos judeus e outros membros do Clube. Se as novas eleições fossem realizadas hoje, as pesquisas indicam, o Partido da Liberdade ganharia outros 15 % dos votos e se tornaria o maior partido na Áustria. Mas como um conservador, Haider se comprometerá com os inimigos de seu povo. Ele diminuirá a taxa de declínio da Áustria por alguns anos, mas não fará as mudanças fundamentais na sociedade austríaca necessárias para a renovada saúde, nem irá iniciar a revolução necessária para limpar a Europa. É notável, entretanto, que a maioria daqueles que apóiam o Partido da Liberdade seja formada por jovens, e não conservadores idosos. É possível que o partido possa evoluir numa direção mais radical, embora isso não seja provável.

A retórica política encontra seu público cativo mantendo sua condição ou status de aglutinadora dos insatisfeitos. Os derivados de Mein Kampf permanecem argumentando tal qual “o Führer”. Em muitos membros dos White Powers a retórica fictícia – a de prometer a construção de um mundo ideal pacificamente, quando na verdade está alimentando o ódio.

Nome: L. Frindenberg – RN⁴⁰

O verdadeiro Nacional-Socialista. Não podemos chamar de “camaradas” a pessoas que não conheçam ao menos a idéia primogênita expressa na obra “Minha Luta” de Adolf Hitler. Este é o livro básico do Nacional-Socialista. Mais do que ler a obra, é importante compreendê-la e a segui-la como orientação de vida e princípios de atividades. Muitos intimamente já o são, pois crêem nas mesmas coisas talvez se decepcionem em saber que nosso Ideal não se funda no ódio ou na violência ao diferente, senão no amor ao ignorante em sua defesa; também não pretende a destruição, e sim a construção de um novo e melhor mundo para nossa espécie; não age por meio da opressão ao povo, mas por meio de lideranças natas; não desafia o ordenamento cósmico, muito ao contrário, respeita as leis da Natureza e as usa como veículo para a sobrevivência e perpetuação da espécie. Alguns camaradas partem para a ultra-violência por desilusão e amargura contra o mundo. Andam pela via correta e não vêem resultados, e isso propicia o acúmulo de mágoa e ódio. Em determinado momento, não enxergam mais a beleza de nosso Ideal, mas apenas os defeitos do mundo. Outros porém, empregam a violência por pura crueldade, o que é indício de uma psicopatia latente. Agem como os “nazistas-de-filme” e servem para que nossos adversários justifiquem a condenação e repressão contra nosso Ideal. A violência pela violência também não é ato de coragem. A violência é uma reação a urgência real ou iminente. Apenas quando você ou algum camarada estão para ser fisicamente atacado, a violência é necessária. Se a concentração ou movimentação de grupos adversários presumidamente pode ameaçar nossos principais valores, a violência chega a ser justificável.

⁴⁰ Depoimento de site White Power:< www.libreopinion.com/members/whonour >, em fevereiro de 2002.

No Brasil, na falta de ódios intrínsecos históricos, cria-se, a partir de movimentos migratórios, o mesmo discurso comum antiimigração utilizado na Europa, o que acaba criando uma imensa confusão entre os membros dos diversos movimentos, gerando uma infinidade de debates no mesmo rumo.

Nome: MENGELE⁴¹

BOMBA ATÔMICA PARA O NORDESTE JÁ. Migração não. São Paulo precisa de ajuda. "VAMOS EXPULSAR O CÂNCER DOS NORDESTINOS DE SÃO PAULO"

Nome: L. Frindenberg⁴²

*Irmãos raciais do sul e sudeste deste imenso país!!! Venho por meio deste, protestar contra atos de ignorância histórica e étnica, sendo uma injustiça o que os irmãos raciais vêm cometendo contra o povo nordestino. **Tendo em vista que o nordeste brasileiro já foi colonizado pelo sangue germânico dos holandeses, tendo em minha e nos demais irmãos a consciência de nossa origem germânica e latina, fico injuriado pelo fato dos irmãos ignorarem este fato histórico.***

Os participantes estrangeiros (e são muitos) da “reunião” virtual mostram a visão externa da nossa cultura e nossos símbolos. Não é raro os participantes europeus confundirem a origem do site, tomando-o por português e aproveitando para criticar imigrantes da América do Sul.

Nome: El Cid⁴³

Amigos brasileños, tienen que acer algo por cuando se dice Brasil, lo que normalmente ven la cabeza es futbol, samba y negras bailando semidesnudas. 88!!

Nome: Escriche 88⁴⁴

*Yo soy Español, pero me lleno de orgullo esta pagina portuguesa. Creo que ya es hora de juntarnos todos los europeos blancos de: Espanha, Portugal, Italia, Alemania, Austria, UK, Fracia, Holanda, Finlandia,... **para acabar com todos estos malditos sionistas, judios, eslavos, negros, mexicanos, sud-americanos. White Power! Heil Hitler! Heil Hess!***

P. S.: Despues de la guerra se nos vera victoria o se vera a nuestros cadávers.

⁴¹ Depoimento de site NS: < www.libreopinion.com/members/nswelt.html >, em fevereiro de 2002

⁴² Depoimento de site White Power: < www.libreopinion.com/members/whonour >, em maio de 2002, grifo nosso.

⁴³ Depoimento de site White Power: < www.libreopinion.com/members/whonour >, em maio de 2002

⁴⁴ Depoimento de site White Power < <http://books.dreambook.com/whonour88/book.html> >, em fevereiro de 2002, grifo nosso.

O debate acima é comum a todos os canais de opinião observados. A linguagem da intolerância expressa na supremacia de uma raça sobre as demais não absorve “pequenos detalhes” como diversidade regional, cultura ou mesmo qualquer diversidade, o que leva os subgrupos brancos do sudeste acharem-se superiores aos brancos do nordeste. Por sua vez, os subgrupos de brancos do sul consideram-se “legítimos europeus”, portanto superiores aos brancos do restante do país.

Nome: Shroeder⁴⁵

Um grande exemplo da superioridade da Raça Branca está na colonização do Sul do Brasil, feita por italianos e, principalmente pessoas de origem germânica. Se não me engano, a maior cidade brasileira de origem alemã é Joinville (SC).

Este link – www.diario.clicrbs.com.br/espec27 mostra a história de uma cidade que é hoje modelo de desenvolvimento e progresso, se tornando pólo industrial e cultural. É mostrado como os colonos alemães enfrentaram no início, toda sorte de dificuldades e mesmo assim conseguiram vencer e fundar aquela que, sem dúvida, constitui uma das melhores cidades para se viver no país.

Agora eu pergunto: se cidades como Joinville, Blumenau, Novo Hamburgo, Caxias do Sul e São Leopoldo, para citar algumas, tivessem sido fundadas e colonizadas, não por alemães, mas por NEGROS, JUDEUS E SEMITAS EM GERAL, ou NORDESTINOS, se tornariam no que são hoje???

Nome: Diego Shurmann Barletta Ferreira⁴⁶

Sou descendente de alemão e italiano, orgulho-me de minha raça e tento preservar minha cultura o que todos os brancos brasileiros devem fazer independentemente da localização. É claro que no Sul é muito mais fácil manter nossas raízes porque a maioria esmagadora da população aqui é branca, em torno de 95%. Os brancos de outras regiões não devem se influenciar por essa política hipócrita que incentiva a miscigenação e tenta nos fazer culpados pelas mazelas que afligimos aos negros, que se auto-destroem por não possuir a mesma capacidade intelectual que a nossa.

A pesquisadora Telma Regina de P. Souza, em sua pesquisa sobre os *skinheads*, focalizou seus estudos no Brasil e na Itália, entrevistando ideólogos do movimento e participantes diretos – os jovens *skins*. Seu trabalho mostra a criação de uma identidade comum apesar da diversidade de inspirações nos *skinheads* comunistas, nos que não abandonaram completamente o espírito anárquico punk – uma das origens do movimento, e nos *skinheads* que buscaram no nazi-fascismo símbolos e idéias. Estes últimos, no caso

⁴⁵ Depoimento de site Nacional-Socialista: < www.libreopinion.com/members/nswelt.html >, em fevereiro de 2002, grifo nosso.

⁴⁶ Depoimento de site White Power:< www.libreopinion.com/members/whonour >, em maio de 2002, grifo nosso.

européu, devido aos atos extremos de violência contra cemitérios judeus ou imigrantes de ex-colônias, no caso europeu, conquistou a visibilidade da cobertura da imprensa e assumiu, para muitos, a face do neonazismo. Esses jovens estão presentes no Brasil e, também como seus inspiradores europeus, constroem suas identidades tendo como base uma relação confusa entre idéias xenófobas nacionalistas e práticas anti-racistas e separatistas, como por exemplo O Sul é Meu País⁴⁷.

Nome: NAZIHEAD – SC⁴⁸

É triste saber que um espaço tão raro e valioso como o desse guestbook seja desperdiçado por pessoas que não têm (sic) ao menos uma mínima noção dos princípios básicos dos NS ou WP. Se és branco, descendente de europeus e tens o espírito construtivo de teus antepassados europeus, tu és meu irmão de sangue e zelo por ti, sejas do norte, nordeste, centro, sudeste. Estão mais preocupados com o estereótipo e a aparência assim como sentimentos bobos de xenofobia e regionalismo e não têm o verdadeiro amor racial branco que os verdadeiros WP e NS têm. Claro que o clima e cultura nordestina não é propícia para nenhum branco, para esses idiotas e ignorantes que se auto-intitulam “skinheads” peço que se cale e honre o nome dos verdadeiros skins para se auto-promoverem e deturpar o nosso movimento com guerras civis que mais parecem com as que os africanos promovem e se matam uns aos outros. “Meninos de sangue alemão, não te esqueça que és um alemão; menina pensa que um dia deverás ser mãe alemã.” (Adolf Hitler).

Nome: southernwolf14⁴⁹

*Li o texto “Em busca de palavras” e também me sinto indignado com a situação. Nossos avós e bisavós vieram para cá para quê? Para construir esse país! Edifica-lo! Uma estrutura honesta e um potencia mundial, deveria ser este o Brasil! E todo o esforço de nossos antepassados vai gradualmente sendo jogado fora, pela janela, como se não fosse nada. Lutamos e trabalhamos para que os negros e mestiços passem agora a usar o produto de nosso suor, este grande continental e colossal país. Os nordestinos vêm para São Paulo e tomam nossos empregos, nossas ruas, infestam nossa cidade com criminalidade e miséria. Nada contra os brancos que vêm de lá, mas queremos gente honesta por aqui, não gente baixa! E o que fazem os brancos? Se misturam aos negróides! Eu mesmo, não consigo uma mulher, e sabe por quê? Porque eu sou BRANCO, ARLANO, eu tenho a pele branca, os cabelos castanhos e olhos azuis! Eu não gosto de ritmos afro, não leio Veja e outros lixos, não assisto televisão. Nenhuma mulher branca tem interesse em mim, aquelas mulheres brancas com sua pele macia, seus cabelos ondulados. Elas preferem ir aos bares de pagodão, ficar numa roda de samba entre negros e mestiços. Eu ainda estou desempregado devido em parte a essa maldita migração desenfreada para meu estado. Os nordestinos e mestiços SABEM que aqui não tem mais oportunidades de emprego, e continuam vindo para cá em caminhões e ônibus lotados abarrotados deles, e para que, eu pergunto, se não alimentar a indústria do crime! **Eu não consigo uma mulher. 24 anos de idade e não consigo uma mulher, branca e saudável.** Imagino que nunca poderei ter filhos devido a minha situação. Não poderei dar continuidade a minha raça. Mas o problema não para por aí. Sabe que*

⁴⁷ Movimento que prega a separação da região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) do restante do Brasil. Ganhou certa notoriedade na década de 1980 com algumas reportagens na mídia nacional e, mesmo atualmente não contando com número expressivo de adeptos, se organiza na distribuição de panfletos e mensagens eletrônicas nos estados do Sul do Brasil.

⁴⁸ Depoimento de site NS: < www.libreopinion.com/members/nswelt.html >, em fevereiro de 2002

⁴⁹ Depoimento de site White Power: < www.libreopinion.com/members/whonour >, em fevereiro de 2002

tipo de mulher tem interesse em mim? Adivinhou, negras e mestiças! Elas estão sempre de olho em mim, e eu, recusando-as, fico nesta abstinência pois não tenho dinheiro para pagar uma prostituta branca para me divertir, imagine arrumar uma mulher branca para amar! Ódio se inflama em meu coração... Ódio. Olho e vejo uma bela branca, de perfume suave, acompanhada de um preto pagodeiro ou de cor “marronzinho”. Dá vontade de matar, matar os dois, inclusive a branca, por sua traição racial. Mas eu não posso fazer isso eu só posso presenciar e VOMITAR.

Nome: Bruno Edwards⁵⁰

Caro “SoutherWolf14”, você disse que não arranja emprego aí em São Paulo por causa dos nordestinos (mestiços) que infestam seu Estado. Qualquer pessoa com o mínimo de sensibilidade sabe que a maioria absoluta dos nordestinos que migram para São Paulo são trabalhadores desqualificados, com um grau de instrução mínimo (eu diria inexistente). Ou seja, serão peões da construção civil ou farão trabalhos que exigem pouco intelecto. Por quê você admitiu que não arranja emprego por causa dessa gente, com essa qualificação? Que projeto você tem para entrar no mercado de trabalho? Você disse que não arranja mulheres brancas pelo fato de elas estarem com negros e mestiços. Meu amigo, essa desculpa não desce! Eu moro numa cidade com o número de mulheres (inclusive brancas e bonitas) bem menor que São Paulo e não posso reclamar disso. Porra, será que entre um branco como você e um negro, uma brasileira escolherá esse último? Das duas uma, ou a mulher é uma depravada ou você precisa aprender a conquistar uma mulher. Concordo com você que esses ritmos africanalhados que existem no Brasil são uma imundice, e que a mistura racial é uma aberração. Mas recomendo que você dê um jeito de apagar esse seu texto do livro de visitas o mais rápido possível, pois ele é absurdo e pode comprometer-lo. Sou nascido e vivido em Recife e bisneto de ingleses. Saudações raciais.

A relação entre mulheres “brancas” com homens de outras raças é uma preocupação constante nos debates. Muitos transferem suas frustrações sexuais para uma teoria de preconceito racial. As oportunidades de exercer violentamente a vingança contra os que ameaçam a “pureza da mulher branca” são narradas com satisfação.

Nome: BRANCO – PB⁵¹

Sou de uma família de origem portuguesa e francesa aqui na Paraíba. Branco puro e com orgulho! Uns meses atrás, minha irmã, que tinha acabado de completar 13 anos, chegou da escola chorando muito, dizendo que um homem tinha levado ela a força para traz de um muro e tocado nas genitais dela. Meu pai ouviu o choro dela e foi saber o que tinha acontecido. Quando contou pro velho... ele pegou a espingarda e chamou eu e meu irmão para ir atrás do cara. Também levamos minha irmã pra ver de ela reconhecia o cara e fomos pra perto do colégio. Não é que o filho da puta ainda tava lá, encostado num muro! E usando drogas. Imaginem a cor desse merda? PRETO!!! Eu e meu irmão descemos do carro e ficamos vigiando o macaco, enquanto meu pai foi deixar rápido minha irmã em casa pra nossa mãe leva-la ao hospital. Então meu pai retornou e combinou comigo e meu irmão um jeito de pegarmos o maldito preto e darmos um fim nele. Pois bem, apesar ser grande e forte, eu e meu irmão somos mais ainda e não tivemos dificuldade em dar umas porradas e jogar ele dentro do carro. Felizmente ninguém viu a gente e terminamos levando

⁵⁰ Depoimento de site White Power:< www.libreopinion.com/members/whonour >, em fevereiro de 2002

⁵¹ Retirado do site < [//books.dreambook.com/whonour88/book.html](http://books.dreambook.com/whonour88/book.html) > em fevereiro de 2002

*ele para um matagal distante da cidade. Nem é preciso falar do cheiro de macaco do cara, típico de gente da raça dele. Jogamos ele no chão e demos uma surra naquele lixo de africano. O meu pai fez questão de quebrar os dois braços daquele animal e também suas pernas. Mas ele queria mesmo era mandar aquele animal em forma de gente pro inferno, o lugar de onde ele nunca deveria ter saído. Mandou o preto baixar as calças. Como o animal já estava com os braços quebrados não adiantou. Meu irmão tirou as calças dele. O meu velho deu um tiro no órgão genital dele. Nem precisa dizer que a bala estourou o cara e fez um rombo no preto que até hoje não esqueço. E disse que, apesar de continuar vivendo, nunca mais ia ficar molestando meninas por aí. E disse que ele fosse embora da cidade o mais rápido possível, pois se voltássemos a encontrar ele um dos dois ia ter q morrer. Outro dia mandamos um empregado da fazenda do meu avô lá “checar” a área e o cara tinha sumido. Isso é pra vcs verem que os pretos são uns animais. **Quando estiverem tratando com um animal, aja como um animal.** Já imaginou se a gente tivesse chamado a polícia? No outro dia o cara tava solto mexendo com outras meninas talvez até estuprando. Ou varremos essa gente do Brasil ou eles varrem a gente.*

Souza (1998) mostra a ligação entre os jovens White Power e os livros da Revisão Editora – ligação usualmente contestada pela editora.

No fanzine nº 1 também encontramos uma advertência em relação aos livros de Castan: “Holocausto, Juden ou Alemão” e “A mentira do século”, pois concordam com a negação do holocausto ou do racismo na Alemanha colocada pelo livro, entendem sim que Hitler desprezava a raça negra e que fez um bom serviço para a Europa eliminando os judeus, mesmo que possa haver exagero nos números de mortos no holocausto, mas que existiu sim e foi uma forma de limpar a Europa dos judeus. Porém no fanzine nº 5, encontramos propaganda dos livros da Revisão Editora, incluindo o livro “Holocausto, juden ou alemão”. Em várias páginas encontramos trechos do pensamento de Hitler sobre as raças, o culto ao esporte, à coragem. (SOUZA, 1998, p. 514)

A ligação dos movimentos com a comunidade alemã é inegável e merece uma explicação à parte. Os debates acerca do nazismo e de Adolf Hitler aparecem nos mais diferentes movimentos, de skinheads a separatistas, de historiadores a nacionalistas. Tentando manter nossa proposta inicial de evitar maniqueísmos – característica tão própria à intolerância, mas sem fugir da discussão necessária, tentamos tratar do debate, mas lembrando de um contexto histórico que normalmente não é mencionado quando ligamos descendentes de alemães ao nazismo, ou quando distribuímos apressadamente rótulos de “neonazistas” e “fascistas”, hoje em dia tão banalizados em discursos públicos.⁵²

⁵² Em vários momentos, o Ministro da Educação Paulo Renato de Souza utilizou expressões como fascistas e nazistas diante de protestos e greves contra seu governo, como a dos professores da IFES em 2001. Também é freqüente o uso de expressões como “barbárie”, “nazista” e outras pela mídia em notícias que em nada se relacionam com os respectivos fatos históricos, mas o uso dos termos parece conceder a determinado fato uma importância que de outra

A relação dos alemães que vieram para o Brasil e seus descendentes com a cultura natal, não é fruto somente de uma “alma alemã que permanece, independente do país em que reside” (propaganda típica do pangermanismo). Existiu todo um projeto político de incentivo a união real do povo de origem germânica espalhado pelo mundo, chamado pangermanismo. Para Magalhães (1998), a Liga Pangermânica nasceu ainda no século XIX como uma tentativa de preservar e incentivar o nacionalismo alemão em terras distantes, em uma política de divisão global pelos impérios colonizadores.

O movimento, antes e depois de se organizar, teve mais simpatizantes do que adeptos. Fascinava as classes médias por sua xenofobia e por alimentar-lhes o sentimento de ameaça, mas causava-lhes temor por sua avidez pelo poder político. Ele se desenvolveu primeiramente na Áustria, a partir de 1860, caracterizando-se pela sua franca oposição ao governo, em face de suas posturas liberais. Seus idealizadores elegeram Bismarck seu líder (posição que não dependeu de seu desempenho pessoal) e catalisaram o descontentamento da pequena burguesia, assustada com o risco de secessão que o sionismo e o escravismo, também emergentes, se lhes representavam. Suas lideranças foram responsáveis, segundo Schorske (1988, p.127), por se definirem como arautos de uma “nova cultura política em que o poder e a responsabilidade se integravam de forma diversa da cultura do liberalismo racional”. Destes personagens, o mais destacado foi Schönerer, por sistematizar as idéias ligadas ao anti-semitismo e por sua habilidade em articular uma militância extra-parlamentar, posições que inspiraram sobremaneira seu discípulo mais conhecido, Adolf Hitler. (MAGALHÃES, 1998, p. 104)

O racismo cultural contemporâneo visto nos partidos de extrema-direita europeus remete diretamente ao pangermanismo e outros movimentos semelhantes do século XIX. Estes movimentos entraram no século XX encontrado apoio em ideologias totalitárias, ficando a elas atrelados, criando a ilusão de terem acabado quando caíram seus respectivos governos motivadores.

O governo na Alemanha nazista tornou-se grande incentivador do pangermanismo. E o Brasil com sua imensa colônia alemã recebeu com entusiasmo um plano de estímulo à preservação da língua e cultura germânicas. O Pangermanismo não conquistou os alemães e descendentes brasileiros com a violência e perseguição racial atribuídas ao nazismo, mas com o carisma de líderes evangélicos e cidadãos comuns, influentes politicamente e respeitados pela comunidade teuto-brasileira e esse ponto é importante na análise dos movimentos

atuais, generalizados como neonazistas. O Estado Novo de Getúlio Vargas, com definição da posição do Brasil contra o eixo na Segunda Guerra, tentou combater a influencia de Alemanha e Itália no nosso país, impedindo, por exemplo, que a comunidade local utilizasse seus idiomas originais ou divulgasse abertamente aspectos de sua cultura européia.

Em entrevista concedida ao repórter Tony Smith, correspondente da *Associated Press*, em São Paulo, em maio de 2001, o dono da Revisão Editora, S.E.Castan, descreve como viu a perseguição à cultura germânica pelo Estado Novo (curiosamente o governo de Getúlio Vargas, político que o autor confessa admirar).

Castan: Houve perseguição e bastante intensa contra brasileiros, netos ou até bisnetos de alemães, que eram denunciados e perseguidos pelo simples fato de falarem o idioma alemão. Eram chamados de "5ª colunas". Assisti, na frente da casa onde residia, o caso de um rapaz bem jovem, colono do interior do município de Candelária, obrigado a capinar com enxada a rua que não possuía calçamento, vigiado por soldado da Brigada Militar fardado; ele capinava com a cabeça baixa e chorava de vergonha, pois as pessoas ficavam olhando o inédito espetáculo... Quero esclarecer que no interior de Candelária nem havia colégio onde poderiam ter aprendido o português, que alguns falavam bastante mal.

Vários brasileiros sofreram revistas caseiras, por parte da polícia, que atendiam a denúncias, à procura de livros no idioma alemão, armas até para caça e naturalmente radiotransmissores...

Os jornais e o os poucos rádios que existiam na época faziam propaganda contra os infelizes da "5ª coluna". Esta criada uma animosidade do nosso povo contra quem tinha o nome alemão (...). Essa animosidade foi mantida após o final da II GM, pela caluniosa propaganda sionista, principalmente através de filmes, acusando os alemães pelo assassinato de 6 milhões de judeus em câmaras de gás que nunca existiram fora dos EUA, e sempre apresentando os alemães como maus, calúnia e difamação que, lenta mas firmemente, dia a dia, vem diminuindo em face das revelações que vêm fazendo pesquisadores, historiadores e estudiosos de vários países, inclusive alguns laureados professores judeus. Nosso povo ficou saturado de tanta propaganda e perseguição ao povo alemão. Minha família nunca sofreu perseguição pois falava bem o português.⁵³

Os líderes do pangermanismo ganharam o aspecto mítico da luta contra a perseguição do Estado, um Estado ditatorial. Exatamente o oposto do que ocorria nos países de origem (Alemanha e Itália). O nazismo representou para muitos alemães e descendentes, a luta pela preservação de sua riqueza cultural, uma luta que buscava sua inspiração não apenas em nomes como Hitler, mas também em Bismarck, fundando sua base em respeitados chefes políticos e religiosos das comunidades locais. Chefes que foram perseguidos e difamados pelo ditador brasileiro. Não é difícil concluir que qualquer nota negativa contra Hitler e o nazismo seriam encarados pelos teuto-brasileiros como propaganda anti-alemã de Vargas.

⁵³ Retirado do site da Revisão Editora < www.revision.com.br >, em maio de 2002

É sob essa influência que muitas crianças e jovens cresceram no Brasil. Não é sob a influencia das palavras de *Mein Kampf* ou de Alfred Rosenberg, mas pelas histórias contadas por pessoas muito próximas, pais e avós, que muitos jovens brasileiros conheceram o nazismo. Mas mesmo contando com a mística da luta pela preservação cultural, não há como negar a presença da essência da intolerância na propagação da superioridade de uma cultura sobre as demais. A partir dessa superioridade, o racismo parece um passo natural, como demonstra o caminho tomado pelas idéias discutidas aqui.

Nome: 88⁵⁴

Já estou cansado de judeus, eles fazem com que o mundo fique com peninha deles. Mas isso é uma grande mentira, o “HOLOCAUSTO NÃO EXISTIU, CÂMARAS DE GÁS TAMBÉM NÃO E HITLER NÃO FOI UM ASSASSINO”. Vamos acabar com a palhaçada, sou descendente de alemães e o meu avô me disse que isso não ocorreu, ele me disse que Hitler foi um político muito justo.

A revista porto alegreense *Atenção*, de novembro de 1995, traz uma grande matéria com os chamados neonazistas no Brasil, sob o título: *Neonazistas no Brasil: eles crescem nas sombras*. O primeiro personagem da reportagem é um professor que acabou por tornar-se, como a Revisão Editora, elemento comum nos depoimentos e reportagens sobre neonazismo no Brasil.

*Tudo em volta do professor **Wandercy Pugliese** reforça a imagem de líder da nova geração nazista. O Fusca branco, parado na porta, não foi escolhido por acaso: era o carro preferido de Adolf Hitler. Sua sala de estar dá para outra cheia de fotografias do fñhrer na parede, ao lado de um azulejo com a suástica nazista. Há ainda capacetes, pôsteres e outras lembranças da II Guerra Mundial. Mas o maior troféu parece ser o próprio filho, homenagem viva ao ídolo alemão: o menino chama-se Adolf. Wandercy não usa os livros de história tradicionais para contar aos alunos do pré-vestibular o que aconteceu a partir da ascensão de Hitler. Usa os da editora gaúcha Revisão, de Porto Alegre, que ficou conhecida depois que seu dono, Sigfried Castan Ellvanger, sofreu vários processos por publicar obras recheadas de trechos racistas. Olhos e cabelos escuros, 32 anos, atlético, ele é o tipo de professor carismático, que atrai a curiosidade de jovens de Blumenau, Santa Catarina, onde trabalha. Foi expulso de outros cursos por espalhar suas visões racistas e inclusive ter vendido camisetas em homenagem a Hitler. Chega a convidar alunos para sessões de vídeo em sua casa, no bairro classe média de Itaoupava Norte. As fitas, compradas de outra empresa porto-alegrense, a Scotton Internacional, mostram Hitler em família, alegre, carinhoso. O interesse pelo tema, diz Pugliese, veio cedo. “Aos 13 anos, perguntei para minha mãe quem era Hitler. Ela disse que ele era um homem ruim”, recorda. Depois, conta Pugliese, sobreviventes de guerra lhe afirmaram que o Holocausto é uma grande mentira e que Hitler nunca quis entrar no conflito mundial. “Eles diziam: como se era feliz na época do fñhrer.” E para ele o vilão virou herói. A bandeira de Pugliese é o nacionalismo. E ditadura para consertar o Brasil. “Somos formiguinhas carregando livros para, no futuro, acontecer uma reviravolta”. (GLOCK, 1995, p. 08)*

⁵⁴ Depoimento de site White Power: < www.libreopinion.com/members/whonour >, em maio de 2002

Qualquer possibilidade de dúvida quanto a opinião do professor com relação a supremacia racial é logo elucidada: “Negros? São uns coitados, ficaram desempregados no Treze de Maio e agora estão pobres. (...) Devia haver um controle de natalidade entre os brasileiros para elevar o nível de vida no mundo.” (PUGLIESE apud GLOCK, 1995, p. 08)

Ainda de acordo com a reportagem, uma das fontes de “inspiração” para a pedagogia do professor Pugliese – ou Wander⁵⁵ como é atualmente conhecido no colégio de Blumenau, onde dá aulas de história – é o pesquisador gaúcho Siegfried E. Castan. No jornal O Estado, em 1992, Pugliese conta sobre a formação de um grupo de intelectuais que se reúne periodicamente e se denominam “Os articulados”.

Nos encontramos periodicamente. Aqui vem pessoas simpatizantes do nazismo, pesquisadores e revisionistas históricos. Aparecem também alguns Skinheads, mas eles são ocos, meio ignorantes. Eu sou um germanófilo, um nacional-socialista. (PUGLIESE apud WECK, 1994, p.23)

Em outubro de 2001 o jornal A Notícia, de Santa Catarina, publicou o depoimento de um jovem que cita um amigo participante de grupo semelhante ao relatado por Pugliese uma década antes:

*P.K. e os amigos sabiam da existência de outros dois grupos defensores de idéias nazistas. “Um colega nosso, mais radical, chegou a participar de uma reunião com um desses grupos. Tinha professor, médico, dono de fábrica e até político”, conta. O outro grupo organizado, segundo P.K., também estudava a teoria nacional-socialista e pregava o separatismo. “Eles queriam fazer do Sul um país independente e também combatiam a entrada de migrantes.”*⁵⁶

4.3 A “IMPLOÇÃO DA MENTIRA DO SÉCULO”

Quero externar meu especial agradecimento a todos os professores de colégios e universidades que estão divulgando meus livros e dando aulas e trabalhos a seus alunos, baseados nos mesmos. – S. E. Castan

⁵⁵ Na nossa procura por Pugliese para entrevistá-lo, notamos que hoje em dia o professore evita exposições públicas relacionadas ao nazismo, ao contrário de alguns anos atrás, quando foi tema de reportagem do programa Fantástico, da Rede Globo, além de diversas reportagens em jornais do Sul do país.

⁵⁶ Depoimento de jovem que freqüentou reuniões de um grupo Nacional-Socialista no Rio Grande do Sul – Jornal A Notícia (14/10/2001)

Depois de ler as obras da Revisão você não será mais o mesmo – lema da Revisão Editora

O famoso caçador de mentirosos – um autêntico lutador pelos Direitos Humanos – Dr. Antônio Carlo Porto Alegre sobre Castan

Dono da Revisão Editora, Castan tenta, desde a década de 1980, divulgar seus livros que trazem para o Brasil algumas das principais idéias revisionistas. O revisionismo histórico ganhou destaque no mundo a partir dos trabalhos do historiador inglês David Irving que propôs, entre outras idéias, a inocência de Hitler na ordem do massacre de judeus (no livro *Hitler's War*, lançado na década de 1970), logo os seguidores de Irving aproveitaram a “inocência” de Hitler para, em seguida, decretar a falsidade do holocausto em si. É essa a linha de Castan.

*Nome: Leandro*⁵⁷

Gostaria de me filiar a algum partido NS ou a algum grupo. Caso algum líder de tais grupos quiser (sic) um novo membro entre em contato comigo sou um cara bem forte grande adepto de artes marciais com um bom intelecto disposta a morrer pela causa e por um Brasil para os Brancos. Sieg Heil Kamerads!!!

Fundada em 1989, em Porto Alegre, a Revisão Editora dedicou-se a lançar os livros de seu dono, Siegfried Ellwanger Castan, um filho de imigrantes alemães, nascido em 1929, funcionário e proprietário de uma empresa de siderurgia durante boa parte de sua vida. O primeiro livro de Castan, *Holocausto Judeu ou Alemão: nos Bastidores da Mentira do Século*, lançado em 1987 logo ganhou notoriedade, e em torno dessa fama Castan fundou sua própria editora. Um lançamento modesto, mas de conteúdo polêmico, a obra deu visibilidade no Brasil ao chamado revisionismo histórico, movimento que se denomina revisor das mentiras históricas em nome da verdade, mas que, em síntese, se dedica a divulgação de uma idéia principal, a não existência do Holocausto do povo judeu na II Guerra. Em *Holocausto Judeu ou Alemão*, Castan lança sua série de “argumentos” científicos na defesa de seu ponto de vista. Câmaras de gás são desqualificadas por *experts* americanos e canadenses, o número comumente citado de seis milhões de vítimas judias exterminadas é contestado por várias “provas” matemáticas

⁵⁷ Depoimento de site White Power: < www.libreopinion.com/members/whonour >, em fevereiro de 2002

inquestionáveis, especialistas em combustão comprovam a impossibilidade da queima de tantos corpos em fornos crematório, etc.

Contra a lógica matemática não existem contra-argumentações. Sob esta perspectiva Castan e os revisionistas constroem sua linha de defesa na luta contra a “verdade estabelecida”. Ao tecnicismo dos números cabe uma grande responsabilidade nesta luta. O quadro apresentado abaixo reproduz é um dos pilares revisionistas, é repetido inúmeras vezes em textos encontrados na rede e é citado por vários depoimentos.

Matemática

Se a História tem suportado estoicamente a manipulação dos difamadores, por seu lado, a Matemática, na sua rigorosa exatidão, desmente-os categoricamente.

Senão vejamos:

Total de população judaica nos seguintes períodos:

1933..... 14.000.000

1939.....(american jewish comitee)..... 15.688.259

1948(quase 3 anos após o fim da II Guerra, segundo o The New York Times, órgão judaico)..... 17.800.000

Esse número confere com a avaliação de Nahun Goldman, que do alto de sua autoridade de presidente do Congresso Mundial Judaico, referindo-se a iminente criação de Israel, declarou em 1947 : () “dos 17 milhões de judeus do mundo, colocaremos 2 milhões na Palestina.”*

Se acreditássemos no genocídio de 6 milhões, restariam em 1947, pouco mais de 10 milhões de judeus no mundo. Definitivamente, os mentirosos e deformadores são péssimos alunos de História, e receberam, igualmente, nota zero em Matemática.

() Trágica e lamentavelmente, o presidente do Congresso Mundial judaico lembrou-se dos verdadeiros números somente um ano após o criminoso ato do Tribunal de Nuremberg, quando já haviam sido enforcados os líderes civis e militares alemães, sob a básica e mentirosa acusação de genocídio contra 6 milhões de judeus! (CASTAN, 1992, p.11)*

Como a razão instrumental não conteve a barbárie, foi aliás, instrumento desta, os revisionistas “pregam” a fé na técnica como possibilidade de redenção da humanidade. Essa fé aparece na desqualificação de personagens “sionistas” (qualquer um que tenha ligação com a comunidade judaica) e “bêbados” (sempre que citado, o nome Churchill é acompanhado da explicação “o grade bêbado”), em contrapartida todos os depoimentos favoráveis à tese do Sr. Castan são de professores, doutores, pesquisadores, PHD’s.

A REVISÃO DA HISTÓRIA pode ser comparada a um garimpo de diamantes. Passa-se horas, dias e noites trabalhando, catando e conferindo livros, revistas, documentos, etc., nos mais diversos idiomas, até encontrar a recompensa, que no garimpo é o diamante e, para nós, é representada pela grande alegria de repor a VERDADE HISTÓRICA.

Acontece que a verdade às vezes não é bem recebida. Existem histórias incutidas/encravadas no cérebro e repetidas toda a vida e de tal forma – como no presente caso o HOLOCAUSTO JUDEU, a HISTÓRIA dos 6 MILHÕES de inocentes gaseados – que quando o resultado de nosso trabalho vem à tona, estamos sujeitos a receber – ao invés de reconhecimento pelo trabalho – as mais graves ofensas.

*Ao invés de **pesquisador**, já recebemos adjetivos que procuram nos desprestigiar totalmente: nazista, neonazista, fascista, anti-semita, racista, etc. Já fui PREMLADO com o título de “persona non grata” por vários precipitados vereadores de Porto Alegre, que nem tinham lido nossos livros e votaram de “cabecinha feita”. Felizmente a Justiça anulou esse ato. Também tivemos o desprazer de ver nossa Editora expulsa de uma entidade que deveria ser a primeira a nos defender: refiro-me a Câmara Rio-Grandense do Livro, onde fomos reintegrados por decisão da Justiça. Na Feira do Livro de 1990, a Polícia entrou em nossas dependências e levou quase 9.000 livros, **acontecimento noticiado em todo o Brasil**.*

A Justiça mandou devolvê-los 48 horas depois, fato não noticiado por nenhum jornal, ficando a impressão de que se tratava de livros proibidos. Gostaria de esclarecer que em todos os casos citados, a origem das ofensas contra nós, revisionistas, são planejadas, organizadas e executadas pela ÚNICA FEDERAÇÃO ESTRANGEIRA EXISTENTE NO BRASIL: a Federação Israelita, ligada à Confederação Israelita, com sede em São Paulo, que por sua vez é ligada ao CONGRESSO MUNDIAL JUDAICO, sob a Presidência do Sr. EDGAR BRONFMAN, com sede no Canadá.

Logo após sua eleição, antes da posse, o PRESIDENTE COLLOR viajou para Nova Iorque, hospedando-se no Waldorf-Astoria. Sua primeira entrevista foi, nada mais nada menos, como os Srs. Bronfman, Presidente do Congresso Mundial Judaico, Beno Melnitski, Presidente da Confederação Israelita de São Paulo, e o Rabino Henry Sobel, também de São Paulo...

Adivinhem por que se deslocaram para tão longe? Pediram para o nosso Presidente acabar com a literatura nazista que estaria grassando no Sul do país.

Como não existe propaganda nazista, mas sim de pesquisas e de cultura histórica e não sendo nossas obras contra a comunidade religiosa judaica, mas apenas contra os deformadores da História, estamos diariamente recebendo apoio e mais informações sobre o assunto.

Como disse SCHOPENHAUER: a Verdade pode esperar (como esperou) porque tem vida longa!

É UMA VITÓRIA DO REVISIONISMO, DA TECNOLOGIA, E DA RAZÃO!
(CASTAN, 1992, p.41)

Um livro que normalmente ficaria restrito a um pequeno público acabou atraindo a fúria da comunidade judaica no Rio Grande do Sul e em São Paulo, que entrou na justiça contra a divulgação do livro e ganhou a ação nas primeiras instâncias⁵⁸. Começava aí uma imensa exposição na mídia do livro e do autor censurado numa época de abertura democrática. Em feiras do livro em Porto Alegre, São Paulo e outros centros, o material da

⁵⁸ Bem Abraham, na época (1989) colunista na Folha de São Paulo, foi quem primeiro processou Castan. O resultado do processo foi uma mútua punição financeira.

editora – praticamente todo dedicado à literatura revisionista e outros livros anti-semitas como *Os Protocolos dos Sábios de Sião* – era apreendido com grande publicidade. No início dos anos 90 o revisionismo histórico acabou ganhando status de formador ideológico para vários movimentos, de grupos germanófilos a skinheads neonazistas (os *White Powers*).

Nome: Frindenberg⁵⁹

Sinceramente camaradas: sou contra a omissão de nossas idéias. Devemos aproveitar qualquer meio ou chance de esclarecer os demais brancos de nosso país e do planeta, como verdadeiramente agimos e como nossas idéias são deturpadas. Acredito que existam profissionais sérios na mídia que procuram propagar a verdade sobre o massacre que os israelenses estão promovendo contra o povo palestino, tem trazido interesse a nível mundial sobre os grupos contra judeus em todo planeta e nada mais natural que haja maior interesse sobre nossas idéias não somente pela mídia como para povos de todos os países. Essa é justamente a grande chance que muito esperávamos para esclarecer os fatos.

*Evidentemente que a mídia sionista está presente e pronta para deturpar tudo que for dito por nós que não tenha base ou coerência. Só peço que pessoas que propagam coisas do tipo “odeio negros”, “negro fede” ou “odeio judeus porque o judeu é uma raça porca”, que realmente não der entrevista alguma. Isso é justamente o que eles querem ouvir e publicar. **Porém, eles simplesmente não publicam entrevistas sérias e coerentes, firmemente baseadas em ideais concretos, e que possam trazer a opinião pública a mídia para nossa causa. A prova disso está no site revision.com.br do senhor Siegfried Ellwanger.***

*Temos que dar entrevistas sim, porém aconselho somente as pessoas mais conhecedoras dos fatos a darem essas entrevistas afim de evitar que mais uma vez um NS despreparado prejudique todo o movimento, nossa obrigação é dar essas entrevistas sim e se elas não forem publicadas com seriedade ou simplesmente não forem publicadas, **devemos seguir o exemplo do pessoal da Revisão Editora, do senhor Siegfried Ellwanger e denunciar esse tipo de meio. Devemos mostrar aos seus leitores ou ouvintes, que não devem mais dar credibilidade a esse, que é altamente manipulado por judeus.***

(...) Os outros que se acharem no direito de me desprezar por tentar esclarecer as idéias e restaurar a honra de nosso führer, tem o direito para isso. Espero ter feito uma boa representação dos nossos ideais e de todos os NS, agradeço desde já a compreensão e o apoio de todos.

14/88

A proposição simples de que o massacre na Segunda Guerra foi da população civil alemã pelos bombardeios aliados e jamais de judeus e eslavos, ganhou adeptos, inclusive contando com o apoio onde mais deveria ser contestada, alguns professores de história. É claro que o número de historiadores a divulgar o material de Castan, comparativamente, é muito baixo, mas o revestimento científico dos livros fornece uma espécie de aval acadêmico que ainda seduz muitas mentes.

⁵⁹ Depoimento retirado de debate na internet em site White Power <www.libreopinion.com/members/whonour>, em fevereiro de 2001.

O crescimento de adeptos de grupos “neonazistas” fortaleceu a análise da aceitação de ideologias autoritárias e o Brasil é apontado como local fértil para esses movimentos. O jornal Folha de São Paulo (16/02/94), traz uma reportagem sobre um estudo da Universidade de Tel-Aviv, que afirma o notável crescimento de “focos neonazistas”, concentrados basicamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Ainda segundo a Universidade de Tel-Aviv, deve-se registrar “a proliferação dos skinheads White Power e a divulgação em massa de um livro de S.E. Castan (*Holocausto Judeu ou Alemão?*)”.

A Súbita notoriedade alcançada por *Holocausto Judeu ou Alemão* pode ser, em parte, medida pela repercussão de sua idéia principal em diversos grupos e movimentos, juvenis em sua maioria, mas também os chamados germanófilos – grupos de admiradores de uma cultura alemã própria que acabaram se tornando sinônimo de simpatizantes do nazismo, principalmente nos estados do Sul do Brasil. A repercussão pode ainda ser verificada na quantidade de entrevistas solicitadas ao autor pelos mais importantes representantes da imprensa brasileira, como os Jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo, Zero Hora, além de reportagens em diversos telejornais ou programas de debate ao vivo em rede nacional como Silvia Poppovic, Ney Gonçalves Dias e outros. A exposição gerou uma série de debates, a maioria reduzindo o tema a questão do neonazismo, alguns críticos aprofundaram um pouco mais a discussão.

*O livro de Castan é um tranqüilo passeio pela “banalidade do mal”, aquela banalidade longamente descrita por Hannah Arendt em Eichmann em Jerusalém. Frio, metódico e insensível, Castan escreve como um carrasco que tem apenas a sensação do dever cumprido. Por isso suas teses podem parecer ao leitor comum **tão razoáveis e plausíveis, tamanha a inversão que opera entre o certo e o errado.** Combater esta vulgaridade, esse é o grande desafio, e não remeter o anti-semitismo e o nazismo à instâncias sobrenaturais, que os tornaria intangíveis e inescrutáveis. É inútil procurar no livro de Castan qualquer traço de anormalidade ou monstruosidade, como tentaram fazer os juizes no caso de Eichmann, “côscios demais dos verdadeiros princípios de sua profissão, para admitir que em média uma pessoa normal, nem fraca de memória, nem doutrinada, nem cínica, poderia ser incapaz de discernir o certo do errado. Eles preferiram concluir, por mentiras ocasionais, que ele era um mentiroso – e perderam o maior desafio moral e, até legal, do processo.” (de Eichmann em Jerusalém). A perversidade e a eficácia do livro de Castan estão – tragicamente – na sua absoluta banalidade, normalidade, mesmo quando o que defende supera os limites do absurdo. Contra isso, não adianta queimar livros – como fez o nazismo – ou querer silenciá-los; o grunhido avisa apenas que a fera está solta. (CITRYNOWICS apud CASTAN, 1990, p. 22)*

Na resposta ao crítico, Castan dá uma amostra de como enfrenta a complexidade de argumentos contraditórios. Como não acha no artigo “pontos fechados”, como as tradicionais críticas ao seu cientificismo ou as rotulações nazistas, o autor apela para a simples desqualificação – simples mesmo – do crítico e dos autores citados.

*Para mim somente seria surpresa se o sr. Cytrynowics tivesse gostado do meu livro, pois jogamos em lados opostos. SAMUEL BECKETT, J.P. SARTRE, THOMAS MANN, HANNAH ARENDT E HEINE (surpreendentemente apresentado como alemão), todos citados no seu artigo, **são personagens que dificilmente seriam contratados para jogar na minha equipe, nem para o banquinho de reservas.** (CASTAN, 1990, p.23)*

Os livros posteriores do autor são variações do mesmo tema – a não ocorrência do holocausto judeu – com acréscimos de testemunhos “científicos” irrefutáveis corroborando com o argumento principal e dos debates suscitados pelo primeiro livro na mídia. Citaremos aqui trechos mostrando a linha de apresentação da obra de Castan e como o autor expõe suas idéias, ressaltando sua tentativa de dar aos argumentos uma aparência científica e pedagógica.

O presente livro trata da desinformação e de como se engana a humanidade. É incontestável a existência de documentos que comprovam as perseguições, as prisões arbitrárias, espancamentos, torturas, assassinatos, fechamentos de clubes culturais, escolas, igrejas e os mais diversos tipos de vexames que o governo polonês permitiu contra a minoria alemã, que vivia basicamente nas áreas que, pelo Tratado de Versalhes, haviam sido desmembradas da Alemanha e entregues à Polônia.

O total de civis alemães assassinados e desaparecidos situa-se entre 40 a 50 mil, conforme consta do livro “Atrocidades polonesas cometidas contra a minoria alemã”, que mostra inclusive a delegação de jornalistas estrangeiros convocada pelos alemães para comprovar os crimes cometidos.

Além das perseguições e assassinatos, a Polônia, incentivada por uma imprensa suspeita, aspirava a tomada de toda a Prússia Oriental, e transmitia a idéia de que, em caso de guerra, seus exércitos em poucos dias desfilariam em Berlim. Quando a Polônia recebeu o apoio de defesa por parte da Inglaterra e da França, os incidentes de fronteira com a Alemanha recrudesceram. Nós possuímos dos registros de especificamente nada menos que 44 violações provocadas por forças polonesas somente nos últimos sete dias que antecederam à ordem alemã de reagir, invadindo o território polonês, no dia 1º de setembro de 1939, após o governo polonês ter ignorado totalmente novas tentativas de conciliação.

Imediatamente, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, transformando um problema localizado em Guerra Mundial.

O número de 6 milhões de judeus que teriam sido assassinados pelos alemães, em câmaras de gás, surgiu pouco tempo após o término da II Guerra Mundial.

Esse mágico e diabólico número de propaganda foi usado para funções específicas:

- a) *Justificativa aliada para as destruições e os crimes cometidos contra o povo alemão durante e após a guerra;*
- b) *Pressão sionista para indenizações e extorsões;*
- c) *E, o mais importante, a “vitimização” permanente e definitiva do povo judeu, com a finalidade de desestimular, pelo estigma do “anti-semitismo”. Objeções ao plano político-ideológico de dominação mundial do sionismo.*

A propagação das mentiras iniciaram com os serviços secretos aliados, apavorados com a destruição que fizeram na Alemanha, em estreito trabalho com o Congresso Mundial Judaico – sob a direção de Chaim Weizmann, que acumulava também o cargo de Presidente da Organização Mundial Sionista, com sede em Londres.

Apesar do próprio premier Churchill ter achado esse número de 6 milhões utópico demais, pois não havia forma de encaixá-lo estatisticamente, Weizmann seguiu com o mesmo para extorquir do povo alemão as incontáveis somas que ele necessitava para construção do Estado de Israel, e que a Alemanha continua a pagar até hoje, 47 anos após o termino do conflito.

Tudo que o povo alemão sofre, em injustiças e difamações, não teria sido possível sem a Mentira do Século. (CASTAN, 1992, p. 14)

Os livros de Castan são divulgados em bibliotecas públicas e universitárias, principalmente nas regiões sul e sudeste do país, mas são também encontrados em outras regiões – em doações da própria editora. Mas sua notoriedade se estabeleceu também entre grupos e movimentos racistas, que pregam exclusão e violência.

A mensagem de Savitri Devis evidência a contradição presente nos grupos racistas brasileiros, identificado com os NS, o jovem adquire os livros nacionalistas de Castan – que segundo o próprio é contra racismos e separatismos – e termina por declarar-se membro do movimento separatista O Sul É Meu País.

Nome: Savitri Devi

Alguém sabe como posso comprar livros NS (obviamente banidos de todas as livrarias e bibliotecas)??? A Editora Revisão eu já comprei, mas eles não têm o livro que procuro “The philosophy of Alfred Rosenberg” de James Whisker.

Valeu, e O SUL É MEU PAÍS!!!!

O que poderia ser uma tentativa de defesa – o argumento de que o autor muitas vezes não controla o destino de sua obra – não cabe aqui, basta uma análise do anti-semitismo na linguagem do autor para desqualificar seu discurso de defensor da liberdade – que curiosamente acompanha uma fanática defesa de ditadores e do autoritarismo. Basta uma

“navegada” pelo site da editora para verificar suas “parcerias” ideológicas como os *White Powers* e diversos sites claramente racistas⁶⁰, não somente anti-semitas como defensores da famosa supremacia branca, para desqualificar sua tolerância racial. É nesse contexto que o material é aqui apresentado, principalmente tendo em vista sua utilização como instrumento de transmissão de um conhecimento histórico.

Em junho de 2002 foi feita uma última tentativa de contato com o Sr. Castan e sua editora. Já havíamos tentado algumas vezes contato através e e-mail e telefone sem sucesso. Os contatos eram formais e procuravam somente estabelecer uma relação. Percebemos, no entanto, pelas matérias expostas no site da editora, que o autor prefere ser instigado a responder perguntas. Enviamos ao endereço eletrônico da Revisão Editora a seguinte mensagem:

Correspondência

Caro Sr. Castan.

Meu nome é Giuliano, sou aluno de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Estou concluindo uma dissertação sobre intolerância onde abordo aspectos da educação política dos jovens. Em vários momentos seu nome e os livros de sua editora aparecem citados por jovens entrevistados em uma série de trabalhos, principalmente jovens que participam de movimentos cuja inspiração ideológica vem do nazifascismo. Tentei entrar em contato via e-mail e telefone mas não obtive resposta, por isso envio estas perguntas com esperança de obter suas respostas. De qualquer modo, agradeço sua disponibilidade.

- 1- *Analisando seus livros, principalmente Holocausto Juden ou Alemão e SOS Alemanha, percebe-se uma admiração pelo nazismo, no entanto, em diversos momentos o Sr. se diz contra racismos. Essa contradição aparece também quando seus livros são citados por jovens skinheads, os White Powers, que pregam abertamente o racismo. Como o Sr. vê esse caminho percorrido pelos seus livros?*
- 2- *Em seus livros o holocausto é tratado basicamente como a mentira do século. Várias testemunhas de caráter científico são citadas para colaborar com sua idéia. Mas percebe-se que o Sr. deixa de lado alguns aspectos do nazismo, como o conteúdo racista de Mein Kampf e, posteriormente, as Leis de Nuremberg, assim como também não leva em conta depoimentos registrados em farto material dos julgamentos de Adolf Eichmann e Klaus Barbie, que nunca contestaram os planos da chamada Solução Final. Não há nessa atitude uma tendência à manipulação de informações, fugindo da contradição e da complexidade, justamente algumas de suas acusações contra os sionistas?*
- 3- *Percebe-se em seus livros uma permanente preocupação com a educação, o que é visível até no logotipo da editora. Já é lugar comum a denúncia da progressiva despolitização de nossa*

⁶⁰ Os sites *White Power* e Nacional-Socialista utilizados neste capítulo a partir do portal < www.libreopinion.com > abrem links para uma imensa quantidade de sites racistas. O portal abre link também para o site da Revisão Editora, que por sua vez abre link para o portal e para alguns de seus sites principais, como o site *White Power*.

juventude, percebida, por exemplo, na redução ou completa ausência do estudo de disciplinas políticas em escolas e universidades, assunto que ganhou espaço com o recente veto do Presidente Fernando Henrique ao projeto que obrigava o ensino de sociologia e filosofia no ensino médio. Como o Sr. vê essa questão e o que acha de seus livros serem utilizados por professores de história em escolas de ensino médio e universidades?

O e-mail foi respondido dias depois, sem assinatura.

Prezado Giuliano.

*Nossa posição é totalmente **anti-racista**.*

*Nossa posição **não visa transmitir nenhuma ideologia, morta ou viva**.*

Nossa posição é pela revelação da Verdade Histórica e contra a manipulação da mídia mundial, dominadora das mentes.

Nossa luta está voltada contra os exploradores de nossa Pátria e em defesa da autodeterminação de todos os povos; um mundo melhor.

*Lamentamos se essas posições não forem assim interpretadas, o que **certamente representa falhas nossas**.*

Por falta de tempo, lamentamos não nos alongar nas interessantes questões levantadas.

Com maior disponibilidade de tempo, Castan respondeu a uma entrevista via e-mail concedida ao repórter Aziz, da Revista Isto É, em fevereiro de 2000. Segundo Castan o material acabou não publicado na revista por tratar de uma das “minorias citadas” pelo repórter, por isso foi disponibilizada no site da editora.

REVISTA ISTO É: O crescimento de movimentos nacionalistas como o de Haider na Áustria pode ser considerado uma ameaça à democracia mundial?

S.E. CASTAN: À qual democracia mundial o Sr. se refere? Essa intolerante e xenófoba ditadura que se coloca contra a sagrada auto-determinação dos povos? Eu sou nacionalista e estou preocupado e triste com a entrega de nossas estatais, bancos e firmas a grupos estrangeiros. Por eu não conhecer bem o assunto, os especialistas em Economia bem que poderiam uma vez examinar como Hitler conseguiu tornar a Alemanha forte e sem desemprego, em curto prazo, sem fazer empréstimos no exterior e sem vender as firmas alemãs.

REVISTA ISTO É: Num país miscigenado como o Brasil, o senhor acha possível o crescimento de alguma ideologia semelhante à do nazismo no que diz respeito à purificação da raça?

CASTAN: Se a purificação da raça significa nazismo, recomendo ao Sr. fazer uma reportagem sobre a miscigenação nas organizações sionistas no Brasil.

REVISTA ISTO É: Na sua opinião, como a sociedade deve encarar suas minorias, como os negros, os judeus e os homossexuais?

CASTAN: Os negros não são minoria pois representam 50% do nosso povo. São minoria em cargos públicos e de vital importância ; porém essa situação está mudando, seu espaço é cada vez maior e melhor. Os

homossexuais têm a tolerância da nossa sociedade, basta ver os sucesso dos mesmos na televisão, teatro e artes em geral. Eu tenho amigos e amigas desse setor. Colocar os judeus entre “minorias” no nosso país é no mínimo bilariante, pois eles ocupam governos, ministérios, secretarias de estado, municípios, órgãos de classe, cargos de importância em todos os setores da nossa sociedade, dominam o setor financeiro, comércio, indústria, importação, imprensa, etc. etc.

REVISTA ISTO É: O Brasil tem algum político que o senhor admire?

CASTAN: *Getúlio Vargas.*

Na questão das minorias, fica evidente onde está o alvo do autor, mas o que a princípio poderíamos entender como uma accidental má interpretação – o fato de seus livros serem utilizados por movimentos racistas – não podemos deixar de registrar que, ao incentivar a propagação de uma ideologia intolerante (mesmo negando com veemência), é perfeitamente natural que esta ideologia acabe por agregar uma série de ódios e preconceitos. Politicamente, os livros da Revisão Editora mostram a opção do “defensor da liberdade” Castan:

Meu livro SOS Alemanha, lançado em princípios de 1990, iniciou com o seguinte esclarecimento: Há muito tempo existe no mundo uma conspiração contra governos que conseguem, após longos sacrifícios, superar dificuldades herdadas e, com independência, dão boas condições ou melhoram o padrão de vida de seus povos.

A essa conspiração não interessam governos independentes, nacionalistas ou que não tenham dívidas externas e inflação – seu grande alimento.

Governos que não se enquadram nos esquemas dos Conspiradores recebem as ridículas classificações de ditaduras de esquerda e direita. Essas duas classificações passam então a ser apresentadas ao mundo como algo horrível e totalmente depreciativo; a pornografia e o tráfico de drogas, sempre ausente nas chamadas “ditaduras”, não são citados pela imprensa, mas servem para acusá-las, nos momentos oportunos de não permitirem a “liberdade”. A separação em “esquerda” e “direita” é para dar uma idéia de divergência, de antagonismo, que acaba sendo criada. (...)

Caso os chamados “ditadores de esquerda e direita” se reunissem num congresso é certo que saíram de lá abraçados e irmanados, pois têm o mesmo objetivo: o bem-estar de seus povos e a repulsa à agiotagem internacional.

Abaixo cito alguns países que foram vítimas dessa Conspiração ou que estão sob pressão da mesma, devendo notar-se que todos recebem até hoje o apelido de “ditaduras”.

Brasil – Getúlio Vargas e Jânio Quadros (difamado) (Ver as cartas testamento e de renúncia!)

Argentina – Perón

Chile – Pinochet (a menor inflação do continente, após Paraguai)

Paraguai – Stroessner e Rodriguez

Cuba – Fidel Castro – sob pressão!

Nicarágua – Daniel Ortega – sob pressão!

Itália – Mussolini

Alemanha – Hitler

União Soviética – Stalin e Brejnev

Coreia do Norte – Kim Il Sung – sob pressão!

China – sob pressão!

Iraque – sob pressão genocida!

Em 1989 também caíram os “Ditadores” da Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental e Romênia.

Resumo: A nova e revolucionária onda é uma espécie de SOCIALISMO “DEMOCRÁTICO”, que é acompanhada de firmas multinacionais, filmes e revistas pornográficas, além da abundância de drogas e músicas padrão “heavy metal”, que fazem parte de qualquer governo “livre” que se preze...

Ao presidente Nicolae Ceaucescu e sua esposa Elena, covardemente assassinados por essa Conspiração que não admitiu uma Romênia independente, sem inflação e sem dívida externa, a minha homenagem e luto, ao mesmo tempo que reconheço a força da imprensa internacional que consegue dar uma imagem completamente distorcida dos acontecimentos, enganando a maioria da humanidade. (CASTAN, 1990, p.77)

Na defesa das ilustres figuras públicas contra a difamação internacional, Castan adota o padrão *Protocolos dos Sábios de Sião* – livro, aliás, divulgado pela sua editora a partir dos trabalhos de Gustavo Barroso, ainda na década de 1930 – utilizado desde a era czarista e, segundo Hannah Arendt (2000) quando foi forjado pela polícia secreta do czar para justificar os *pogroms*. A obra – o suposto plano judeu de dominação mundial – foi também utilizada por Hitler para justificar seu racismo em *Mein Kampf* e continua, pelo menos em suas idéias essenciais (uma conspiração judaica organizada para a conquista global com a colocação de judeus em pontos chaves dos principais governos e organismos internacionais) e sua utilização implica em sempre citar o controle dos principais governos, organizações internacionais e os principais meios de comunicações e seus gigantes conglomerados de notícia, todos sob controle judeu.

Essa linha, a de uma conspiração global, aparece em diversos momentos dos textos analisados, utilizando diversas variações – sempre alegando uma “luta” contra uma “poderosa força internacional”. A luta contra a opressão sionista citada pelos Nacional-Socialistas brasileiros.

Nome: Stiffluck⁶¹

Eae NS' e outros... ao invés de colocar um extenso conteúdo com as atrocidades cometidas pelos porcos sionistas (judeus), eu aconselho a todos lerem o livro “Os Protocolos dos Sábios do Sião” ou pelo menos lerem

⁶¹ Depoimento de site Nacional-Socialista:< www.libreopinion.com/members/nswelt.html >, em maio de 2002.

um resumo... nesse livro onde o AUTOR JUDEU fala explicitamente dos planos para domínio do mundo e a escravização de qualquer outra raça... leiam esse livro caso não tenham nada contra os judeus!

Para entendermos melhor o processo e defesa do revisionismo histórico em sua luta para provar a fraude do holocausto, vamos acompanhar sua desqualificação de um grupo religioso que trouxe ao Brasil em 2001 uma exposição itinerante com a história de sua perseguição e confinamento em campos de concentração pelo regime nazista, os Triângulos Roxos. Nos textos de Castan escritos a partir de 2001, é comum a citação do livro *A Indústria do Holocausto*, do escritor americano Norman Finkelstein, que denuncia uma suposta indústria de exploração da barbárie nazista que, segundo o autor (Finkelstein), cria mais e mais vítimas com o objetivo de obter milionárias indenizações do governo alemão e grandes empresas acusadas de colaboração com Hitler. Finkelstein, no entanto, não nega a existência do holocausto – seus pais foram vítimas – ele critica o que chama de indústria de exploração em torno de um evento tão significativo. Mas os panfletos da Revisão Editora buscam os argumentos que comprovam sua tese, no caso a denúncia à indústria do holocausto. Finkelstein é tratado como grande pesquisador pelos revisionistas – mesmo não negando o holocausto. Outro ponto a ser observado no texto que transcrevemos a seguir é a concordância total com a forma autoritária de governo, principalmente na lógica da punição das Testemunhas de Jeová por se recusarem a prestar o serviço militar obrigatório na Alemanha de Hitler, nesta lógica, a prisão dos “rebeldes” em campos de concentração é perfeitamente natural.

Esclarecimento ao país: Triângulos Roxos – Vítimas ou criminosos?

*Novas vítimas do nazismo estão se apresentando em nossa Pátria, com sugestiva exposição fotográfica, tudo fazendo parte do organizado trabalho ligado à INDÚSTRIA DO HOLOCAUSTO, título do livro-denúncia editado pela Record, **de autoria do professor universitário judeu de Nova York, NORMAN FINKELSTEIN**, que entrevistado pela preocupada Folha de S. Paulo, no dia 24/02/2001, desejosa para saber o motivo por ter escrito essa bombástica obra, o autor informou ter crescido numa casa de sobreviventes de Auschwitz e Majdanek, seus pais, ouvindo a reação negativa dos mesmos sobre a comemoração e aos livros que eram publicados sobre o holocausto; enfim o que era comemorado e o que era ainda escrito eram diferentes daquilo que seus pais contavam em casa!*

As novas auto-denominadas vítimas desta vez são os TRIÂNGULOS ROXOS, um agrupamento totalmente desconhecido por este nome, mas identificado como TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, visando, com essa exposição, na Assembléia Legislativa do RGS, não apenas mostrar seu sofrimento e martírio durante a II GM, mas através dela também fornecer certa credibilidade às outras conhecidas vítimas, que já

se apresentaram tantas vezes com exposições em Porto Alegre, Brasil e pelo mundo, onde construíram até vários museus, mas cujas histórias se encontram em xeque permanente pelas revelações de “Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século”, a “Indústria do Holocausto” e muitos outros excelentes trabalhos históricos.

Nós que pesquisamos e conhecemos o assunto há mais de 40 anos, sempre procurando a Verdade Histórica, sentimo-nos obrigados a transmitir algumas informações e esclarecimentos totalmente necessários a respeito, visando, principalmente, evitar que o Poder Judiciário, políticos, militares, advogados, professores, o povo em geral, e mais especialmente os alunos de colégios e universidades, que geralmente são atraídos ou levados em grande escala para assistir esse tipo de exposições, sejam eventualmente enganados por falsa divulgação e propaganda.

Em todas as partes do mundo, inclusive no Brasil, quem não presta ou recusa o serviço militar, ou o abandona, sofre punições que levam à cassação de direitos políticos, de cidadania e até prisão, fato que se agrava enormemente quando o país estiver em estado de guerra. Na Alemanha não era diferente, e muitos membros das Testemunha de Jeová recusavam o serviço militar alegando questões religiosas, e pior ainda, através de milhões de revistas que publicavam em todo mundo, faziam ostensiva propaganda contra o governo constituído, fato que levou os rebeldes serem internados, como prisioneiros políticos, em campos de concentração, onde recebiam, para rápida identificação, uma braçadeira contendo um triângulo roxo. As pessoas que eram internadas por terem cometido delitos comuns eram identificados com um triângulo verde.

*Vejamos agora o que o Sr. Paul Rassinier, político francês da esquerda, membro da resistência anti-alemã, por experiências vividas em campos de concentração alemães e José Llorens Borrás, professor da Universidade de Barcelona e com sólida preparação jurídica, citam no livro do último intitulado “Crimenes de Guerra”, em espanhol, publicado pela Editora Acervo em 1958. Referindo-se a vida em campos de concentração, informa que originalmente os mesmos eram totalmente controlados por soldados alemães; com o desenvolvimento da guerra em várias frentes, os soldados foram sendo transferidos para os campos de batalha, restando o Comando Geral e os guardas externos para evitar fugas. Para substituí-los na organização e ordem dos campos, foram criadas os *Häftlingführung* (Controle do campo pelos detidos de confiança), que compreendia toda uma gama de auxiliares diretos: os *Kapos* (polícia do trabalho), os Chefes do Bloco, os Escriturários, Encarregados de Departamentos, etc., que passaram a ser os controladores da vida interna do campo sobre os quais recaía a responsabilidade sobre tudo que lá ocorria!*

Essa missão foi confiada pelo Comando Alemão aos TRIÂNGULOS ROXOS, que repartiam as funções com os Triângulos Verdes e outros. Ambos grupos estavam em perpétua luta, mas os Triângulos Roxos, por serem mais eficientes, acabaram se impondo em vários campos de concentração. (...) Antigos prisioneiros que viveram um tempo sob as ordens exclusivas dos soldados alemães, e posteriormente sob o controle e ordens dos Triângulos e outros, reconheceram, por unanimidade, que os primeiros eram melhores e mais humanos.

Informações baseadas em Paul Rassinier e José Llorens Borrás em “Crimenes de Guerra”.

Porto Alegre, 17 de julho de 2001

OBS: O Presente Esclarecimento é dado em busca da Verdade Histórica e em cumprimento do art. 66º dos Estatutos do CNPH (Centro Nacional de Pesquisa História)⁶², que visa dar corretas informações à população em geral sobre qualquer controvérsia histórica, podendo até ajuizar judicial ou extrajudicialmente conforme dispõe o art. 5º, inciso XXI da Constituição Federal.

⁶² Organização de caráter “reviscionista” fundada em 1994 em Porto Alegre - RS

A ênfase dada pelos revisionistas em opiniões técnicas, dadas por professores de renomadas universidades, de preferência com o título de Doutor antes do nome, permeia os principais textos da Revisão Editora, justamente porque são elementos do pensamento de seu proprietário e autor principal – a crença nas palavras de uma elite, no caso uma elite intelectual.

*Em 1988, graças ao **Professor Robert Faurisson**, da Universidade de Lyon, França, de Ernst Zündel, de Toronto, Canadá, dois dos maiores pesquisadores revisionistas do mundo, foi possível que o **Engenheiro Fred A. Leuchter Jr.**, projetista e fabricante de câmaras de gás nos Estados Unidos, aceitasse a missão de viajar com sua equipe técnica para a Polônia e examinasse as alegadas câmaras de gás de Auschwitz, Birkenau e Majdanek – as famosas FÁBRICAS DA MORTE, tão difundidas e exploradas há 47 anos.*

O relatório desse especialista consta no livro “Acabou o gás... o fim de um Mito”. O parecer nega de forma clara a possibilidade de existência de tais câmaras. Esse exame, totalmente técnico, nunca tinha sido efetuado anteriormente e a explicação é simples: se tivesse sido efetuado logo após a derrota alemã, essa mentira não teria se criado. Graças ao poder de divulgação maciça e repetitiva dessa farsa, em todo o mundo, as câmaras de gás tornaram-se uma “verdade histórica.” (CASTAN, 1992, p. 20-21)

Castan coloca sobre os ombros de “pesquisadores-professores” a responsabilidade de contestar uma suposta “mentira do século”. A relação normalmente é feita colocando um argumento histórico-político – como por exemplo agressões de poloneses aos alemães no período imediatamente anterior ao início do conflito mundial (portanto a culpa é da Polônia), com “análises” estatísticas sobre população judaica antes e após a Segunda Guerra. Mostra a impossibilidade da morte de 6 milhões de judeus e ilustra com depoimentos de cientistas e *experts* em, por exemplo, câmaras de gás. Essa linha argumentativa aparentemente surte efeito e dá um caráter ou aparência acadêmica, agregando o respeito que isso usualmente traz junto ao senso comum, conquistando o leitor que busca novos parâmetros ou explicações para suas frustrações ou, genuinamente, passa a ver de uma maneira diferente os citados eventos históricos.

No livro *SOS Alemanha*, Castan divulga uma correspondência entre “professores” da qual transcrevemos alguns pontos:

O principal motivo desta, é para te fazer algumas colocações sobre um tema polêmico, e que de passagem abordamos. Tínhamos opiniões opostas sobre o assunto... Lembras qual era? “NAZISMO” e “FASCISMO” (E há tantos “ISMOS” por este mundinho de hoje, usados como chavões para desprezar,

pisar, ralhar, etc.). (...) Não nos esqueçamos que os primeiros cristãos, durante 200 anos, tiveram que sobreviver nas catacumbas. (...)

Tu disseste que o autor do livro “HOLOCAUSTO JUDEU OU ALEMÃO?”, meu particular amigo Siegfried Ellwanger Castan “segundo teus professores do curso de pós-graduação de Sociologia de Belo Horizonte”, seja um desequilibrado mental, neo-nazista, retrogrado, louco e não sei mais quê...! Em primeiro lugar, quero deixar claro que tenho o maior respeito pelas opiniões de outras pessoas, por mais adversas às minhas que elas sejam. Desde que sejam coerentes e lógicas, é claro.

Mas vamos por etapas. Para ponto de partida, devemos lembrar que existem duas histórias. a) a história oficial é a contada pelo vencedor ou dominador e está contida nos livros de história, de inspiração judaico-americana, onde a metade é mentira e do resto pouco ou nada é verdade! A HISTÓRIA VERDADEIRA, sobre a qual o vencido ou o dominado deve calar e concordar com o vencedor e/ou dominador, esta vem com décadas de atraso? Há alguma dúvida sobre isso? (...)

*Vejo muita semelhança entre a nossa Guerra do Paraguai e a II Guerra Mundial. No primeiro caso, cem anos foram necessários para que de uma vez por todas tivéssemos o direito de sabermos “UM POQUINHO ao menos” sobre aquela pouca duma vergonha. (...) Quando será que Norman Shelley revelará outras tantas sobre o **porco imundo e beberão que foi Churchill?**!, “grande homem”. E se o historiador oficial, dessa “inqualificabilidade” que fora Churchill pudesse falar a VERDADEIRA VERDADE? Pobre Martin Gilbert...!*

Se alguém, por uma questão de ideologia, quiser ser adversário de Nazismo e Fascismo, tudo bem! Mas, vamos ver a alguns pontos. A real situação da Itália e Alemanha antes da ascensão destes regimes. Quando em 30.01.1933, Adolf Hitler assumiu o governo na Alemanha, a situação era caótica (... e em muito se assemelhando a do Brasil de hoje)! 6.000.000 de desempregados...! A indústria, a economia, eufemisticamente falando “deixavam a desejar”! A corrupção andava às soltas... Passava bem uma pequena elite, que vivia do suor alheio. Quem trabalhava andava de mal a pior... (...como no Brasil de hoje)! Se foi por “milagre ou por quê” não sei, só sei que no Natal daquele ano todos os alemães comemoravam novamente “um Natal”! (...)

*Espero que não me leves a mal o que estou te colocando. Todo fato histórico merece ser “revisto, questionado, debatido e analisado”! Apenas estranho que os professores teus, num curso de pós-graduação em Sociologia, em Belo Horizonte, tenham afirmado que o livro do Sr. S.E. Castan seja desprovido de qualquer “quê” de verdade...! Tu também disseste que o leras, dando boas risadas, pelos absurdos e coisas desconexas que ele apresenta... Perdoe-me a franqueza, mas se isso se sucedeu contigo, então tu leste o livro muito mal e com a cabeça feita... Eu igualmente o li. E o li muito bem, modéstia à parte... E se professores de cursos de pós-graduação chegam a conclusões, como tu disseste, **estaria aí, então, mais uma prova do porquê o ensino no Brasil anda tão mal... (...)**! Que tipo de professores, desprovidos de qualquer espírito crítico eles se propõem a formar?! Aliás, eu lembro de ter conhecido professores, pós-graduados em Belo Horizonte, que até na peste suína africana chegam a acreditar... (...)! Bota alienação e o “oposto de espírito crítico nisso, tchê...”! Agora quando em 5 de abril de 1988, o **Engenheiro Americano FRED A. LEUCHTER JR**, concluiu o seu já mundialmente famoso “The Leuchter Report – The End of a Myth”, onde este EXPERT americano “prova cientificamente” que não houve câmaras de gás nos campos de concentração de AUSCHWITZ, BIRKENAU e MAJDANEK, como é que ficarão aqueles “inventores de filmes, baseados em livros”, tentando difamar, a todo plano, o Nacional-Socialismo Alemão...? (...)*

Àqueles professores, mesmo sendo de cursos de “pós”, eu sugeriria a leitura desse e de outros livros... Que procurem “ver a outra face da história” também, deixando de lado estúpidos preconceitos contra alemães e italianos, bem como de outros POVOS ordeiros e trabalhadores.(CASTAN, 1992, p. 78-82)

Não é só Castan e sua editora que reconhecem e buscam a simpatia dos jovens estudantes. De um modo ou outro, as principais linhas correspondentes aos grupos observados, em vários momentos fazem referencia à importância do estudo e do diálogo dos respectivos grupos com o maior número possível de jovens alunos e universitários. Sintetizando o conteúdo das mensagens e panfletos, o ensino é tratado exclusivamente como instrumento para obtenção do progresso pessoal e os alunos, com a garantia de um futuro próspero proporcionado pelo estudo, são “matéria-prima” inestimável a qualquer grupo ideológico.

Nome: Andrew McDonald⁶³

*Tendo em vista o crescimento no número de brancos consciente e esclarecidos sobre as questões de nossa sobrevivência. O fundamental agora, no entanto, é que tenhamos uma boa estrutura, principalmente estrutura pessoal. Com isso quero dizer que é importante que passemos a levar a SÉRIO nossa independência e auto-suficiência. Esse reconhecimento é especial para os mais jovens. **Muitas vezes, temos conflitos na família, com vizinhos, etc. Em geral é a regra. Estamos cercados de elementos anti-sociais ou anti-brancos, fruto da disgenia dominante e da lavagem cerebral anti-branca.** Por isso, sempre devemos estar preparados para qualquer conflito: verbal, físico, chantagens, etc. Conheço a história de muitos camaradas com problemas. Portanto gostaria de dar alguns conselhos:*

- *terminem o colégio (ou façam o supletivo) custe o que custar;*
- *se estão em uma faculdade, terminem (custe o que custar)*
- *procurem estudar para entrar em algum concurso público cujo ambiente seja tolerável. (o mercado de trabalho é duro e os cargos públicos podem ser uma boa opção pois são estáveis e costumam pagar ainda bem, dependendo do cargo); vá atrás de curso preparatórios e de jornais que anunciem esses concursos;*
- ***cuide do corpo tanto quanto do intelecto. Ninguém precisa ser uma “biblioteca ambulante” para ser NS, mas é bom sempre conhecer o básico de história e de biologia, pois sempre pode acontecer de encontrarmos alguém com mentiras sofisticadas pela frente. Cuidar do físico e de defesa pessoal também é fundamental, porque muitas vezes nossos oponentes se transformam em agressores. Tenha auto-controle e aja fria e calculadamente, sempre que necessário;***
- ***aprenda inglês, custe o que custar.** Tenha um bom dicionário para consultar, tente ler textos em inglês (mesmo que pequenos) TODOS OS DIAS, e tente entrar em chats em inglês. Copie o que os gringos falam. Em pouco tempo você estará se comunicando;*

⁶³ Retirado de site White Power < www.libreopinion.com/members/whitehounor >, em maio de 2002.

- **BONS HÁBITOS:** o que fazemos repetidas vezes (segundo os psicólogos, cerca de 20 vezes) se torna um hábito. Reflita sobre seus hábitos que considera negativos que tem atualmente e tente eliminá-los. Substitua por outros bons hábitos. Tente criar hábitos que ajudem seu progresso.
- Devemos ter independência total, procurar ter nossa própria vida e poder absoluto para decidir com quem vamos interagir e procurar ter nossa própria renda (se for um negócio próprio melhor ainda);

Tenham isso em mente e vamos fortalecer nosso movimento. Saudações NS.

No depoimento acima encontramos todas características da educação como adaptação. A primeira parte da tarefa educativa, a adaptação, que para Adorno (1995) precede e segunda parte, a educação para a emancipação, é tratada aqui com final de aprendizado. Em momento algum o discurso racista mostra medo de encontrar na educação aconselhada alguma barreira. A educação aqui é instrumental e como tal serve a qualquer objetivo. A reflexão é condicionada, pasteurizada: “aprenda inglês”, “tenha bons hábitos”. Como é exclusivamente **adaptação**, a educação torna-se terreno fértil para manipulação, pois ela serve somente a objetivos específicos, foge de contradições, usa apenas o que precisa desprezando o não essencial. Nas mãos de hábeis e carismáticos formadores de opiniões (como professores, por exemplo), esse jovem formado pela escola do raciocínio condicionado e estreito na amplitude dos limites de sua possibilidade acaba encontrando a interlocução com a complexidade do “mundo lá fora”. Essa interlocução vem com a simplificação, com pensamentos prontos e ideologias definidas que traduzem o incompreensível (a realidade), mesmo a tradução sendo fictícia.

Quando surgem barreiras às idéias transmitidas pelos movimentos, como perguntas históricas por exemplo, a mentalidade legalista se encarrega de oferecer a solução.

ADVERTÊNCIA

A interpretação de fatos históricos recentes e ainda não definitivamente esclarecidos e cujos protagonistas ou descendentes, ainda vivos, ou grupos sociais ou nacionalidades possam ser de alguma maneira prejudicados por interpretações errôneas ou de má fé, baseadas em interesses escusos ou confissões obtidas sob tortura, chantagem psicológica, moral, ou qualquer outro constrangimento da livre expressão da vontade, NÃO PODEM SER ENSINADOS E MUITO MENOS EXIGIDOS COMO RESPOSTAS DEFINITIVAS E INCONTESTÁVEIS EM CURSOS, PROVAS, TESTES, EXAMES OU QUESTIONÁRIOS DE QUALQUER ESPÉCIE.

Essa eventual cobrança e as conseqüências daí advindas, principalmente se ferirem a consciência e o livre arbítrio do questionado é PASSÍVEL DE INTERPELAÇÃO JUDICIAL junto às instituições de ensino que as exigirem ou imporem.

Ficam portanto, desde agora, todos informados desta possibilidade, ao mesmo tempo que informamos que o CENTRO NACIONAL DE PESQUISAS HISTÓRICAS (...) coloca-se à disposição para auxiliar alunos e mestres, na elucidação de dúvidas e questionamentos quanto ao “holocausto” e outras questões polemicas relativas ao período da II Guerra Mundial, colocando, outrossim, seu departamento jurídico a disposição, com orientação, para alunos que, por desventura, venham a sofrer os constrangimentos acima referidos. (CASTAN, 1992, p.45)

Grupos nacionalistas buscam nos estudantes universitários a colaboração para divulgação de suas idéias, como exemplificado no e-mail transcrito abaixo. O reconhecimento do potencial juvenil está justificado na correspondência.

CARTA AOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS⁶⁴

Prezados companheiros e companheiras Estudantes Universitários

*Como todos sabem o AMBIENTE UNIVERSITÁRIO é hoje um dos principais campos de luta dos Movimentos Sociais no País e no Mundo. **É nele que está sendo gestada a geração dos que vão dirigir os rumos da sociedade. Sendo assim, desde logo, um local onde nossas idéias têm que estar presentes e em debate permanente.***

Afinal trata-se da defesa de um direito humano fundamental pouquíssimo conhecido no Brasil e por isso tão freqüentemente combatido, mais por falta de conhecimento de causa.

Pensando nisso, o Movimento O Sul é Meu País produziu e imprimiu 500 MINI OUT DOOR, cujas cópias pretendemos afixar em cada uma das Universidades dos três Estados Sulistas. (...)

Assim, solicitamos que todos nossos simpatizantes, militantes e lideranças que tem algum vínculo no ambiente universitário para que nos ajude a desempenhar esta tarefa que com certeza trará diversos benefícios a Causa, especialmente o benefício do Debate sadio de um tema da capital importância num mundo cada vez mais internacionalizado. (...)

Um fraterno abraço libertário do tamanho do Sul

Movimento O Sul é Meu País

Grupo de Estudos Sul Livre – GESUL

O lema comumente atribuído a Goebbels, Ministro da Propaganda do Reich, uma mentira repetida muitas vezes torna-se uma verdade, serve como argumento à denúncia da Castan contra uma suposta mentira transformada em verdade absoluta, e ao mesmo tempo a esperança de que sua idéia, repetida em todos os seus livros e panfletos, por mais simplista que possa parecer, acabe por angariar mais e mais adeptos. Não é nossa intenção neste trabalho fazer o julgamento da argumentação de Castan e dos livros publicados por sua

⁶⁴ E-mail recebido em março de 2002, transmitido para diversos estudantes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

editora no que se refere à ocorrência ou não do holocausto. Nossa preocupação aqui é uma avaliação do papel desempenhado pelos textos e livros do autor, e esse papel, reconhecido não somente em testemunhos, mas visível no conteúdo e nas formas de divulgação, é a propagação da intolerância. em diversos momentos em sua obra, Castan apela para a força da miscigenação racial brasileira, no entanto prega o nacional socialismo de Hitler, a ideologia da supremacia racial.

*De modo todo particular recomendo à liderança da nação e a seus colaboradores a rigorosa manutenção das leis raciais e a impiedosa oposição contra o envenenador mundial de todos os povos: o judaísmo internacional.*⁶⁵

Não há ainda um mapeamento preciso das relações entre os diversos movimentos e grupos que pregam a intolerância como forma legítima de poder. Em muitos momentos ficou claro a ligação entre os grupos e partidos políticos organizados de extrema-direita. Desde o final da década de 1960, na Inglaterra, com a cooptação de jovens *skinheads* pelo *National Front*, tornou-se cada vez mais comum a relação próxima dos partidos extremistas com os jovens envolvidos com os grupos mais radicais.

Na grande confusão ideológica que envolve essas ligações nos diferentes pontos da Europa e aqui no Brasil, que misturam racismos com homogeneização e integralismos, mirando hora em judeus, hora em imigrantes africanos ou turcos, mas sempre tendo alvos em sua mira, a intolerância política consegue assim manter sua força como opção “segura” ao caos da violência e desemprego. No Brasil diversos partidos foram criados para tentar explorar politicamente os movimentos conhecidos aqui como Carecas e White Powers, derivados de grupos punks e skinheads, cada um com suas características e particularidades. O Partido Nacional-Socialista, criado por Armando Zanine na década de 1980 sintetiza essa tentativa e o fracasso na forma patética como é visto pelos próprios jovens. O que não significa que não há possibilidades de uma organização futura, sonho dos ideólogos da internet.

⁶⁵ Trecho do Testamento Político de Hitler, divulgado no site da Revisão Editora < www.revision.com.br >, em maio de 2002.

A repetição de discursos e textos na internet, nos mais variados locais do planeta, revela uma organização. Talvez não nos moldes do famoso plano judeu denunciado nos *Protocolos*, mas uma ligação estreita e freqüente entre partidos e movimentos na Europa e América. Mais do que confirmar essa ligação, nossa intenção é registrar a existência dos movimentos e sua linguagem, bem como algumas de suas técnicas operacionais descritas através de sua própria propaganda. Com isso pretendemos, a partir dos capítulos iniciais, tentar mostrar como os elementos e características do pensamento intolerante tornam-se visíveis, e essa visibilidade é perceptível nas urnas eleitorais européias, nas ruas e praças de São Paulo onde homossexuais e nordestinos sofrem agressões, nas bibliotecas das escolas e universidades onde livros que pregam uma história sem o holocausto do povo judeu, nas saídas de escolas em Florianópolis onde White Powers distribuem panfletos convidando à temporada de caça aos pretos. Enfim, do macro ao micro, da intolerância política global ao ato violento e racista do nosso cotidiano.

5 REFLEXÕES FINAIS

Intolerância é a convicção de que os outros não pensam, não sentem, não reagem como nós (qualquer que seja esse “nós”).

HÉRITIER

“Não julgue com seus olhos.” A frase que inicia esta dissertação sobre o pensamento intolerante sintetiza de certa forma a complexidade da relação com o “outro”. Um relacionamento necessário e, no entanto, uma dificuldade permanente. A convivência do “eu” com o “outro” pode resultar – e resulta normalmente – em pequenas brigas, bate-bocas e discussões comuns do cotidiano. A tensão entre subjetividade e a necessidade de convivência pode também resultar nos exemplos mais dramáticos de barbárie de nossa história.

O conceito de intolerância é normalmente relacionado a grandes exemplos de maldades. Procuramos nesta dissertação ampliar sua concepção: intolerância é a desvalorização do outro, não importa o grau. O objetivo desta ampliação foi abraçar com o conceito, atos que cometemos diariamente, pequenos exemplos de preconceito e discriminação que não relacionamos com intolerância, contudo, começamos a mostrar aqui que é a partir de características comuns a todos nós que a intolerância encontra seu espaço e se solidifica.

Uma idéia ou pensamento sedimentado no senso comum sempre nos pareceu extremamente míope, o discurso tão comum de “civilização” em oposição à “barbárie”, que adota conceitos históricos para traçar uma linearidade darwinista que caminha do mundo primitivo (bárbaro) chegando à moderna civilização (a ocidental, acima do equador), tendo como ponto final uma sociedade evoluída – habitada por seres inteligentes, eficientes e incapazes de atos violentos.

No entanto, o último século foi o de Dresden, Hiroxima, Nagasaki e Ruanda; da “Solução Final”, e da limpeza étnica – palavras que representam a matança de milhares ou

milhões de pessoas e um sofrimento incomparável. O progresso tecnológico que inspirou o otimismo dos séculos XIX e XX também representou a multiplicação dos efeitos da maldade à moda antiga, sem risco de exagero, foi o século do progresso tecnológico, mas foi também o século da intolerância.

O século que começa tem seu início marcado pela data 11 de setembro de 2001 e, novamente, a intolerância parece ser sua principal parceira. Se o holocausto do povo judeu foi exemplo na nossa reflexão, os novos tempos têm na violência dos judeus israelenses a comprovação de que nosso “rumo evolutivo” parece circular em torno de barbáries. Emblematicamente, a imagem de palestinos exibindo tatuagens numeradas em seus braços, feitas para “controle de prisioneiros” pelo exército de Israel, é significativa da falência da esperança de um verdadeiro aprendizado histórico que nos livre dos erros cometidos.

Também emblemático, o ataque da maior força militar do planeta, com sua incomparável tecnologia de guerra, contra uma nação semidestruída por décadas de guerras e guerrilhas, presa a um tempo descrito como próximo da Idade Média, revela o enorme poder do pensamento maniqueísta na implementação da intolerância. A “batalha do bem contra o mal”, ou o brado “você está com nós ou contra nós” reforçam a presença de características que possibilitaram as destruições passadas e que agora se apresentam como perspectiva do nosso futuro.

A partir da análise dos exemplos autoritários e sua “evolução” totalitária, encontramos as características que mostram a ligação de elementos intolerantes no decorrer da nossa história política. Características que aparecem nos diversos regimes “intolerantes” mas que se apresentam em qualquer forma de governo, mesmo as democráticas, formando a personalidade propensa ao pensamento intolerante

O “vazio de pensamento” – a irreflexão, a mentalidade hierarquizada, o individualismo egoísta com sua competitividade degenerada, para autores como Hannah Arendt, Theodor Adorno e Herbert Marcuse formam a essência da personalidade autoritária e que, coletivamente, possibilitaram a ascensão do totalitarismo. Mas tais características não são exclusivas a determinado sistema político, a uma ideologia. São parte do pensamento individual e encontram cada vez mais espaço na civilizada modernidade contemporânea.

Além de investigar o passado intolerante, mostramos que as barbáries e holocaustos foram coordenadas por pessoas comuns, com características pessoais que não só são encontradas atualmente, como talvez com muito mais força.

A irreflexão, o “vazio de pensamento” como chamou Hannah Arendt, condena nossa capacidade de comparação, permitindo às ideologias transmitir seu discurso único como lei universal. A impossibilidade de encarar a complexidade faz com que a mente irreflexiva procure idéias claras, pensamentos prontos. Frases feitas e clichês são sua forma de comunicação, a maneira de conseguir se expressar ao mundo exterior e a forma que encontra para falar a si mesmo dando motivação e ânimo em situações difíceis.⁶⁶ Arendt, em *Origens do Totalitarismo*, descreve a “maldade” totalitária comparando-a ao “mal radical” – a perversão do coração – de Kant. Ao acompanhar o julgamento de Eichmann, a autora parece reavaliar sua posição. O subtítulo *A Banalidade do Mal* usado em seu livro sobre Eichmann mostra que a maldade extrema não foi executada por demônios sob a imposição de uma ideologia maléfica, mas por pessoas comuns, seres banais. Zygmunt Bauman, ao comparar a barbárie nazista com a busca da modernidade pela eficiência, pelo planejamento e controle técnico, chega a afirmar “o Eichmann em cada um de nós”.

O vazio de pensamento não é a falta de conhecimento, a ausência de educação formal, ao contrário. É precisamente através da racionalidade instrumentalizada – a “razão instrumental” conforme descreve Adorno – que a barbárie totalitária pôde ser implementada. A ciência transformada em mercadoria juntamente com o conhecimento produzido tornou-se parceira fundamental da intolerância. O ser irreflexivo não pertence a uma determinada classe social, não é exclusivo a um gênero ou a uma religião, ele se encontra democraticamente distribuído, surgindo com veemência em locais onde uma certa arrogância o julga ausente, como na comunidade acadêmica.

⁶⁶ Atualmente cerca de 40% das estantes das grandes livrarias é ocupada por manuais de “auto-ajuda”. Manuais que aspiram traduzir a complexidade do mundo para a compreensão do cidadão comum, orientam o comportamento nas mais diversas situações, como numa entrevista para obter um emprego, alterações na relação familiar ou uma tentativa de conquistar sexualmente um parceiro. Aos felizes leitores do manual está reservada a chance de pertencer à turma dos vencedores. (fonte: Livrarias Catarinense)

A ambigüidade da racionalidade pode contribuir para a emancipação do indivíduo como pode ser o instrumento de sua opressão. Sob esta perspectiva a Teoria Crítica contrapõe razão instrumental e razão reflexiva. A primeira, ligada ao desenvolvimento vertiginoso das ciências naturais tornou-se a base (ou sinônimo) da nossa educação institucional. A razão reflexiva, caracterizada pelo aprofundamento de matérias filosóficas e políticas, encontra-se quase ausente (numa visão otimista) do contexto educativo, impedindo seu real objetivo emancipatório – a habilidade de alguém poder pensar, julgar e agir sob sua própria consciência e responsabilidade.

Para Adorno a educação deve compor duas etapas, a adaptação e a emancipação. A mercantilização da cultura e da ciência consagrou pseudoconhecimento ou semicultura como ideais de aprendizagem. O que estamos vendo no mundo é a massificação da educação voltada para adaptação em detrimento do ensino dedicado a emancipação humana, este último de caráter mais reflexivo contrapondo o evolucionismo das ciências naturais, servindo de subsídio para a formação do cidadão capaz de julgar e avaliar de acordo com uma postura ética e moral pensada e discutida no ambiente de ensino.

A mercantilização dos valores colocou no mesmo patamar os princípios pedagógicos com a lógica de mercado – caracterizada pela divisão do mundo em vencedores e perdedores. Assim a competição entre alunos, antes uma forma já questionável de incentivo ao aprendizado individual, naturalizou-se como conduta exemplar de desenvolvimento estudantil – a educação “voltada para as dificuldades do mundo lá fora, o mundo da competição”. O princípio da competição, particularmente utilizado em escolas, de diferentes regimes políticos, como um instrumental pedagógico por excelência, reforça o caráter exclusivo de adaptação da educação institucional, afastando cada vez mais a aprendizagem da razão reflexiva.

Nazismo e fascismo utilizaram a capacidade doutrinária da educação para modificar o reconhecido potencial transformador da juventude para uma espécie de anti-revolução, a perpetuação do regime opressor vigente. O ensino político tornou-se, sob estes regimes, a irreflexão, formando e incentivando o pensamento condicionado que aceita e responde a comandos prontos e pré-estabelecidos baseados no culto ao partido, ao líder e seus símbolos.

O ensino histórico era arma da doutrinação, resgatando nomes, fatos e eventos de acordo com os interesses do sistema presente. O conceito de adaptação, formador da educação atual, é um indicativo do pensamento conservador, que trata o jovem como elemento passivo de assimilação cultural, facilitando a sua cooptação por ideologias que têm na estratificação, na desigualdade, na exclusão, sua base discursiva.

Diferente da doutrinação totalitária, a educação política para Adorno é parte da emancipação, pois, é essencial ao pensamento reflexivo – essa é a grande distinção. O totalitarismo nazista buscava no ensino político a formação de “soldados de uma idéia”, conseguindo com isso retardar o final inevitável de uma batalha perdida, fornecendo aos campos de luta milhares de jovens educados sob a política hitlerista, quando os soldados regulares não tinham mais possibilidade de deter os exércitos aliados. O que Adorno considera educação política é justamente o ensino emancipatório que permita a possibilidade de uma reflexão, um julgamento que analise e reflita mesmo diante da imposição de um sistema, uma rebeldia diante do discurso único.

No final da década de 1960, quando questionado se distúrbios de rua na cidade de Bremen, provocados pela violenta manifestação de jovens estudantes contra um aumento abusivo das tarifas de transporte público poderiam ser considerados uma prova do fracasso da educação política nas escolas alemãs – pois os jovens teriam assumido uma postura bárbara diante de uma decisão governamental que permite várias interpretações, Adorno responde:

Se existe algo que as manifestações dos secundaristas de Bremen demonstra, então é precisamente a conclusão de que a educação política não foi inútil como sempre se afirma; isto é, que essas pessoas não permitiram que lhes fosse retirada a espontaneidade, que não se converteram em obedientes instrumentos da ordem vigente. (ADORNO, 1995, p. 159)

Vencedores e perdedores. A mentalidade hierarquizada é outra das características aqui ressaltadas do pensamento intolerante. Também ligada à irreflexão – mas não só a ela – o pensamento estratificado vê o mundo dividido em camadas. Há sempre uma ordem, uma hierarquia que deve ser mantida e respeitada – a síntese do autoritarismo. Este pensamento se caracteriza, na sua essência, pela impossibilidade de encarar as pessoas como iguais, há sempre diferenças que motivam uma divisão natural entre os homens. Freud lembra que

sempre haverá o amor desde que possamos ter um inimigo para unificar nossos ódios. A mentalidade estratificada é a essência dos modernos movimentos nacionalistas europeus, onde o “outro” é um ser metamórfico, assumindo formas distintas conforme a conveniência do momento político – mas sempre um alvo. Pode ser o imigrante ilegal, o imigrante legal, os judeus e homossexuais, enfim, de acordo com a possibilidade maior de aglutinações de ódios e preconceitos e canalização para seu potencial eleitoral, o “outro” atrai a ira provocada por frustrações pessoais e inspira, “democraticamente”, os eleitores de partidos de extrema-direita. É esta face intolerante do nacionalismo que ganha visibilidade nos depoimentos e textos dos movimentos extremistas que circulam pela internet.

Ao longo de todo o trabalho de coleta e análise de textos e depoimentos relacionados à intolerância, mostrados no último capítulo desta dissertação, o termo “vazio de pensamento” usado por Hannah Arendt permaneceu sempre em nossa mente. O pensamento hierarquizado alia-se ao pensamento vazio, produzindo depoimentos que registram o direcionamento de frustrações pessoais como desemprego e relacionamentos amorosos mal sucedidos, para movimentos que prometem a solução radical dos problemas através da intolerância coletiva. Prometem a exclusão dos causadores de todos os males. Frases prontas e clichês, a adesão a uma ficção proposta – o país livre dos “estranhos” – já que a realidade complexa implica na insegurança, a sensação de não saber o que está acontecendo ou vai acontecer pois não podemos controlar todas as variáveis. É exatamente esta a proposta extremista, controlar a diversidade, inibir as forças que disputam espaço com o “verdadeiro povo”.

Entre as distinções possíveis a partir dos testemunhos observados, talvez a mais clara seja a divisão precisa dos ideólogos ou “articulados” como alguns se denominam e os seguidores. Utilizando linguagem clara e informativa, com o uso freqüente de termos científicos e citações de pesquisas “fundamentais”, como, por exemplo, a comprovação científica da superioridade de uma raça sobre outras através da evolução do QI, os articulados centralizam as discussões em torno dos temas de seu interesse e conquistam certo respeito pela capacidade de exposição.

Os revisionistas retornam ao passado para justificar seu racismo presente. Os livros da Revisão Editora, maior expoente revisionista no Brasil, buscam a absolvição alemã dos massacres da II Guerra, não por uma questão de justiça histórica, mas para inocentar um regime opressor da prática da mais cruel opressão, tentando mostrar que no autoritarismo (sem vínculo com a barbárie) esta a melhor forma de condução política de uma sociedade ordeira, segura e familiar.

Os jovens *White Power* ou Nacional-Socialistas não procuram prioritariamente a ordem e a segurança, mas acreditam na supremacia de sua raça sobre todas as outras, crêem no seu direito a um mundo melhor, criado em cima de restrições impostas aos “outros”. O desemprego é culpa de imigrantes de outras regiões, a solidão é culpa da miscigenação racial – já que negros e nordestinos roubam suas mulheres brancas, a pobreza é culpa dos sionistas, enfim, todos os problemas podem ser resolvidos com a eliminação dos “outros”, os concorrentes.

Os “seguidores” misturam seu ódio particular com as diversas ideologias extremistas disponíveis. As contradições de defender a pureza racial em um país miscigenado, defender separatismos regionais com argumentos nacionalistas, aparecem nos depoimentos carregados de palavrões e brados de ordem contra negros, nordestinos, homossexuais, judeus, .etc. Para estes jovens a rebeldia está na luta contra uma sociedade “hipócrita” que, na sua ótica, tenta impor uma convivência racial totalmente inviável. É natural que o inspirador desses grupos seja o “maior rebelde da história”, Hitler. E a supremacia racial torna-se uma bandeira contestadora.

Nos canais de debates virtuais, a maior parte dos participantes pertence ao grupo de “seguidores”, girando mensagens com alguma frequência em torno dos ideólogos assíduos. A confusão de interpretações dos textos e teorias apresentadas nestes canais não atenua o resultado final, a conclusão “óbvia” aos jovens da impossibilidade de conviver com a diferença.

O diagnóstico de Umberto Eco sobre a imbecilidade do racismo de *Mein Kampf* pode perfeitamente ser estendido aos textos divulgados pela ala “articulada”, encontrados na rede.

Na linha do “acredita quem quer acreditar”, os livros revisionistas questionam a ocorrência do holocausto do povo judeu através de investigações “complexas e elaboradas” sobre a construção de câmaras de gás ou de dados insuspeitos do recenseamento judeu, mas não questionam a essência do racismo agressivo nazista contido no livro de Hitler, ou os vinte cinco pontos do programa nazista que oficializavam o espaço vital exclusivo para os arianos, ou ainda das Leis de Nuremberg. A argumentação apela para vontade de seus seguidores deixarem de lado uma reflexão mais profunda, dando vazão a sua intolerância pessoal para confiar em nomes e números expostos em abundância nos livros e materiais revisionistas. Os articulados pregam a união defendendo a segregação, querem segurança incentivando o ódio aos migrantes. As novas ficções seguem prometendo um mundo melhor enquanto incentivam o medo e a violência.

Revisionistas, germanófilos, skinheads White Power, Nacional-Socialistas, todos têm em comum a visão utilitarista da educação. Para os intelectuais a educação formal serve de aval para garantir legitimidade a seus “revolucionários” estudos raciais ou revisionistas. Para os jovens skins e os Nacional-Socialistas, a educação pode assegurar a dominação sobre raças “perpetuamente incultas”. Em qualquer situação o conhecimento formal mostra-se incapaz de promover algo semelhante à tolerância (mesmo no sentido de paciência), quanto mais um sentimento verdadeiro de reconhecimento e respeito ao diferente. As palavras e pensamentos expostos nos textos e depoimentos revelam o sucesso da sedução da busca pela facilidade fictícia, a irreflexão.

A filosofia de Adorno pede uma maneira de pensar o mundo que não se entrega diante das facilidades de um raciocínio condicionado a permanecer na superfície do dado imediato. Ele defende a manutenção de um pensamento que ensina a ler as entranhas de cada objeto analisado. A Teoria Crítica é avessa a sistemas filosóficos, idéias e pensamentos fechados, que não permitem uma intervenção crítica. A educação é um sistema que não pode ceder ao vício de “fechar o círculo”, estabelecendo dogmas e doutrinas eternizadas. O caminho do ensino para emancipação passa por essa “dolorosa” fuga das facilidades. Pela aceitação da crítica – das idéias opostas – ao invés da tradicional e confortável formação de “panelas” – grupos que pensam o mesmo sobre as mesmas coisas.

Nas palavras de Arendt, “encarar a realidade e resistir a ela, qualquer que seja”. Aceitar que vivemos em um mundo cheio de contradições, onde a certeza sobre algo futuro é quase uma impossibilidade e que sistema político nenhum vai mudar isso. Nenhuma ideologia milagrosa pode atenuar o “sofrimento” de estar diante do estranho, do diferente. Só o reconhecimento, a empatia e o respeito a essa diferença pode resultar em uma considerável mudança do atual rumo. Mas este reconhecimento, a empatia e o respeito, parecem tão distantes quanto a intolerância se encontra próxima.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO T. e HORKHEIMER, M. *Textos Escolhidos* (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ADORNO, T. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. *The authoritarian personality*. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1950.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARRET-DUCROCQ, F., et al. *A Intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância / Academia Universal das Culturas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BARROSO, G. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Porto Alegre: Revisão Editora, 1989.

BAUMAN, Z. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BEUTER, I. *Drama de um povo*. Palmitos-SC: Ed. Unijuí, 1995.

BOBBIO, N. MATTEUCCI, N. PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. 5º ed. Brasília: UnB, 2000, 2 v.

CASTAN, S. E. *A implosão da mentira do século*. Porto Alegre: Editora Revisão, 1992.

_____. *E. S O S para a Alemanha*. Porto Alegre: Revisão, 1990.

COHN, G. (org). *Adorno: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.

COSTA, M. R. da. *Os “carecas do subúrbio”: caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Vozes, 1993.

- FROMM, E. *O coração do homem: seu gênio para o bem e para o mal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- GLOCK, C. *Neonazistas no Brasil: eles crescem nas sombras*. In: “Revista Atenção”. Porto Alegre: ano 01 nº 1, 1995.
- GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre Sociologia e História da juventude moderna*. Rio de Janeiro: DIFEL. 2000.
- HITLER, A. *Minha Luta*. São Paulo: Moraes, 1983.
- HOBSBAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LEVI, G. (org). *História dos Jovens 2: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MAGALHÃES, M. B. de. *Pangermanismo e Nazismo – a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas-SP: Editora UNICAMP / FAPESP, 1998.
- MANNHEIM, K. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.
- MARCUSE, H. Algumas implicações sociais da moderna tecnologia. In: *Praga – Revista de Estudos marxistas*, nº 1, set/dez 1996.
- _____. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.
- MATOS, O. C. F. *Os Arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MAZOWER, M. *Continente Sombrio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MINAYO, M. C. de S., et al. *Fala galera: Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MORIN, E. *O Problema epistemológico da complexidade*. São Paulo: Publicações Europa-América, 1990.
- ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- PUCCI, B.; OLIVEIRA, N. R. de; ZUIN, A. A. S. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1999.

_____. (org). *Teoria Crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

SALEM, H. *As tribos do mal: o neonazismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Atual Editora, 1995.

SOUKI, N. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

SOUZA, T. R. de. *Mundo contemporâneo e totalitarismo: os limites da diferença*. São Paulo: PUC, 1998.

WECK, J. T. *Neo-nazistas e grupos urbanos (breve descrição do fenômeno)*. Monografia (TCC de graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

JORNAIS

KENNEDY, A. *Bombardeio americano ao Afeganistão*. Folha de São Paulo, São Paulo, 9 de out. 2001.

NOTÍCIA. *A França está com medo*. Folha de São Paulo, 8 de set. de 2001.

MACIEL, M. *Neonazistas contra imigrantes*. A Notícia, Joinville, 14 de out. 2001.

SITES NA INTERNET

< www.libreopinion.com/members/wpss/whitepowerskins.html >

< www.libreopinion.com/members/nswelt >

< www.libreopinion.com/members/whitehonour >

< www.libreopinion.com/pnt/programa >

< www.libreopinion.com >

< www.revision.com.br >

< www.revision5.b3.nu >